

NOS PASSOS DE

Marcelino Champagnat

SEGUNDA
EDIÇÃO
2023

MISSÃO
EDUCATIVA
MARISTA

Instituto dos Irmãos Maristas
© Casa Generalizia dei Fratelli Maristi delle Scuole
P.le Marcellino Champagnat, 2
00144 Roma – Itália
comunica@fms.it
www.champagnat.org

Realização: Departamento de Comunicações da Administração Geral

Ilustrações: Mauricio Negro

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central
Luci Eduarda Wielganczuk – CRB 9/1118

<p>159n 2023</p>	<p>Instituto dos Irmãos Maristas Nos passos de Marcelino Champagnat: Missão Educativa Marista Instituto dos Irmãos Maristas. – 2. ed. – Roma: Casa Generalizia dei Fratelli Maristi delle Scuole Fratelli Maristi, 2023</p> <p>240 P. Bibliografia: p. 212-222</p> <p>ISBN: 979-12-80249-36-4</p> <p>1. Irmãos Maristas. 2. Igreja Católica – Educação. 3. Escolas católicas. 4. Champagnat, Marcelino José Bento, Santo, 1789-1840. I. Título.</p> <p>CDD 20. Ed. – 271.79</p>
----------------------	---



NOS PASSOS DE

Marcelino Champanat

SEGUNDA
EDIÇÃO
2023

MISSÃO
EDUCATIVA
MARISTA



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
INTRODUÇÃO	11
PARTE I	
CAPÍTULO 1	
NOS PASSOS DE MARCELINO CHAMPAGNAT	19
Fiel a Deus e a seu povo numa época de crise	21
Em sua infância e juventude	21
Durante o período fundacional	24
Um educador para nosso tempo	27
Um empreendedor com visão prática e inovadora	27
Liderança servidora	28
Educador de crianças e jovens	28
Formador de educadores cristãos	29
Continuamos seu projeto	30
CAPÍTULO 2	
MARISTAS EM MISSÃO, NA IGREJA E NO MUNDO	33
Continuando o sonho de Marcelino	35
Um só povo, um só espírito, muitos dons	35
Testemunhas do carisma	36
Juntos na missão	39
Corresponsáveis	41
PARTE II	
CAPÍTULO 3	
PRESENTES ENTRE AS CRIANÇAS	
E OS JOVENS, ESPECIALMENTE OS MAIS VULNERÁVEIS	47
Caminhamos com as crianças e os jovens	50
Promovendo a pastoral juvenil marista	51
Cuidamos dos que sofrem	52
Em defesa de seus direitos	54
Cooperando na missão de Deus	56

CAPÍTULO 4

SEMEADORES DA BOA NOVA	59
Apresentamos Jesus	61
Abertos ao Espírito	63
Em nossa missão de evangelizar por meio da educação	64
Vamos mais além	67
Partimos das experiências das crianças e dos jovens	68
Com forte sentido de vocação	70

CAPÍTULO 5

COM ESTILO MARISTA PRÓPRIO	73
Do jeito de Maria	76
Espírito de família	77
Presença	79
Simplicidade	80
Amor ao trabalho	81
Fidelidade criativa ao carisma de Marcelino	83

PARTE III

CAPÍTULO 6

EM NOSSAS OBRAS EDUCATIVAS	87
Criando a cultura do encontro	90
Em comunidades educativas evangelizadoras	93
À luz da tradição marista	95
Hoje e sempre	96
Nas escolas	96
Nas obras sociais	100
Na educação superior	104
Em outras áreas de missão	107
MENSAGEM FINAL: OLHAMOS ALÉM	111
ORAÇÃO: SENHOR, FORTALECE NOSSO COMPROMISSO	118
PERGUNTAS PARA REFLEXÃO E TROCAS DE IDEIAS	121
NOTAS EXPLICATIVAS	129
BIBLIOGRAFIA	212
SIGLAS	222
REFERÊNCIAS	223
ILUSTRAÇÕES	237

**Nos passos de Marcelino Champagnat,
Maristas em missão, na Igreja e no mundo,
presentes entre as crianças e os jovens
especialmente os mais vulneráveis,
somos semeadores da Boa Nova,
com estilo marista próprio,
em nossas obras educativas.**

APRESENTAÇÃO

8 de dezembro de 2023,
Solenidade da Imaculada Conceição de Maria.

Nesta importante festa mariana, desejamos compartilhar com o Instituto Marista este documento atualizado *Nos passos de Marcelino Champagnat: Missão Educativa Marista*.

Neste ano de 2023, o documento original completa 25 anos de sua elaboração, difusão e aperfeiçoamento, para animar a missão educativa do Instituto. A renovação recente das *Constituições e Estatutos* (2020), somada à criação da *Regra de Vida* (2020), e o desenvolvimento do Plano Estratégico da Administração Geral (2017) criaram um marco adequado para articular uma readaptação do conteúdo da *Missão Educativa Marista*. Assim, oferece-se ao Instituto um documento que preserva as intuições fundamentais do texto de 1998 e articula outras realidades, propostas e orientações a partir de uma visão contemporânea. Numa perspectiva integral, foram incorporados de modo mais claro as vozes dos agentes, os espaços de missão, os conteúdos, os valores e as propostas educativas e evangelizadoras que respondem à realidade atual do mundo marista. É um texto que, além de inspirador, busca animar o caminho dos maristas em missão “olhando além”, para um futuro cheio de esperança e de desafios.

Agradeço à Comissão Internacional Marista para a Revisão do Documento *Missão Educativa Marista* pelo trabalho realizado: Ceciliany Alves Feitosa (Brasil Centro-Sul), Irmão Nchang Cho (África Centro-Occidental), Irmão Michael De Wass (Ásia

do Sul), Amaya Espuelas (Ibérica), Bartolomé Gil Garre (Mediterrânea), Irmão Hank Hammer (USA), Irmão Salvador Hidalgo (Compostela), Adriana Kampff (Brasil Sul-Amazônia), Joan Palma (Ásia Oriental), John Robinson (Estrela do Mar); da Administração Geral, os Irmãos Carlos Alberto Rojas (diretor do Secretariado de Educação e Evangelização), Ángel Diego García (diretor do Secretariado de Solidariedade), Valdicer Fachi (diretor do Departamento de CMI); os Irmãos Luis Carlos Gutiérrez (vigário geral) e Ben Consigli (conselheiro geral), vínculos do Conselho com o Secretariado de Educação e Evangelização. No decorrer do processo contamos com o apoio e o acompanhamento do Irmão Joseph Mckee (Distrito Ocidental da Europa Central) como facilitador. Agradeço ao Secretariado de Educação e Evangelização pela coordenação e acompanhamento da renovação deste documento.

Essa equipe trabalhou intensamente desde 2021. Realizaram, além disso, consultas a grupos de Irmãos e leigos do Instituto e apresentaram a versão final ao Conselho Geral para aprovação. Este, depois de ter oferecido algumas contribuições, aprovou o documento em setembro de 2023. Agradeço a todos por suas contribuições e ideias.

Este é um documento que continuará sendo de grande ajuda para a missão que nós, Maristas de Champagnat, realizamos. O mais importante é viver os valores evangélicos e nossos valores maristas adaptando-os ao contexto atual, de modo a nos mantermos fiéis ao carisma que herdamos. Esse é um dom que recebemos por meio de São Marcelino Champagnat e dos primeiros Irmãos e que evoluiu e se enriqueceu ao longo de mais

de 200 anos, graças à colaboração, ao testemunho e à entrega de muitas gerações de Irmãos, leigos e leigas a serviço da educação e da evangelização das crianças e dos jovens, com atenção especial aos mais negligenciados. Agradeço a todos os que se empenham para continuar mantendo vivo o sonho de São Marcelino Champagnat.

Irmão Ernesto Sánchez, Superior-Geral

INTRODUÇÃO

Cada um de nós tem a própria experiência pessoal do que significa ser educador marista. Cada contexto em que estamos presentes possui sua própria trajetória e suas particularidades. Como família global temos igualmente uma tradição e uma história que nos irmana e nos orienta. Com o desejo de continuar atualizando a expressão de nossa herança educativa comum e como meio para indicar novas formas de viver o carisma de Marcelino Champagnat no século XXI, o Plano Estratégico da Administração Geral (2017-2025), respondendo aos apelos, princípios e sugestões do XXII Capítulo Geral (2017), propôs de se fazer a revisão do documento *Nos passos de Marcelino Champagnat: Missão Educativa Marista*,¹ 25 anos após sua primeira publicação.

Sabemos que herdamos uma grande dádiva na pessoa de Marcelino e em suas intuições educativas, assim como nos educadores maristas que foram inspirados por ele. Desejamos ser criativamente fiéis a essa herança e responder às necessidades dos jovens de hoje, como nos tempos de Marcelino Champagnat. O

¹Em 1853, os Irmãos publicaram *Guide des Écoles*, resultado de sua experiência e de suas reflexões sobre as próprias vivências e orientações educativas de Marcelino Champagnat. Eles sentiram a necessidade de dispor de um texto de referência, uma fonte de inspiração e de unidade. Os Capítulos Gerais posteriores solicitaram sua revisão à luz da diversidade crescente de situações e de leis relacionadas à educação, assim como dos métodos educativos. Especialmente depois do Concílio Vaticano II, os sucessivos Capítulos Gerais refletiram com profundidade sobre o apostolado marista, chegando em 1998 a publicar a primeira edição deste documento.

que motiva este texto é reavivar nossa adesão à missão marista e nos animar a oferecer o testemunho de nossa dedicação a favor das gerações jovens.

A RESPEITO DESTE DOCUMENTO

A primeira edição de *Missão Educativa Marista* (1998), que teve grande aceitação, deixou por escrito o núcleo constitutivo de nosso estilo educativo, recompondo a visão fundamental e nossos princípios e valores. Por 25 anos este documento gerou vida e entusiasmo nos educadores das diversas partes do mundo marista, colocando em evidência nossa vocação comum.

O texto que apresentamos aqui se propõe a refletir as mudanças que ocorreram no mundo, na Igreja e em nosso Instituto, e que são relevantes para a educação marista hoje, somadas aos apelos para sermos, nos sentirmos e atuarmos como grande família global a serviço das crianças e dos jovens. Este documento possui a riqueza de nossa internacionalidade, reconhecendo que sua adaptação e aplicação vão exigir esforço de reflexão nas distintas realidades.

*Nos passos de Marcelino Champagnat: Missão Educativa Marista*¹¹ quer ser um documento vivo, que nos incita a permanecer constantemente abertos às novas realidades, com a capacidade de contextualizá-lo em cada um dos espaços em que nos estabelecermos, e que pede de nós entusiasmo para agir com decisão em face dos desafios que se apresentam.

¹¹Nesta segunda edição do documento (2023), as edições em espanhol, inglês e português adotam o título dado em 1998 à versão em língua inglesa: *In the footsteps of Marcellin Champagnat: Marist Educational Mission*, com seu correspondente em espanhol *Tras las huellas de Marcelino Champagnat: Misión Educativa Marista*. Em português: *Nos passos de Marcelino Champagnat: Missão Educativa Marista*.

Alinhado com a caminhada do Instituto em nossa história recente e levando em conta os destinatários e os ambientes que vão receber este documento como marco de referência, ao fazer uso do termo “marista”, nós espelhamos nele a experiência e o trabalho compartilhados de Irmãos, leigas e leigos na missão de educar crianças e jovens.^{III} Na verdade, este texto é resultado de um processo de revisão e atualização realizado por uma comissão internacional composta de “maristas” que vivem o carisma em suas vocações específicas.

ESTRUTURA

O documento é constituído de três partes. A primeira (capítulos 1 e 2) apresenta a pessoa de Marcelino, inspirando-nos, como maristas e seguidores seus, a crescer em corresponsabilidade no desempenho da nossa missão. A segunda (capítulos 3, 4 e 5) recolhe nossa visão educativa junto às crianças e aos jovens, a quem nos propomos servir, com atenção especial aos mais vulneráveis, assim como nosso compromisso de evangelizar por meio da educação e nosso estilo marista próprio. A terceira (capítulo 6) é dedicada ao trabalho que realizamos em nossas diversas obras educativas.

Nesta nova edição, o capítulo 3, “Presentes entre as crianças e os jovens, especialmente os mais vulneráveis”, amplia a compreensão e os compromissos associados à nossa atuação educativa. A participação mais ativa das crianças e dos jovens, a defesa de seus direitos e sua proteção concretizada em políticas

^{III}A intenção do texto é inclusiva (Irmãos, Irmãs, leigas, leigos, meninas, meninos, os adolescentes, as adolescentes, os jovens, as jovens). Ao longo do documento, exceto quando for preciso, serão aplicadas as regras gramaticais vigentes na língua portuguesa.

adequadas e bem executadas, a educação para a cidadania e a solidariedade global e o cuidado da Terra, “nossa casa comum”, são, entre outros, desafios em destaque de nosso tempo com os quais queremos nos comprometer.

Do mesmo modo, o capítulo 6 retoma o campo da educação marista e inclui diversas áreas de atuação: escolas, obras sociais e instituições de educação superior. Sob o título “Em nossas obras educativas maristas”, apresenta aspectos comuns das áreas e elementos específicos de cada uma delas. Essa diversificação obedece ao desejo de se compreender em profundidade o ideal de Marcelino e de responder à situação sempre em mutação das crianças e dos jovens.

Por outro lado, nos últimos anos, tomamos maior consciência da importância da ação global e sinérgica no Instituto para promover a vitalidade e a viabilidade da missão. As redes maristas mencionadas no documento mostram o modo de aproveitarmos o potencial de nossa riqueza internacional e intercultural, tornando-nos mais conscientes de nossa interdependência e fortalecendo nossos vínculos como família global.

Com todas as mudanças e novas contribuições, esta segunda edição reflete o desafio permanente de manter como finalidade precípua de nossa missão a evangelização das crianças e dos jovens, assim como a prioridade de trabalhar com os mais vulneráveis. Sermos inovadores nessa tarefa é inerente à nossa fidelidade como discípulos e discípulas de Jesus no estilo de Marcelino Champagnat.

ALGUMAS OBSERVAÇÕES

Servindo-nos de notas explicativas, citamos as fontes originais de onde provêm as ideias que expomos, usando especificamente

referências maristas, eclesiais e da Bíblia. *Nos passos de Marcelino Champagnat: Missão Educativa Marista* une-se a outros documentos que ultimamente permitiram atualizar e expressar a realidade e os desafios que o Instituto vive neste momento de sua história. Nesse sentido, convidamos vocês a ler este documento relacionando-o com outros textos que aprofundam e complementam o caráter apostólico do carisma.

Para facilitar a leitura destas páginas, em cada parágrafo colocamos em destaque palavras e frases significativas. Os termos “educação” e “educador” são usados em seu sentido mais amplo. Mesmo que possa parecer repetitivo, optamos por usar a expressão ampliada “crianças e jovens”^{IV} para nos referirmos a todos os destinatários de nossa missão.

Adotamos o tempo verbal presente no decorrer do texto para expressar os ideais que pretendemos atingir. Este documento é conscientemente voltado para o futuro e aponta um caminho para frente. Convidamos vocês a se servirem dele para a reflexão pessoal e coletiva, a serem receptivos aos apelos que contém e os usarem para idealizar, planejar e avaliar suas tarefas nos contextos locais e regionais.

UMA PALAVRA FINAL

Expressamos nosso sincero agradecimento a todos os que contribuíram na elaboração deste documento em suas etapas de redação, tradução, consulta e correção nas duas edições. Agradecemos igualmente aos maristas que, à luz deste documento, con-

^{IV}Geralmente, a expressão “crianças e jovens” segue as normativas internacionais em que se definem como crianças todos os sujeitos até 18 anos e como jovens todos aqueles até 29 anos.

tinuarão sendo vida e esperança para as crianças e os jovens, estejam onde estiverem. Seu serviço como marista faz a diferença!

Juntos na missão,

Comissão Internacional Marista para a Revisão do Documento
Missão Educativa Marista,
6 de junho de 2023.

Parte I



Nos passos de Marcelino Champagnat¹

1. Jesus Cristo e a missão de Deus foram o centro da vida de Champagnat. Como discípulo de Jesus, Marcelino Champagnat é a inspiração que nutre a missão educativa marista. Guiado pelo Espírito, iniciou nossa trajetória educativa com seus primeiros seguidores. A realidade muda com seus próprios tempos e circunstâncias, mas seu espírito dinâmico e sua visão permanecem vivos em nossos corações. Deus o escolheu para levar a esperança e a mensagem do amor de Jesus às crianças e aos jovens da França em sua época. Deus nos inspira a fazer o mesmo hoje.

FIEL A DEUS E A SEU POVO NUMA ÉPOCA DE CRISE

2. No período em que Marcelino viveu (1789-1840), a Europa foi cenário de grande agitação cultural, política e econômica e de **crise na sociedade e na Igreja**. As ideias sobre o progresso social, liberdade, igualdade e fraternidade que provinham da Revolução Francesa causaram impacto até nos lugares mais afastados. Esse foi o ambiente em que Marcelino cresceu e foi educado, o contexto que o levou a dar resposta fundando o Instituto dos Irmãos de Maria, conhecidos como Irmãos Maristas.²

EM SUA INFÂNCIA E JUVENTUDE

MARLHES (1789-1805)

3. Marlhes, o povoado em que Marcelino nasceu, era um lugar marcado pelas dificuldades próprias de um ambiente rural.

A maior parte dos adultos e dos jovens eram semianalfabetos ou analfabetos. O **impacto da Revolução** foi sentido também nesse lugar. O pai de Marcelino desempenhou papel relevante, em contexto local, nesse movimento social.

4. Três pessoas da família contribuíram de modo particular na modelagem do caráter de Marcelino. Seu pai, homem empreendedor, inteligente e trabalhador, influenciou em sua formação como **bom cidadão**. Sua mãe e sua tia foram para ele modelos e guias na condução de seus primeiros passos como **pessoa de fé**, ajudando-o a aprofundar-se na fé e na vida de oração e despertando nele a proximidade e devoção a Maria.
5. Devido à escassez de oportunidades e à falta de mestres competentes que às vezes maltratavam os alunos,³ Marcelino teve dificuldades no início de sua **formação intelectual**. Em dado momento, abandonou a escola e se dedicou ao trabalho na propriedade da família. Teve de compensar a falta de base nos estudos com o desejo constante de aprender e com o bom-senso natural, piedade, força de caráter, habilidade prática e determinação.⁴ Com essa realidade pessoal, Marcelino respondeu generosamente ao chamado de Deus, apesar de ser um adolescente pouco alfabetizado. Mais à frente, vai superar seus contratempos iniciais, completar com êxito seus estudos e continuar a aprender ao longo da vida.

VERRIÈRES – LYON (1805-1816)

6. Durante os anos no seminário menor de **Verrières** (1805-1813), Marcelino compreendeu o valor do esforço e da dedicação para

aceitar e superar suas fragilidades, aproveitar suas fortalezas e não ceder ao desânimo. Desse modo e com o apoio de outros, deu continuidade ao desejo de ser sacerdote e ingressou no seminário maior de **Lyon** (1813-1816). Ali recebeu formação teológica e espiritual ministrada por sacerdotes que haviam sofrido as adversidades da Revolução Francesa e suas consequências. Nesse período turbulento, Lyon, lugar histórico de espiritualidade mariana, converteu-se em ponto de partida de numerosos projetos missionários e apostólicos.

7. Foi nessa terra cristã e mariana que germinou a **Sociedade de Maria**, impulsionada por um grupo de seminaristas, entre eles Marcelino.⁵ Eles viam a si mesmos compartilhando o que chamaram de obra permanente de Maria: ajudar a nascer e alimentar a vida de Cristo neles próprios e naqueles aos quais serviam. Em 23 de julho de 1816, no conhecido santuário mariano de Nossa Senhora de Fourvière, prometeram formalmente instituir a Sociedade.⁶ Eles a imaginaram composta de sacerdotes, religiosos e leigos. Desde os primeiros momentos, Marcelino manifestou a convicção de que a Sociedade deveria incluir um ramo de **Irmãos dedicados ao ensino**,^v para trabalhar com crianças e jovens privados de educação cristã nas zonas rurais remotas.⁷

^vQuando falamos de “ensino”, referimo-nos ao contexto histórico. Atualmente preferimos a palavra “educação”, que inclui todos os domínios educativos: educação formal e não formal, obras sociais etc. Igualmente, quando usamos “professores e catequistas”, referimo-nos no século XXI a todos os envolvidos na missão. Mantivemos “professores e catequistas” porque esta primeira parte do documento possui caráter mais histórico.

DURANTE O PERÍODO FUNDACIONAL

LA VALLA (1816-1825)

8. Ordenado sacerdote em 22 de julho de 1816, Marcelino foi designado coadjutor em La Valla, paróquia situada numa região montanhosa,⁸ em que havia muitos vilarejos isolados, que precisavam de **renovação educativa, moral e religiosa**. A burguesia liberal em crescimento, mesmo dando apoio a obras de caridade, estava mais interessada em criar uma elite do que preocupada com a educação das crianças e dos jovens das áreas rurais. Apesar de algumas iniciativas paroquiais, não se dava muita atenção pastoral às crianças e aos jovens dos povoados. Além disso, o ensino como profissão gozava de tão pouco prestígio e era tão mal remunerado que só atraía candidatos cuja competência e preparo eram muito insuficientes. Tudo isso impressionou Champagnat.

9. Na experiência vivida com um **jovem agonizante**,^{VI, 9} que ia morrer sem ter sequer ouvido falar de Deus, Marcelino percebeu o clamor de milhares de jovens que, como esse rapaz, eram vítimas de trágica pobreza espiritual e material. Esses fatos confirmaram sua intuição inicial e o levaram a **entrar em ação**.¹⁰

^{VI}Esse fato, que passou a ser chamado de “experiência Montagne”, é o relato do encontro entre Champagnat e um “rapaz doente”, que representa a realidade do descuido espiritual e da pobreza material das crianças e dos jovens na área rural de La Valla. O menino doente e João Batista Montagne parecem ser historicamente duas pessoas diferentes. Ao usarmos a expressão “experiência Montagne” nós nos referimos aos muitos casos que puderam ser atendidos pelo Padre Champagnat em circunstâncias similares e que o levaram a fundar o Instituto e a expandi-lo.

10. Em 2 de janeiro de 1817,¹¹ Marcelino reuniu seus primeiros discípulos.¹² Logo, alguns mais se juntaram a eles. **La Valla se converteu no berço dos Irmãos Maristas.** Assim começava uma aventura maravilhosa espiritual e educativa no meio da pobreza, com a confiança depositada em Deus e em Maria.
11. Os **primeiros Irmãos**, todos provenientes de famílias rurais pobres, constituíam um grupo diversificado, com diferentes disposições, conforme o caso, para uma vida de oração, contemplação e atividade apostólica.¹³ Marcelino os acolheu “como se tivessem sido enviados pela própria Virgem Maria”. Entre eles estavam: Jean-Marie Granjon (Irmão João Maria), Jean-Baptiste Audras (Irmão Luís), Jean-Claude Audras (Irmão Lourenço), Antoine Couturier (Irmão Antônio), Barthélemy Badard (Irmão Bartolomeu), Gabriel Rivat (Irmão Francisco), Claude Fayolle (Irmão Estanislau) e Jean-Baptiste Furet (Irmão João Batista).
12. Marcelino **transmitiu seu entusiasmo apostólico e educativo** a esses Irmãos. Viveu entre eles. Ensinou-os a ler, a escrever e a calcular, a rezar e a viver cotidianamente o Evangelho em comunidade, e a se tornarem mestres e religiosos educadores.¹⁴
13. Em pouco tempo, Champagnat os enviou aos povoados mais afastados da paróquia para que ensinassem às crianças, por vezes também aos adultos, os fundamentos da religião¹⁵ e as primeiras noções de leitura. Entre 1817 e 1824, fundou uma escola primária em La Valla e usou esse mesmo espaço para a formação de educadores, onde os jovens Irmãos faziam sua prática de ensino.¹⁶

L'HERMITAGE (1825-1840)

14. No decurso de 1824 a 1825, a pequena comunidade tinha aumentado, e Marcelino teve que construir uma grande casa de formação, num vale próximo à Saint Chamond. Deu-lhe o nome de *L'Hermitage de Notre-Dame* (posteriormente *Notre-Dame de l'Hermitage*, Nossa Senhora da Hermitage). Essa casa se tornou, ao mesmo tempo, **lar para a vida** religiosa e comunitária dos Irmãos e **centro de formação** de educadores.¹⁷
15. Na medida do possível e de acordo com as exigências legais, Marcelino ofereceu a seus discípulos **formação humana, espiritual e profissional** inicial e continuada. L'Hermitage, portanto, pode ser visto como berço da **pedagogia marista**.¹⁸
16. Com o passar do tempo, esse espaço foi se convertendo também no centro de uma **rede de escolas primárias** cada vez mais numerosa e mais bem organizada. A opção que Marcelino e os Irmãos assumiram foi a de reduzir o máximo possível a contribuição econômica dos alunos e, conseqüentemente, de levar, eles mesmos, **uma vida austera**.¹⁹ A primeira edição impressa da *Regra de Vida dos Pequenos Irmãos de Maria* (1837) estruturou ao mesmo tempo a vida religiosa comunitária e seu trabalho nas escolas.²⁰
17. **Com um coração sem fronteiras**, Marcelino se viu interpelado por outras realidades de seu tempo e deu assistência a pessoas em situação de vulnerabilidade e excluídas da sociedade, como órfãos, idosos abandonados e pessoas com necessidades físicas.²¹

18. Do mesmo modo, **em L'Hermitage teve origem a atividade missionária da congregação**, em 1836, quando três Irmãos foram enviados à Oceania²² com um grupo de padres maristas.²³ O próprio Marcelino escreveu estas palavras a um bispo que lhe pedia Irmãos: “Todas as dioceses do mundo entram em nossos planos”.²⁴

UM EDUCADOR PARA NOSSO TEMPO

UM EMPREENDEDOR COM VISÃO PRÁTICA E INOVADORA

19. Desde jovem, Marcelino demonstrou capacidade de **visão de futuro e empreendedorismo**. Ainda adolescente, alimentou o desejo de construir um futuro como agricultor, interessando-se ativamente pela criação e venda de cordeiros.²⁵ Ao ouvir o chamado de Deus, redirecionou esse entusiasmo e energia para a preparação de sua missão como sacerdote.
20. Por estar próximo das pessoas de sua região, **identificado com seu entorno** e consciente da desvantagem que tinham diante de um mundo em mudança, Marcelino **ousou imaginar** outras possibilidades muito além das que percebiam os responsáveis pela Igreja e os governos de sua época. Seu **empenho e dinamismo** o levaram a reunir seguidores para fundar uma nova comunidade religiosa seis meses após sua ordenação. A origem desse vigor apostólico era sua **confiança em Deus e em Maria, e seu amor pelas crianças e pelos jovens**.²⁶

21. Com o objetivo de consolidar a obra dos Irmãos, não teve dúvidas em agir de modo **realista, prático e resiliente**. Foi realista e prático adquirindo terrenos e casas, construindo, reformando e ampliando edifícios para adequá-los à vida e à formação da comunidade religiosa.²⁷ Foi resiliente ao enfrentar e resolver os problemas, como podemos constatar em seu esforço para conseguir o reconhecimento oficial da Congregação.²⁸

LIDERANÇA SERVIDORA

22. Marcelino se transformou em um líder autêntico, cultivando um modo particular de liderança com decisão e comprometimento. Foi líder servidor:²⁹ “arregaçou as mangas da batina e, com determinação, cortou as pedras e construiu a casa de L’Hermitage”.³⁰ Seu estilo, caracterizado pela proximidade, presença e cuidado de **“pai” e irmão**, inspira outros no serviço e na liderança da missão marista.³¹
23. A chave de sua liderança consistiu, essencialmente, em **empoderar** seus Irmãos. Criou um sistema para **formar líderes**, especialmente os diretores de suas escolas, em áreas como administração, contabilidade, exercício da responsabilidade, relação com os demais Irmãos e trabalho em equipe.³²

EDUCADOR DE CRIANÇAS E JOVENS

24. Com o tempo, Marcelino se tornou um **bom educador**. Em Marlhés, nas férias do seminário, reunia crianças e até adul-

tos, que vinham de longe para assistir às aulas de catecismo.³³ Em La Valla, o jovem coadjutor transformou a paróquia com seu senso de acolhida, simplicidade afável e a preparação cuidadosa do catecismo e dos sermões do domingo, unindo, assim, fé e vida.³⁴

25. Ele demonstrou ainda ser um **educador comprometido com a juventude**. Seu sucesso em transformar os jovens que aspiravam a se tornar Irmãos em bons educadores cristãos era extraordinário. Marcelino vivia com eles, dava-lhes o exemplo e os ajudava a evoluir humana e espiritualmente, convertendo-se em referencial para suas vidas. O segredo de seu êxito como educador estava na **simplicidade e modéstia** que mostrava no relacionamento com esses jovens seguidores e na **confiança** neles depositada.³⁵
26. Com eles elaborou e aperfeiçoou **um sistema de valores educativos** tomando como inspiração Maria, educadora de Jesus em Nazaré.³⁶ Marcelino se esforçava para criar um clima de bom relacionamento com as crianças e os jovens. Demonstrou ainda espírito **inovador** ao incorporar ao ensino os **métodos pedagógicos mais efetivos** em sua época.^{37, 38}

FORMADOR DE EDUCADORES CRISTÃOS

27. Marcelino manifestava **interesse pessoal** por todos os seus Irmãos, orientava-os espiritualmente, acompanhava-os, animava-os para se prepararem de forma adequada e lhes confiava responsabilidades. Visitava suas escolas e dava assistência a cada Irmão em sua missão de mestre e catequista.^{39, 40}

28. Incutiu neles uma **espiritualidade** sustentada na presença de um Deus amoroso e fiel.⁴¹ Essa espiritualidade se inspirava em **Maria**, nossa Mãe⁴² e modelo na missão, e transparecia na fraternidade vivida em comunidade. Marcelino apresentava-lhes o amor de Jesus no Presépio, na Cruz e no Altar,⁴³ não apenas como tema para meditação pessoal, mas para lembrá-los de que eram chamados a manifestar esse mesmo amor aqui na Terra. O amor que Marcelino sentia pelos pobres é modelo para quem responde ao nome de “marista”.⁴⁴
29. Marcelino desenvolveu um sistema de **formação permanente** que incluía tanto a teoria como a experiência prática e se baseava na comunidade. Sobretudo nos primeiros anos, as férias de verão eram aproveitadas para aperfeiçoar os conhecimentos dos Irmãos e seus métodos educativos mediante trabalho individual e em grupo, exames e conferências.⁴⁵

CONTINUAMOS SEU PROJETO

30. Ao longo de sua vida, Marcelino trabalhou arduamente para consolidar sua família religiosa de educadores. Viveu a experiência da cruz, com inúmeras decepções, dificuldades e contratempos, mas **manteve firmes sua esperança e seu ideal**. Quando faleceu, em 6 de junho de 1840, essa família contava com 48 escolas e 280 Irmãos, que desempenhavam suas tarefas como educadores, catequistas e missionários.
31. Irmão Francisco e os primeiros Irmãos continuaram sua obra com entusiasmo. Com espírito de fé e ousadia, seus sucesso-

res a expandiram pelos cinco continentes. Marcelino foi canonizado em 18 de abril de 1999. O testemunho de sua vida e carisma se converte, assim, em **dom para a Igreja**, para o mundo e para todos os que compartilhamos e mantemos seu sonho.



Maristas em missão, na Igreja e no mundo

CONTINUANDO O SONHO DE MARCELINO

32. Onde quer que encontrasse pessoas dedicadas à formação cristã das crianças e dos jovens, Marcelino as apoiava e animava.¹ Desde os primeiros tempos de La Valla e L'Hermitage, muitos homens e mulheres, atraídos por sua personalidade e carisma, foram chamados pelo Espírito para viver a vocação marista e responder às necessidades de nosso tempo.²
33. Os diferentes modos de vivermos nossa vocação batismal **se iluminam mutuamente**.³ Viemos de experiências e culturas muito diferentes, mas cada um de nós foi tocado de modo singular pelo espírito de Marcelino Champagnat.⁴ Todos nós somos **corresponsáveis** pela missão.⁵

UM SÓ POVO, UM SÓ ESPÍRITO, MUITOS DONS⁶

34. A raiz do que entendemos por **missão compartilhada** se encontra na experiência de intimidade entre Jesus, seus discípulos e a Igreja que se expressa numa comunhão compartilhada e missionária.⁷ Essa comunhão reflete a natureza divina de Deus – Pai, Filho e Espírito Santo – em unidade perfeita.⁸ Como um só povo, saímos a proclamar o Evangelho a todos, sem medo nem exclusão. Sentimos o chamado à unidade a partir da celebração festiva da diversidade de nossos dons, sabendo que a criação de Deus reflete a riqueza de talentos e habilidades.⁹ Como cristãos, somos convidados a viver um

mesmo Batismo, que nos une a Cristo e aos demais, numa mesma missão. Abraçando os princípios da sinodalidade, reconhecemos a importância de ouvir e discernir as vozes de todos os membros da Igreja enquanto caminhamos juntos na fé e na missão.¹⁰

35. Inspirados pelo **único Espírito** de Deus, os cristãos e os que professam outra fé¹¹ nos sentimos unidos em torno de um **conjunto comum de valores que dão vida**^{VII} à educação e que são fundamentais em nossa visão e prática educativa. Juntos, damos o melhor de nós mesmos, a fim de proporcionar às crianças e aos jovens os meios necessários para atingirem seu pleno potencial na vida, incluindo o crescimento na fé e a participação responsável na sociedade.¹²

TESTEMUNHAS DO CARISMA

36. A vida de Marcelino é exemplo do **poder renovador da ação de Deus** na história humana. Seu carisma é **dom** que compartilhamos pela ação do Espírito Santo.¹³ É dom único, que nos impulsiona a **seguir a Cristo como o fez Maria**. Vivemos assim o Evangelho com abertura e transparência, em comunidade, e atendendo às necessidades das crianças e dos jovens.¹⁴ Com Maria, nós os levamos a descobrir Jesus.¹⁵

^{VII}Estão incluídos: respeito à dignidade da pessoa, honestidade, justiça, solidariedade, paz, senso de transcendência, cuidado da casa comum, diálogo, perdão, fraternidade universal, compromisso ético, amizade social, cuidado mútuo, entre outros.

37. A **espiritualidade marista**^{VIII} determina nosso modo de viver e nossas atitudes, e **impregna toda a nossa missão**. Enquanto caminhamos com Deus, somos inspirados pela visão e vida de Marcelino e de seus primeiros seguidores. Assumimos com liberdade uma opção de vida¹⁶ caracterizada pela simplicidade, humildade e modéstia.
38. Vivemos o carisma de Marcelino de **maneiras diferentes e complementares**. Juntos damos testemunho de unidade de história, espiritualidade, confiança mútua e empenho comum.¹⁷
39. Oferecemos nossas qualidades individuais, compromisso pessoal, profissionalismo e a experiência que temos das circunstâncias habituais da vida comunitária, familiar e social. Como **cristãos**, testemunhamos a possibilidade de encontrar em Jesus Cristo o significado último da vida e de viver segundo os valores do Evangelho.¹⁸ Sentimo-nos livres para nos dedicar à tarefa apostólica e flexíveis para ir aonde for necessário.¹⁹
40. **Inspiramo-nos uns aos outros** para crescer em fidelidade ao carisma de Marcelino, descobrindo novas percepções de sua riqueza espiritual e de sua expressão dinâmica na missão. Caminhamos juntos, guiados pelo Espírito Santo, que distribuiu seus dons entre nós de acordo com a vontade dele.²⁰ Movidos por seu carisma, continuamos a missão de Jesus de expandir o Reino de Deus.²¹

^{VIII}Em *Água da Rocha* são descritas seis características da espiritualidade marista: presença e amor de Deus, confiança em Deus, amor a Jesus e ao seu Evangelho, do jeito de Maria, espírito de família e uma espiritualidade da simplicidade (AdR, n. 15-41).

41. Como evangelizadores,^{IX} estamos convencidos de que o melhor serviço que oferecemos é o **testemunho de alegria em nossas vidas** como exemplo de **cristãos e cristãs comprometidos** com o mundo de hoje. Alimentamos nossa espiritualidade por meio da relação pessoal com Jesus Cristo, com o planeta que habitamos e com os outros, para podermos, assim, compartilhar melhor nossa fé²² com os jovens.²³
42. Ser evangelizador e educador de crianças e jovens exige **equilíbrio pessoal e maturidade**. Isso requer constante preparação profissional, capacidade de escuta e de discernimento, criatividade, senso de humor, paciência e flexibilidade. Mediante nossa entrega, proximidade e confiança, animamos as crianças e os jovens a serem protagonistas de suas ações em tudo o que fazem e onde quer que se encontrem.^{X, 24}
43. Somos todos chamados a exercer uma **liderança profissional e pastoral** em nossa missão de educadores católicos. Participamos de programas orientados a melhorar nossa competência pessoal, a buscar juntos as estratégias e os métodos mais adequados para educar as crianças e os jovens de hoje, e a nos aprofundar no conhecimento do caráter específico da educação católica.²⁵
44. Além de nos formarmos no âmbito profissional e pastoral, participamos ativamente de programas específicos sobre

^{IX}Por evangelizador entendemos a pessoa que se esforça para tornar Jesus conhecido e amado espiritualmente pelas pessoas, de modo direto ou indireto, incluindo as dimensões humanas, sociais e espirituais.

^XQuando falamos sobre o protagonismo das crianças e jovens, incluímos sua participação ativa e a promoção de sua responsabilidade e autonomia.

identidade, espiritualidade e educação marista, que nos ajudam a integrar fé, cultura e vida.²⁶

45. De modo especial, as mulheres e os homens que lideram nossas obras são convidados a serem **depositários do carisma de Marcelino**:²⁷ pessoas com visão que possam propor e testemunhar os valores maristas e levar os outros a refleti-los em suas vidas. Eles, mais do que ninguém, são a imagem de Champagnat na comunidade educativa, animando e dando visibilidade à espiritualidade apostólica marista^{XI} com confiança e otimismo.²⁸

JUNTOS NA MISSÃO

46. Em nossas tarefas diárias procuramos criar um ambiente de trabalho em que todos se sintam **respeitados e corresponsáveis**. Além disso, cultivamos entre nós um clima de **companheirismo**, apoiando-nos uns aos outros e oferecendo-nos ajuda e entusiasmo mutuamente.²⁹
47. Essas atitudes são importantes para enfrentar e tentar resolver **as tensões e os conflitos** que podem surgir em nossas obras

^{XI}A espiritualidade apostólica marista é mais do que recitar certa quantidade de orações ou seguir fórmulas estabelecidas; é também viver o Evangelho, seguir a Jesus como o fez Maria. Ao longo de nossa vida, nossa espiritualidade interage de modo dinâmico com as experiências que vivemos. De um lado, nossa espiritualidade se molda à medida que acolhemos as experiências que vivemos. De outro lado, a espiritualidade configura nosso modo de nos relacionarmos com o mundo, com os demais e com Deus (cf. AdR, p. 14).

e que concernem a todos nós, seja nas questões laborais, seja na missão. Tratamos de aproveitar essas oportunidades para crescer em sensibilidade para com os outros mediante o diálogo. Nessas circunstâncias nos orientamos sempre pelos princípios de equidade, justiça e transparência.³⁰

48. Sabemos que nos relacionamentos interpessoais e de grupo podemos cometer erros e ferir sensibilidades, e podem surgir mal-entendidos e diferenças. Seremos ajudados em nossa entrega e ajudaremos os que servimos se nos dispusermos ao **perdão mútuo** mediante o diálogo sincero, a compreensão e a reconciliação.³¹
49. Com aqueles que estão conosco na missão, **compartilhamos nossas experiências**, as tristezas e alegrias que dela advêm, e a percepção da presença de Deus em nosso trabalho.³² Avaliamos com eles nossa missão.
50. Nosso senso de missão compartilhada se estende de modo particular às **famílias ou adultos responsáveis**, respeitando seu “dever primordial”³³ de educar os filhos. Inspirados no exemplo de Marcelino, nós os acolhemos com amabilidade, os ouvimos e “trabalhamos junto com eles”.³⁴ É um processo de reciprocidade:³⁵ ajudamo-nos uns aos outros para melhor conhecer e orientar as situações concretas e as necessidades educativas de seus filhos.
51. Para Marcelino era fundamental que as obras maristas estivessem integradas na atividade pastoral da **Igreja local**. Esse princípio inspira hoje nossos relacionamentos com as paró-

quias e dioceses, assim como nosso modo de compartilhar o dom da espiritualidade.³⁶

CORRESPONSÁVEIS

52. Todos compartilhamos o **interesse comum** por nosso trabalho e nos sentimos corresponsáveis no planejamento, animação e avaliação de nossa missão. Aqueles que exercem a liderança fomentam essa corresponsabilidade distribuindo as tarefas a serem realizadas e criando estruturas para coordenar os esforços e assegurar ampla participação na tomada de decisões.³⁷
53. Hoje os educadores maristas são tanto homens como **mulheres**, e frequentemente elas são maioria na missão. A presença e a contribuição femininas trouxeram vitalidade e riqueza na vida, na espiritualidade e na prática educativa marista. Buscamos potencializar intencionalmente sua ação e representação em todos os âmbitos da vida e da missão marista, particularmente nos que se referem à liderança e à tomada de decisões.³⁸
54. Nosso senso de responsabilidade e interesse compartilhado se manifesta em estruturas administrativas e associações maristas nacionais e internacionais, por meio de encontros, fóruns, assembleias e comissões. Juntos, celebramos **nossa comunhão como maristas** e, com fé e esperança, identificamos aspectos de nossa missão nos quais somos chamados a crescer.³⁹

55. Nossos líderes articulam planos práticos e estruturas para a **gestão e animação compartilhada** das obras maristas, sejam as próprias, ou as que nos tenham sido confiadas por paróquias ou dioceses,⁴⁰ ou outras fundações beneficentes. Nesses assuntos, tanto o Instituto como as autoridades eclesiais ou os respectivos padroados fundacionais se orientam pelo direito canônico e civil e cumprem suas diretrizes. De seu lado, o Instituto garante a governança jurídica de todas as obras de sua propriedade.⁴¹
56. Na realização de nossa missão, mostramos **iniciativa**, esperança e perseverança, sem esperar resultados imediatos, animamos outros a se juntar a nosso projeto e, ao mesmo tempo, permanecemos abertos para participar e colaborar nas iniciativas dos outros. Temos de ser **líderes servidores**, bons comunicadores, competentes no que empreendemos e **capazes de trabalhar em equipe**.⁴²
57. Trabalhamos em rede, criando mecanismos necessários à interconexão, participação e intercâmbio, que nos ajudem a manter e dar vitalidade a nossos diferentes campos de missão. Oferecemos apoio especial às obras e às pessoas mais vulneráveis ou que se encontram em regiões mais isoladas.⁴³ Mantemos vivo o carisma marista por meio das **redes de missão**.⁴⁴
58. Juntamente, nossos líderes maristas,⁴⁵ em todos os níveis, procuramos de modo especial:
- a) fomentar nosso crescimento em identidade e espiritualidade maristas por meio de planos de formação. Centramo-nos especialmente em Jesus Cristo, em nossa Boa Mãe

- Maria e em Marcelino Champagnat e sua espiritualidade, carisma e herança educativa, assim como nos primeiros Irmãos e seu legado;⁴⁶
- b) preparar líderes maristas por meio de formação permanente em pedagogia, liderança educacional e gestão, assim como em espiritualidade, evangelização da juventude, justiça e solidariedade;⁴⁷
 - c) promover a formação sobre os direitos das infâncias^{XII}, assim como sobre seu cuidado e proteção, para contribuir na criação de espaços seguros;⁴⁸
 - d) impulsionar organizações e grupos maristas que ofereçam estrutura adequada para ajudar seus membros a viver a espiritualidade e a missão maristas;⁴⁹
 - e) ser sensíveis às realidades emergentes de nosso tempo e de nossa cultura em suas várias manifestações, adotando uma perspectiva intercultural.⁵⁰
59. Nosso modo de compartilhar a missão num espírito de **autêntica comunhão** é em si mesmo sinal da Boa Nova para a Igreja, para o mundo e, certamente, para as crianças e os jovens a quem servimos. Juntos, procuramos ser criativamente fiéis ao carisma confiado a Marcelino Champagnat e estar atentos para responder aos sinais dos tempos vistos à luz do Evangelho.⁵¹

^{XII}Utilizamos o conceito plural de “infâncias” para destacar a diversidade e as profundas diferenças culturais, sociológicas ou econômicas entre os coletivos de crianças. Evitamos, assim, uma visão e uma terminologia simplistas e uniformes.

Parte II



**Presentes entre
as crianças
e os jovens,
especialmente
os mais
vulneráveis**

60. Marcelino Champagnat **viveu entre** as crianças e os jovens, **amou-os** profundamente e **dedicou-lhes** toda a sua energia. Como Maristas de Champagnat, também experimentamos uma alegria especial em compartilhar nosso tempo e nossa pessoa com eles. Fazemos eco de suas aspirações, sentimos compaixão por eles e lhes estendemos as mãos em suas dificuldades.¹
61. Reconhecemos nesse amor pelas crianças e pelos jovens, em especial pelos mais vulneráveis^{XIII} ou pelos que não foram educados na fé, **a marca essencial da identidade** de nossa missão marista.²
62. Além disso, a fidelidade ao carisma de Champagnat exige que estejamos constantemente atentos **aos sinais dos tempos**, que influenciam profundamente na educação integral das crianças e dos jovens, especialmente em seu bem-estar espiritual, emocional, social e físico. O mundo em que vivemos tem nuvens sombrias e caminhos de esperança.³ Esses sinais abrem novos horizontes e oferecem novas possibilidades em nosso trabalho com aqueles que atendemos.⁴

^{XIII}Globalmente, são as crianças e os jovens em situação de marginalização tanto socio-educativa como aqueles que não recebem acompanhamento na fé.

CAMINHAMOS COM AS CRIANÇAS E OS JOVENS

63. Marcelino reunia as crianças para aulas de catecismo. Ele mesmo ia até os povoados e ali mandava seus Irmãos. Sentia especial preocupação com os pobres e os órfãos, acolhendo-os em La Valla e em L'Hermitage. Como Marcelino, também somos animados por “uma **paixão evangélica** que consegue dar respostas adequadas aos problemas das crianças e dos jovens”.⁵
64. O encontro com as crianças e os jovens é um dos lugares em que encontramos Deus em nossa missão.⁶ Assim foi para Marcelino e assim continua sendo hoje para muitos de seus seguidores.⁷
65. Estamos presentes entre as crianças e os jovens e caminhamos com eles⁸ com o mesmo **espírito compassivo** de Marcelino.⁹ Eles nos veem como modelos, pedindo-nos coerência e credibilidade.¹⁰ Abrimos nossos corações para ouvir a voz deles. Respondemos com criatividade e determinação às suas necessidades, abandonando velhos paradigmas e flexibilizando nossas estruturas.¹¹
66. Somos homens e mulheres que juntos evangelizamos e educamos. Como evangelizadores e educadores, criamos em todas as nossas áreas de missão **espaços seguros, saudáveis e de boa convivência**, que favorecem o crescimento integral das crianças e dos jovens, e preocupamo-nos com seu total bem-estar. Nós os acompanhamos em seu modo de se relacionar consigo mesmos, com os outros, com a criação e com Deus.¹²

67. Como evangelizadores e educadores, buscamos oportunidades de **estar** com os jovens onde quer que estejam. Dessa forma, ampliamos e aprofundamos nossa compreensão das realidades enfrentadas pelas crianças e pelos jovens.¹³
68. Caminhamos com os jovens que desejam aprofundar sua **formação** e lhes oferecemos programas pastorais adequados. Preparamo-nos adequadamente para a animação de grupos e para a formação e acompanhamento das pessoas com as quais compartilhamos nossa missão.¹⁴

PROMOVENDO A PASTORAL JUVENIL MARISTA

69. Oferecemos **programas de Pastoral Juvenil Marista e de participação na Rede Marista Internacional de Pastoral Juvenil**¹⁵ para aqueles que se identificam mais fortemente com nossa espiritualidade. A eles apresentamos Maria e Marcelino Champagnat como modelos de nossa caminhada para Jesus.¹⁶
70. Seguindo o estilo do Evangelho, nós os reunimos em **grupos** e lhes propomos experiências de oração e de vivência de comunidade cristã. Convidamo-los a participar em atividades solidárias, de serviço, artísticas e culturais. Cuidamos para que se sintam acolhidos e escutados, e possam exercitar sua iniciativa. Oferecemos a eles acompanhamento pessoal e os encorajamos a participar ativamente de seu próprio crescimento na fé e na opção por Jesus Cristo.¹⁷

71. A Pastoral Juvenil Marista é lugar em que se promove o **crescimento pessoal e espiritual** dos jovens, estimulando-os a ser protagonistas de sua própria história, a concretizar seus ideais e a construir seu projeto de vida, tanto para se realizar pessoalmente como para se envolver na renovação da Igreja e na transformação do mundo.¹⁸
72. Convidamos **os jovens e as jovens** que já assumiram um compromisso de vida cristã a participar em nossa pastoral e a assumir a liderança em atividades como, por exemplo, catequese para crianças, animação de grupos juvenis e atuação em diferentes modalidades de evangelização de outros jovens. Por isso, devemos ficar atentos para **formar líderes entre eles**. Nós os motivamos “a serem fermento e a promoverem uma Igreja acolhedora, participativa, evangélica, profética e fraterna”.¹⁹

CUIDAMOS DOS QUE SOFREM

73. Frequentemente nos encontramos com jovens que estão **desanimados e desorientados**, que buscam um sentido para a vida, ou cuja **existência é luta diária**. Nós os vemos enfrentando dificuldades de aprendizagem, fragilidades em sua saúde mental, deficiências físicas, problemas pessoais e falta de aceitação dos colegas. Somos testemunhas do mal-estar interior dos que vivem em situação de risco econômico, de desagregação familiar, de violências, de abuso, de solidão e de crises sociais.²⁰

74. Essa **dura realidade** em que vivem tantas crianças e jovens nos move, pessoalmente e como comunidade, a crescer espiritualmente e a dar uma resposta mais ousada e decisiva, em fidelidade ao nosso modo marista de viver o Evangelho. Somos especialmente sensíveis às necessidades de grupos específicos, como as crianças e os jovens deslocados, migrantes, refugiados, apátridas e de povos originários.^{XIV, 21}
75. Do mesmo modo que Marcelino, ao fundar os Irmãos Maristas, pensava especialmente nas **crianças e nos jovens mais vulneráveis**, assim também damos preferência aos marginalizados da sociedade e aos que, devido à sua pobreza material, sofrem carências na saúde, na vida familiar e no acesso à educação de qualidade.²²
76. Essas situações nos levam a colocar em risco até nossa própria segurança,²³ indo aonde ninguém mais vai, nas “periferias” e “fronteiras”.²⁴ Onde for necessário, **modificamos nossas estruturas institucionais** e outros ambientes da missão, para atingir de modo mais efetivo as crianças e os jovens que se encontram em tais circunstâncias.²⁵
77. **Reconhecemos na causa dos pobres a causa de Deus.** Em suas lutas percebemos a voz e a presença de Deus. **Sentimo-nos solidários em face da determinação, resiliência e**

^{XIV}Em vários contextos prefere-se usar a expressão “povos originários” ou “aborígenes”, diferentemente de “indígenas”. Refere-se aos povos existentes antes dos processos de colonização ou conquista. Aborígenes deriva do latim *ab* (“de”) e *origines* (“origens”), e se refere aos povos que existiram ou viveram desde a origem nas diversas áreas geográficas ou territórios depois dos movimentos migratórios iniciais.

capacidade que demonstram para se ajudar mutuamente. Juntos, não há mais fronteira entre “nós” e “eles”.²⁶

EM DEFESA DE SEUS DIREITOS

78. **Todas** as crianças e os jovens são **detentores de direitos fundamentais**, e nós os protegemos contra qualquer desrespeito ou violação desses direitos. Estamos especialmente comprometidos com os que se encontram marginalizados do mundo. Acolhemos o apelo do XXI Capítulo Geral (2009) a nos convertermos em **especialistas e defensores dos direitos das crianças**, falando de modo corajoso e profético nos fóruns públicos.²⁷
79. Garantimos que todos os nossos ambientes de missão sejam lugares em que as crianças se sintam seguras, ajustando-nos aos mais altos padrões de **proteção da infância**.²⁸ Portanto, todas as nossas obras maristas devem ter políticas e protocolos de proteção das crianças atualizados e avaliados periodicamente.²⁹
80. Em nosso relacionamento com as crianças e os jovens, promovemos sua espontaneidade, estimulando a criatividade e ajudando-os a serem respeitosos entre si. Quando necessário, estimulamos com tato e delicadeza o diálogo sobre suas preocupações pessoais e familiares. Oferecemos serviços ou programas, próprios ou em colaboração com outras entida-

des, que contribuam para seu desenvolvimento pessoal e **garantam seus direitos**.³⁰

81. A **participação** é direito fundamental e princípio norteador da educação marista. Favorece o desenvolvimento psicossocial das crianças e dos jovens, fortalece os mecanismos de proteção em situações de vulnerabilidade, permite-lhes empoderar-se para exercer seus direitos e ser agentes de transformação.³¹ As obras maristas, em toda a sua diversidade, são espaços vitais e significativos para impulsionar o protagonismo das crianças e dos jovens.³²
82. Contribuímos para a **formação da consciência social e ecológica** das crianças e dos jovens, sensibilizando-os em relação às causas das violências e injustiças, da marginalização, das situações desumanizantes e dos graves problemas ecológicos. Formar cidadãos honrados é um componente essencial da educação para a cidadania global marista.³³
83. Somos particularmente conscientes de que em muitas culturas e situações é negada **às meninas e às mulheres** a igualdade de direitos, o que limita sua autonomia e poder de decisão e seu acesso à justiça, à educação, à saúde e aos recursos econômicos. Baseados na igualdade de todas as pessoas, comprometemo-nos a **assegurar sua dignidade e seus direitos**.³⁴
84. Estabelecemos **redes e alianças** que propiciam uma ação estrutural e política mais bem coordenada para intervir junto às instâncias em que são tomadas as decisões que garantem a promoção e o respeito aos direitos das infâncias.³⁵

COOPERANDO NA MISSÃO DE DEUS

85. Participamos ativamente da missão de Deus no mundo ao apoiar a vida das crianças e dos jovens, de modo especial dos mais vulneráveis. Ao evangelizá-los, somos evangelizados por eles. A cada dia, tentamos enxergar o mundo com o olhar de Deus e encorajamos outros a fazer o mesmo.³⁶ A pessoa de Jesus e seu Evangelho são inspiração e alimento que nos movem na missão.³⁷



Semeadores da Boa Nova

86. O núcleo da missão de Marcelino Champagnat é “**tornar Jesus Cristo conhecido e amado**”.¹ Ele via na educação o caminho para levar às crianças e aos jovens a experiência da fé e torná-los “bons cristãos e bons cidadãos”.²
87. Como seus seguidores, assumimos essa mesma missão³ e ajudamos as crianças e os jovens, não importa a fé que professem ou a etapa de busca espiritual em que se encontrem, a **se tornarem pessoas de fé, íntegras e cheias de esperança**, com suficiente senso de responsabilidade social para transformar o mundo que os rodeia.⁴ Essa tarefa de promoção do **crescimento humano** faz parte do processo de evangelização.⁵ Ao fomentar os valores do Evangelho em todos os nossos projetos, os educadores maristas contribuem para expandir o **Reino de Deus** na Terra.⁶

APRESENTAMOS JESUS

88. Inspirados pelas palavras de Marcelino, “Eu não consigo ver um menino sem sentir o desejo de catequizá-lo, de dizer-lhe o quanto Jesus o ama”,^{XV, 7} **apresentamos Jesus** às crianças e

^{XV}Entenda-se sempre, para além do texto original, que se refere atualmente a meninos e meninas.

ao jovens como uma pessoa real, que foi crescendo ao longo de sua vida,⁸ e a quem eles podem chegar a conhecer, amar e seguir.⁹

89. Em **Jesus** vemos Deus. Ele vem até nós para que possamos “ter vida e tê-la em abundância”.¹⁰ Através de seu Evangelho, revela-nos em que consiste ser plenamente humano.¹¹ Suas palavras e ações respondem a nossas aspirações mais profundas. Ele traz saúde e esperança a todos; perdoa os nossos pecados, reconciliando-se com a fraqueza humana; acolhe com amor especial os pobres e marginalizados;¹² e nos ensina a rezar.¹³
90. Jesus proclama **uma visão nova da sociedade** humana, que começa por amar-nos uns aos outros, compartilhando juntos o pão da vida e superando as divisões que criamos por causa das etnias, da ideologia, da religião, das diferenças culturais e sociais, da riqueza, do gênero ou de qualquer outro motivo de exclusão.¹⁴ Ele não aceita a lógica do mundo. Vem “trazer fogo à terra”,¹⁵ denunciando as estruturas de dominação e se colocando ao lado dos **mais vulneráveis e excluídos**. Sua vida nos inspira e revela a missão de Deus (*Missio Dei*)^{xvi} confiada a nós.¹⁶
91. A morte de Jesus na cruz e sua ressurreição como o **Cristo de nossa fé** revelam a profundidade do amor do Pai e o poder

^{xvi} *Missio Dei* é uma expressão da teologia cristã latina traduzida por “missão de Deus” ou “envio de Deus”. Esse conceito ganha importância na missiologia e na compreensão da missão da Igreja. Veja-se igualmente C, n. 13, 52; GS, n. 22. Cf. CONGAR, Y. Principes doctrinaux. In: SCHÜTTE, J. (ed.). *L'activité missionnaire de L'Église*: Décret Ad Gentes. Paris: Éditions du Cerf, 1967. p. 186.

de Deus para banir o mal em favor do bem. Isso inspira nossa esperança como nenhum outro acontecimento da humanidade faz. Seu espírito continua a agir em nosso coração e na sociedade, redimindo, libertando e reconciliando. Com fé respondemos à iniciativa amorosa de Deus em nossa história e nos deixamos transformar. Essa é a Boa Nova de Jesus, “Caminho, Verdade e Vida”.^{17, 18}

ABERTOS AO ESPÍRITO

92. **O trabalho da evangelização é primordialmente obra do Espírito Santo.**¹⁹ O Espírito ungiu Jesus e lhe deu o poder de anunciar a vinda do Reino de Deus. Foi o Espírito quem trouxe luz, força e crescimento à Igreja nascente. É o mesmo Espírito que guia toda a humanidade, de modo especial a Igreja, no caminho da fé, fazendo com que a nova ordem de Deus se torne realidade entre nós.²⁰
93. Marcelino não ficou indiferente à força do Espírito. Com os companheiros da Sociedade de Maria, teve a convicção de que o Espírito os inspirava na busca de **novas formas de se fazer presentes** como Igreja numa época de descrença.²¹ Hoje queremos ser igualmente receptivos e sensíveis às inspirações desse mesmo Espírito.²²
94. Champagnat, sempre consciente da **presença de Deus**, especialmente nos momentos de provação e dificuldade, estava

aberto à vontade de Deus, que se manifestava nos fatos e nas circunstâncias da vida. O salmo 127 passou a ser sua oração constante: “Se o Senhor não construir a casa, os construtores se cansam em vão”.²³ Marcelino confiou sua pessoa e sua obra a Maria, “que tem feito tudo entre nós”.²⁴ Essa mesma atitude suplicante nos orienta cotidianamente em nosso trabalho de evangelização.²⁵

EM NOSSA MISSÃO DE EVANGELIZAR POR MEIO DA EDUCAÇÃO

95. A educação, em seu sentido mais amplo, é nosso campo de evangelização nos diversos ambientes em que estamos presentes. Em todos eles, oferecemos **educação integral**,²⁶ fundamentada na visão cristã da pessoa e do desenvolvimento humano.²⁷
96. Seguindo Marcelino Champagnat, procuramos ser **testemunhas** para as crianças e os jovens, acompanhando-os em seu crescimento integral e os evangelizando com o testemunho de nossa vida e de nossa presença no meio deles, com nosso ensino e com outras formas de serviço.²⁸
97. Com a participação ativa²⁹ das próprias crianças e jovens, **buscamos formas criativas**³⁰ para:

- a) desenvolver sua autoestima e capacidade para orientar as próprias vidas e ser protagonistas de seu processo pessoal de aprendizagem;
 - b) proporcionar uma educação do corpo, da mente e do coração adequada à idade, talento, necessidades e contexto social de cada um;
 - c) despertar neles o espírito crítico e ajudá-los a tomar decisões baseadas nos valores do Evangelho;
 - d) animá-los a se cuidar mutuamente e a cuidar da criação de Deus, nossa casa comum;
 - e) educá-los para que sejam agentes de transformação social e solidariedade, e para trabalhar a favor de maior justiça para todos;
 - f) alimentar sua fé e compromisso como discípulos de Jesus e testemunhas para outras crianças e jovens.
98. Escolhemos estar presentes entre as crianças e os jovens **do mesmo modo que esteve Jesus com os discípulos no caminho de Emaús³¹ e Marcelino com os primeiros Irmãos em La Valla.³²**
- a) respeitando sua consciência e seu ritmo de compreensão das coisas;
 - b) compartilhando com amor suas preocupações;
 - c) caminhando a seu lado como irmãos e irmãs, acompanhando-os e os animando a dialogar e a se abrir ao encontro com o Deus da vida em todas as situações;
 - d) apresentando-lhes gradualmente a riqueza e a relevância da visão transformadora de Jesus para a humanidade e o mundo.

99. **Acolhemos** as crianças e os jovens. Vemos em cada um deles a imagem e semelhança de Deus, merecedores de nosso respeito e ternura, sejam quais forem suas circunstâncias, convicções religiosas, jornada espiritual ou realidade de vida.³³ Nós os **ouvimos** e os **interpelamos**; em troca, estamos abertos para nos sentir desafiados e transformados em nossa relação com eles. Damos **testemunho pessoal e comunitário** de nossa alegria, esperança e vida cristã.³⁴
100. Estimulamos as crianças e os jovens a crescer em **liberdade pessoal, responsabilidade e senso** das exigências da vida. Com espírito de solidariedade, convidamo-los a se entregar a si mesmos livremente, a compartilhar o que possuem e a se comprometer alegremente com o que empreendem.³⁵
101. Nós os levamos a descobrir a **dimensão espiritual** de suas vidas, oferecendo-lhes oportunidades para: cultivar sua interioridade; fazer uma experiência do Espírito que os inspira, anima, apoia e consola; desenvolver sua capacidade de se surpreender diante das maravilhas da criação e mergulhar em suas intuições sobre o transcendente e sobre nosso destino último de estar com Deus.³⁶
102. Convidamos as crianças e os jovens a **um diálogo de vida** que os coloque em contato com a Palavra de Deus e com o Espírito que age em seus corações.³⁷

VAMOS MAIS ALÉM

103. Construimos pontes entre as **culturas** que se cruzam em nossa missão.³⁸ Orientados pela **luz do Evangelho**, afirmamos tudo o que é fonte de vida em cada sociedade e cultura. Com autêntico espírito de diálogo, incentivamos os jovens a expressar, em sua própria linguagem, sua **busca pela fé**, com suas aspirações e questionamentos.³⁹
104. Apresentamos a Boa Nova como a visão de Jesus para toda a humanidade, **procurando o bem comum de todos** e comprometendo-nos responsabilmente com o futuro da humanidade e da criação de Deus.⁴⁰
105. Conduzimos os que são cristãos para **um encontro mais íntimo com Jesus Cristo**. Compartilhamos com eles a pessoa de Jesus,⁴¹ fonte última de vida nova, de esperança e de energia renovada para toda a humanidade. Nós os incentivamos a crescer como discípulos de Jesus que foram favorecidos com os dons de alegria, paz de espírito e superação dos temores.⁴²
106. Convidamos as crianças e os jovens, assim como seus pais ou responsáveis, a realizar uma **experiência de comunidade cristã**, onde se sintam em casa. Ajudamos os que são católicos a ter conhecimento mais claro de sua identidade e herança, e encorajamos sua participação ativa nas comunidades que celebram e alimentam sua fé na Palavra e no Sacramento.⁴³

107. Nós os entusiasmos para que eles mesmos sejam **portadores da Boa Nova** em seus relacionamentos cotidianos e nos diversos ambientes culturais e sociais. Facilitamos a iniciação sacramental a quem a solicita. Buscamos construir comunidades cristãs locais que possam acolher crianças e jovens.⁴⁴
108. Promovemos o **diálogo ecumênico e inter-religioso**.⁴⁵ Nos ambientes caracterizados pelo pluralismo religioso, respeitamos a liberdade de consciência de cada um e valorizamos a riqueza da presença de Deus em todas as tradições religiosas.⁴⁶ Ajudamos as crianças e os jovens de todas as crenças a conviver em paz em suas vidas cotidianas, a se mostrar receptivos entre si e a trabalhar e rezar juntos.⁴⁷ Estimulamos os que não professam a fé cristã a que pratiquem com sinceridade sua tradição religiosa.⁴⁸

PARTIMOS DAS EXPERIÊNCIAS DAS CRIANÇAS E DOS JOVENS

109. Cada criança e jovem é único. Cada grupo de jovens tem seu caráter que o distingue dos demais. Os vários contextos culturais e circunstâncias sociais criam suas próprias possibilidades e nos interpelam em nossa missão de evangelizar pela educação.⁴⁹ Conscientes dessa **pluralidade**, elaboramos abordagens que respeitam o grau de prontidão e as necessidades particulares das crianças e dos jovens que orientamos.⁵⁰

110. Ao trabalhar com as **crianças**, enfatizamos a convicção profunda de que Deus está presente em toda a criação, na abertura aos companheiros e na descoberta de Jesus como amigo. Nós os iniciamos na oração, no conhecimento da Bíblia, na vida sacramental e nas atitudes de serviço e solidariedade.⁵¹
111. Do mesmo modo que agimos com as crianças, acompanhamos os **adolescentes** no processo de descoberta de sua identidade e equilíbrio pessoal, na aceitação de suas capacidades e limitações, e na forma de se relacionar respeitosamente com seus familiares, com seus amigos e com os demais. Favorecemos a integração positiva de sua sexualidade e afetividade.
^{XVII} Ajudamo-los a encontrar seu lugar no mundo e a crescer na compreensão de Deus e os apoiamos em sua busca por valores e ideais que possam orientar suas vidas.⁵²
112. Criamos espaços com **os jovens adultos** para refletir sobre seus questionamentos a respeito do sentido da vida, da responsabilidade e dos valores transcendentais. Fomentamos sua consciência ecológica, social e política, e os animamos a participar em organizações e grupos que se esforçam para mudar a sociedade. Proporcionamo-lhes experiências de formação adequadas e estimulantes, para que possam estar preparados para viver e dar testemunho dos valores cristãos nos ambientes em que vivem.⁵³

^{XVII}Atentos aos sinais dos tempos, estamos abertos a estabelecer diálogo com nossas sociedades em suas diversas buscas para abordar com responsabilidade os novos desafios que se apresentam, como a identidade sexual e de gênero, tipos de família, modelos de convivência, entre outros.

113. Ajudamos os jovens a esclarecer e desenvolver **seu projeto de vida**. Nós os convidamos a refletir sobre o compromisso de viver de acordo com o carisma marista. Acompanhamos todos eles em seu desejo de responder ao chamado vocacional específico e animamos quem demonstra disposição pessoal favorável a considerar a possibilidade de abraçar a vida religiosa marista.⁵⁴
114. A educação é **processo recíproco**. A confiança que as crianças e os jovens depositam em nós, sua energia e resiliência, sua honestidade e busca, sua bondade e sua fé nos comovem e fortalecem nossa própria fé.⁵⁵

COM FORTE SENTIDO DE VOCAÇÃO

115. **Nosso trabalho como educadores não é apenas profissão, é vocação.**^{XVIII} Marcelino Champagnat descreveu nosso chamado a um de seus primeiros seguidores com palavras que nos recordam a confiança que Deus colocou em nós e a res-

^{XVIII}No passado, o papa Paulo VI nos recordava que “os homens e as mulheres de hoje escutam melhor as testemunhas do que os mestres, e se ouvem os mestres é porque eles são testemunhas”. Também, o papa Francisco nos dizia que os educadores podem ser uma referência positiva na vida dos estudantes, “sem reduzir tudo à mera transmissão de conhecimentos técnicos, mas dedicando seu esforço para construir uma relação educativa com cada aluno, que deve sentir-se acolhido e amado pelo que é, com todos os seus limites e potencialidades. Nessa linha, sua tarefa é mais do que nunca necessária”. (FRANCISCO, papa. *Discurso aos membros da União Católica Italiana de Professores, Dirigentes, Educadores e Formadores [UCIIM]*. Vaticano, 14 de março de 2015).

ponsabilidade que temos em relação às crianças e aos jovens que educamos: “Toda a vida deles será o eco daquilo que você lhes tiver ensinado. Esforce-se, não poupe nada para formar à virtude seus corações juvenis. Faça ver a eles que [...] somente Deus pode dar-lhes a felicidade, que só para ele foram criados. **Quanto bem você pode fazer, meu amigo!**”^{56, 57}



Com estilo marista próprio

116. Nosso estilo educativo está baseado numa visão verdadeiramente integral, que busca ativamente transmitir valores. Quando compartilhamos essa visão com muitas pessoas, especialmente dentro da comunidade católica, colocamos em prática **um enfoque pedagógico peculiar** que Marcelino e os primeiros maristas iniciaram e que era inovador em muitos aspectos.¹
117. O amor^{XIX} é o núcleo da missão de Deus conforme o exemplo na vida e no ensino de Jesus. Essa missão foi confiada a Marcelino no passado, e agora a nós. A partir disso, compartilhamos a intuição de Marcelino: “**Para bem educar as crianças é preciso amá-las e amá-las todas igualmente**”.² Desse princípio decorrem algumas características de nosso estilo educativo: seguir o jeito de Maria, espírito de família, presença, simplicidade e amor ao trabalho. Procuramos adotar essas atitudes e valores, entre outros, como nossa forma de viver o Evangelho. A soma dessas características e sua interação é o que dá à pedagogia marista sua originalidade, inspirada pelo Espírito.³

^{XIX}Cf. DC. São Paulo nos diz: “O amor é magnânimo, é benfazejo; não é invejoso, não é presunçoso nem arrogante; não faz nada de vergonhoso, não é interesseiro, não se encoleriza, não leva em conta o mal sofrido; não se alegra com a injustiça, mas se regozija com a verdade. Ele tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta” (1Cor 13,4-7).

DO JEITO DE MARIA⁴

118. Maria é a **inspiração dos educadores maristas**, como o foi para Marcelino. Sua vida foi ornada de fé como a nossa. Educada na cultura e tradição de seu povo, ficou mesmo assim maravilhada com a extraordinária intervenção de Deus em sua vida. Apesar de ser “escolhida entre todas as mulheres”,⁵ conheceu a provação de dar à luz em local inóspito, longe de casa e viver como refugiada. Seus pés carregavam o pó da terra.⁶ Como discípula de Jesus, mulher e nossa irmã na fé, Maria nos inspira em nossa caminhada de fé. Como educadora de Jesus em Nazaré, ela é a inspiradora de nosso estilo educativo.^{7,8}
119. Junto com José, em Nazaré, ela proporcionou a Jesus a **estabilidade e o amor** de que precisava para crescer⁹ como pessoa. Quando Jesus atingiu a adolescência, eles lhe deixaram espaço para desenvolver sua própria identidade. Mesmo quando isso provocou mal-entendidos, continuaram confiando nele e o ajudaram a crescer “em sabedoria, idade e graça”.¹⁰ Dentro da comunidade cristã, desde seu início, Maria continuou realizando sua **missão de mãe e educadora**.¹¹
120. O **aspecto mariano de nossa espiritualidade**¹² se manifesta, antes de tudo, no desejo de imitar as atitudes de Maria perante os demais e perante Deus. No hino de louvor do *Magnificat*¹³, ela nos convida a testemunhar com alegria a **misericórdia e a solidariedade** de Deus com os mais vulne-

ráveis e os que sofrem. Ela nos exorta a fazer qualquer coisa que Jesus nos peça.¹⁴ Está no meio de nós como símbolo de unidade e missão, como esteve entre os apóstolos em Pentecostes,¹⁵ permanecendo com os desanimados na Igreja nascente. Como Marcelino, vemos em Maria **nossa Boa Mãe e nosso Recurso Ordinário**¹⁶ e expressamos nossa devoção a ela de um jeito pessoal, familiar e simples.

121. Levamos essa **dimensão mariana**¹⁷ para a nossa catequese e para os momentos de oração com as crianças e os jovens. Nós os ensinamos a imitá-la em sua ternura, fortaleza e constância na fé e os estimulamos a recorrer a ela com frequência na oração.¹⁸
122. Em tudo o que fazemos, mantemo-nos vinculados a Maria, para fazer nascer Cristo no coração das crianças e dos jovens. **“Tudo a Jesus por Maria, tudo a Maria para Jesus.”**^{19, 20,XX}

ESPÍRITO DE FAMÍLIA²¹

123. O grande desejo e a herança de Marcelino é que nos relacionemos uns com os outros e com as crianças e os jovens, **como membros de uma família que se ama.**²² A fonte desse “espírito de família” é o amor de Jesus por toda a humani-

^{XX}Para uma descrição completa da espiritualidade mariana, remetemos à leitura do documento Água da Rocha.

dade. Nós nos esforçamos para tornar isso uma realidade em todos os nossos campos de missão.²³

124. Assim, onde quer que estejamos, comprometemo-nos a **construir comunidade** entre todos os que mantêm vínculos com nossas obras e atividades, incluindo os que trabalham conosco, as crianças e os jovens que estão sob nossos cuidados e suas famílias. Todos devem se sentir em casa conosco. Procuramos criar um ambiente de acolhida, aceitação e pertencimento, no qual todos se sintam estimados e valorizados. Compartilhamos esse espírito com toda a **família global** que é o Instituto.²⁴
125. Seguindo o exemplo de Marcelino, aproximamo-nos das crianças e dos jovens que estão confiados a nossos cuidados como **irmãs e irmãos**.²⁵ Como numa boa família, compartilhamos com eles a vida com seus desafios, êxitos e fracassos. Estabelecemos princípios claros de honestidade, respeito mútuo e tolerância e lhes demonstramos que acreditamos em sua bondade, sem confundir as pessoas com seus atos quando cometem erros. Estamos dispostos a confiar uns nos outros, a nos perdoar e a nos reconciliar. Esse modo de nos relacionar se tornou característica do ser marista em missão.²⁶
126. **Em nossas obras educativas, de modo especial**, esse espírito de família se contrapõe à ideia de uma educação orientada somente a resultados, que não respeita a dignidade e as necessidades de cada pessoa. Até onde for possível em nossas obras, damos atenção preferencial aos mais necessitados, mais vulneráveis ou que passam por momentos difíceis.²⁷

127. Os líderes maristas adotam igualmente um **enfoque organizacional** que reflete nosso espírito de família. Promovem o espírito de corresponsabilidade e, ao mesmo tempo, a autonomia adequada de cada uma das pessoas envolvidas no processo educativo.²⁸

PRESENÇA²⁹

128. Educamos, acima de tudo, estando presentes junto às crianças e aos jovens, demonstrando-lhes que nos preocupamos com eles de modo pessoal. Nós os **acolhemos**, os **ouvimos atentamente** e dedicamos a eles nosso tempo, procurando conhecer a cada um individualmente. Pessoalmente e como grupo de adultos, estabelecemos com eles um relacionamento adequado, baseado no amor, que cria clima favorável para a aprendizagem, assim como para a transmissão de valores e para o amadurecimento pessoal.³⁰
129. **Procuramos compreender e nos familiarizar com as vidas das crianças e dos jovens.** Comprometemo-nos com seu mundo, indo a seu encontro onde quer que estejam, incluindo nossa participação em atividades que ultrapassam o horário escolar.³¹
130. Nos ambientes institucionais, procuramos **equilíbrio** entre ser excessivamente vigilantes e simplesmente “deixar acontecer”. Nossa presença entre as crianças e os jovens é proati-

va e reflexiva. Nós os tratamos com respeito, sendo claros e coerentes, ao mesmo tempo que positivos e focados em seu crescimento pessoal.³²

131. Mediante essa pedagogia da presença promovemos a confiança das crianças e dos jovens e estimulamos neles uma **atitude de abertura**. Isso se torna ainda mais verdadeiro quando os acompanhamos como evangelizadores e educadores por um longo período.³³

SIMPLICIDADE³⁴

132. Nossa simplicidade se manifesta principalmente nos relacionamentos com as crianças e os jovens, que são **autênticos e diretos**, sem fingimento nem duplicidade. Falamos de coração e com honestidade o que queremos dizer. Essa simplicidade é resultado da unidade de mente e coração, de caráter e ação, que deriva do fato de sermos honestos conosco mesmos, com os outros e com Deus.³⁵
133. À simplicidade acrescentamos a **humildade** e a **modéstia**,³⁶ completando assim o símbolo das três violetas da tradição marista: pacientemente deixar que Deus atue por meio de nós e procurar “fazer o bem sem barulho”. Ao ser conscientes de nossas próprias limitações, compreendemos melhor os outros e respeitamos sua dignidade e sua liberdade.³⁷

134. Em nosso ensino e em nossas estruturas organizacionais, mostramos igualmente preferência pela simplicidade de **método**. Nosso modo de educar, como o de Marcelino, é personalizado, prático e arraigado na vida concreta. Da mesma forma, a simplicidade de **expressão**, que evita qualquer ostentação, nos ajuda a dar respostas às possibilidades e às exigências de nosso cenário educacional contemporâneo.³⁸
135. Orientamos os jovens no sentido de adotar a **simplicidade como valor para suas vidas**, estimulando-os a se mostrarem abertos e sinceros em todas as circunstâncias e a serem fortes em suas convicções. Nós os animamos a se valorizarem a si mesmos e aos demais pelo que são e a terem apreço por uma vida integrada e equilibrada.³⁹

AMOR AO TRABALHO⁴⁰

136. Marcelino era homem de oração, contemplação e trabalho. **Com determinação e confiança em Deus**, formou-se a si mesmo, e essas características o acompanharam ao atender seus paroquianos, ao fundar sua família religiosa e ao levar adiante todos os seus projetos.⁴¹ Marcelino construtor nos mostra a importância de estarmos dispostos a “arregaçar as mangas”, preparados para fazer tudo o que for necessário para o bem de nossa missão.⁴²

137. Como Marcelino, os educadores maristas somos chamados a nos entregar generosamente e a levar uma vida equilibrada, integrando **interioridade e serviço**. Em consequência, cada uma de nossas obras educativas maristas deve dar a mesma ênfase a essa cultura e abordagem, integrando o amor ao trabalho, a celebração de seus resultados e facilitando a oração, o culto e a contemplação.⁴³
138. O amor ao trabalho exige a preparação cuidadosa de nossas atividades educativas e a adequada retroalimentação, planejamento e avaliação de nossos programas, com o apoio complementar para quem apresenta qualquer tipo de dificuldade.⁴⁴ Exige ainda que tenhamos iniciativa e decisão para dar respostas criativas às necessidades das crianças e dos jovens.⁴⁵
139. Incentivamos os jovens a desenvolver caráter firme e vontade resiliente, consciência moral equilibrada e sólidos valores em que fundamentam suas vidas. Trabalhamos num estilo de motivação e de planejamento pessoal que se manifesta no aproveitamento do tempo e no bom uso dos talentos e das iniciativas. Promovemos o trabalho em equipe, ajudando-os a adquirir **espírito de cooperação e de sensibilidade social** a serviço dos mais vulneráveis.⁴⁶
140. Ajudamos ainda os jovens a descobrir a **dignidade do trabalho**. Com nosso exemplo, aprendem que o trabalho é meio poderoso de **realização pessoal**, que dá sentido à vida e contribui para o **bem-estar econômico, social e cultural de nossa sociedade e do mundo**. Desse modo, transforma-

mo-nos em “coparticipantes da criação” e continuamos com prazer e esperança a obra do Criador.⁴⁷

141. Reconhecemos, no entanto, a realidade do **subemprego e do desemprego**. Em tais circunstâncias, ajudamos os jovens, de modo prático, a manter sua dignidade e autoestima e a ser criativos e perseverantes em seus esforços para conseguir um emprego digno.⁴⁸

FIDELIDADE CRIATIVA AO CARISMA DE MARCELINO⁴⁹

142. Ao longo dos anos, a interação com diversas culturas e tradições religiosas ao redor do mundo **enriqueceu nossa herança**. Nosso enfoque de educação marista se enriqueceu pela evolução dos conhecimentos pedagógicos e psicológicos, assim como pelo desenvolvimento do pensamento teológico. **A fidelidade criativa ao carisma de Marcelino** nos anima a seguir Jesus em cada uma de nossas obras educativas, de modo especial entre as crianças e os jovens mais vulneráveis, como semeadores da Boa Nova, com nosso jeito marista próprio.⁵⁰

Parte III



Em nossas obras educativas

143. A missão educativa marista se desenvolve principalmente em escolas, obras sociais e instituições de educação superior. Nossas obras educativas podem ser propriedade do Instituto, das províncias ou de outra entidade marista, ou ser levadas a cabo por elas, em colaboração ou em associação com o governo, dioceses, paróquias ou fundações. **Trabalhamos em rede** e de **modo colaborativo** com a Igreja, o Estado e outras instituições.¹
144. As **obras educativas maristas**² são lugares de aprendizagem, vida, evangelização e inovação. Nelas se ensina as crianças e os jovens a **ser competentes** para **aprender a conhecer, a fazer, a ser, a conviver e a ser agentes de transformação**.³ Como centros católicos, são ambientes comunitários em que se vive e se transmite a fé, a esperança e o amor, nos quais os jovens se iniciam progressivamente a dar resposta ao constante desafio de **harmonizar fé, cultura e vida**.⁴
145. Como obras maristas, nelas se reflete o desejo de Marcellino de educar as crianças e os jovens do jeito de Maria. Nós os ajudamos a desenvolver as competências e habilidades de que precisam para participar na sociedade e transformá-la. Favorecemos o convívio e a interação, assim como o trabalho colaborativo e corresponsável, e os convidamos a construir um projeto de vida. Desse modo, educamos os jovens em tudo o que concerne à liberdade pessoal e ao respeito pelos

outros e os animamos a serem protagonistas de sua própria história.⁵

146. Oferecemos nossas instalações, centros, atividades e programas variados para ajudar as crianças e os jovens a crescer e desenvolver seus dons e talentos num ambiente seguro e acolhedor. Nossas obras e comunidades educativas **estão abertas a todos** os que aceitam nossos valores, políticas e enfoque educativo. Ao mesmo tempo, somos conscientes das limitações de acolhida que podem provir da própria natureza dos programas que oferecemos.⁶
147. Somos empreendedores no fornecimento de materiais e recursos, levando em conta nossa capacidade econômica e projeções financeiras. Fazemos uso consciente e responsável de nossos recursos para garantir a **sustentabilidade**.⁷

CRIANDO A CULTURA DO ENCONTRO

148. Como maristas, promovemos e fomentamos a **cultura do encontro** como modo de viver no mundo contemporâneo. “Os seres humanos são feitos de tal modo que eles não conseguem viver nem atingir seu pleno desenvolvimento ‘a não ser na entrega sincera deles mesmos’⁸ aos outros. Não conseguem sequer conhecer profundamente sua própria verdade a não ser no encontro com os outros.”⁹

149. Procuramos criar oportunidades de convivência e encontro. Ajudamos os jovens a viver positivamente a diversidade que caracteriza cada vez mais nossos diversos ambientes. Nós os educamos para o diálogo e a tolerância e construímos um clima de aceitação, respeito mútuo e apoio.¹⁰
150. Promovemos projetos ou iniciativas comuns entre as crianças e os jovens de diferentes contextos sociais, culturas, crenças religiosas e estilos de vida. Esforçamo-nos para desenvolver neles a **abertura aos demais** e a prática de compartilhar tempo, talentos e capacidades a serviço dos outros, particularmente dos mais vulneráveis.¹¹
151. Preparamos os jovens para ser **líderes** na sociedade e em suas comunidades de fé. Acompanhamo-los em seu desejo de se mostrar sensíveis aos problemas de outros povos e culturas e solidários com eles.¹² De modo especial, formamos os jovens que têm fé para se envolver na vida da Igreja.¹³
152. Ao estimular a **participação e a criatividade** no processo de ensino-aprendizagem, contribuímos com o crescimento da autoconfiança nas crianças e nos jovens. Nós os ajudamos a desenvolver seus conhecimentos, a aprender a trabalhar em equipe, a se comunicar e a aceitar a responsabilidade de seu crescimento pessoal.¹⁴
153. À medida que conhecemos e compreendemos a história pessoal e familiar das crianças e dos jovens, fazemos um esforço especial para criar um **ambiente seguro e estável**, em que se sintam valorizados e amados. Tornamo-nos vigilantes para

prevenir qualquer tipo de violência e abuso contra eles e assegurar seus direitos.¹⁵

154. Ajudamos as crianças e os jovens a desenvolver a **consciência crítica** de seus contextos e sua cultura. Ensinamo-los a distinguir entre fato e opinião. Fazemos com que valorizem as aspirações espirituais da humanidade e o modo como foram expressas em diferentes contextos culturais ao longo da história.¹⁶
155. Favorecemos a utilização das tecnologias da comunicação e da informação de modo consciente, ético e responsável. Contribuímos para a inclusão tecnológica dos jovens e os convidamos a utilizar esses recursos para o bem comum. Ao interagir e caminhar ao lado deles, promovemos o **uso responsável** dessas tecnologias.¹⁷
156. As **novas tecnologias** têm grande potencial educativo. Entretanto, “a tecnologia não pode substituir o contato humano; o virtual não pode substituir o real; e as redes sociais, o âmbito social”.^{XXI} Por isso, ficamos atentos para discernir nosso uso das tecnologias à luz desses valores.¹⁸
157. Em todas as nossas obras educativas, implementamos planos de atenção personalizada e programas de orientação. Por meio dessas iniciativas, fomentamos a inclusão das crianças e dos jovens, fornecendo-lhes apoio adequado e favorecendo seu desenvolvimento pessoal e suas diversas habilidades

^{XXI}Francisco, em *Discurso aos membros da Academia Pontifícia pela Vida*. Vaticano, 20 de fevereiro de 2023.

(sociais, emocionais etc.). Ficamos atentos à sua **diversidade** e reconhecemos suas forças e necessidades particulares. Facilitamos seu acompanhamento, proporcionando acesso a terapeutas ou a serviços de outros profissionais.¹⁹

158. Esforçamo-nos para garantir que a preocupação com resultados acadêmicos, a reputação ou o lucro econômico não sejam os únicos critérios para **abrir nossas obras a quem se aproxima de nós**.²⁰

EM COMUNIDADES EDUCATIVAS EVANGELIZADORAS

159. Nossas obras educativas são espaços nos quais compartilhamos fé, vida e missão. Construímos **comunidades** em que o padrão de relacionamento reflita o Evangelho e nossos ideais maristas.²¹
160. Nossas obras estão abertas a todas as pessoas que aceitam nossas políticas e nossa proposta educativa, sejam quais forem suas crenças religiosas. Respeitamos sua liberdade pessoal e **oferecemos-lhes formação em interioridade e espiritualidade**. Nós os desafiamos a buscar o sentido de suas vidas, a se comprometer em favor da integridade da criação e a viver honradamente.²²
161. Fiéis à nossa missão de evangelizar através da educação²³ e de acompanhar as crianças e os jovens em seu crescimento pes-

soal, procuramos maneiras explícitas de alimentar suas **expressões pessoais e comunitárias de fé e seu compromisso social**.²⁴ Ainda que todos compartilhemos da responsabilidade pela vida de fé nas obras, desenvolvemos **estruturas de animação pastoral** para potencializar e coordenar nossos esforços.²⁵

162. Esforçamo-nos para nos sentir pessoalmente próximos de todos os membros da comunidade educativa. Ficamos atentos para facilitar o **acompanhamento** a quem dele possa precisar.²⁶
163. **Trabalhamos em rede**²⁷ e tomamos parte ativa em organismos eclesiais e civis, oferecendo uma perspectiva antropológica cristã. Compartilhamos nossa experiência educativa e evangelizadora e aprendemos com a experiência dos outros. Com nossa participação, contribuimos no projeto e na implementação das políticas educativas em âmbito local e nacional.²⁸
164. Interagimos com **outras confissões religiosas**. Encontramos facilmente espaços de colaboração em projetos concretos como, por exemplo, os que se referem a serviços educativos, defesa dos direitos humanos, ecologia²⁹ ou solidariedade. Além disso, atendemos a jovens que provêm de sociedades caracterizadas pela **descrença e secularização**. Buscamos em tudo “novos processos de **evangelização da cultura**, ainda que suponham projetos a longo prazo”.^{30, 31}
165. Nos locais onde não é possível ou adequado falar diretamente de Jesus, ou nos quais os próprios jovens demonstram

pouca inclinação para as questões religiosas, **continuamos a dar testemunho de Jesus e de seu Evangelho**. Nós os ajudamos a dar sentido a sua existência e a refletir sobre os valores transcendentais, e os convidamos a serem bons cidadãos e a continuar a busca do significado e propósito de suas vidas.³²

À LUZ DA TRADIÇÃO MARISTA

166. Assumimos juntos **uma visão educativa e valores essenciais maristas**. Expressamos quem somos, qual é nosso objetivo na educação, como atendemos às necessidades locais em nossas obras e quais são nossas prioridades. Tudo isso constitui fonte de inspiração e serve como referência para planejar e desenvolver nossos programas, bem como para avaliar nossas estruturas organizacionais e atividades educativas.³³
167. Adotamos com as crianças e os jovens um estilo pastoral **simples e vivencial** e buscamos abordagens adequadas que facilitem o diálogo entre a realidade das vidas deles e nossos princípios maristas.³⁴
168. Seguindo Marcelino, nós os motivamos a **se esforçar sempre para melhorar**.³⁵ Transmitimos a eles nossa confiança em sua capacidade de crescer, realçando a alegria de aprender e gerando bons resultados.³⁶ Criamos situações de aprendizado em que cada um possa se desenvolver, alcançar resultados e se sentir seguro e apoiado.³⁷

169. Adaptamos nosso estilo de trabalho à **idade, às necessidades e às circunstâncias** das crianças e dos jovens com quem trabalhamos. Prestamos **atenção especial** aos que têm dificuldades (acadêmicas, sociais, econômicas, culturais, mentais, emocionais etc.) e aos que são **mais vulneráveis**.³⁸
170. No que se refere a outras pessoas e instituições, assumimos um papel de defesa a favor e em nome das crianças e dos jovens **vítimas** de qualquer tipo de violência ou cujo bem-estar e direitos estão sendo violados. Participamos ativamente na busca da **justiça social**.³⁹

HOJE E SEMPRE

171. Nossas obras são lugares cheios de vida. São chamadas a ser **faróis de esperança num mundo turbulento**⁴⁰ e o rosto e as mãos da terna misericórdia de Deus, especialmente para os marginalizados. Confiamos que Maria “caminha conosco, luta conosco e nos aproxima incessantemente do amor de Deus”.^{41, 42}

NAS ESCOLAS

172. As circunstâncias e os perfis⁴³ das **escolas maristas ao redor do mundo variam notavelmente**, dependendo de seu con-

- texto social, político e cultural.⁴⁴ Incluem cursos que atendem as etapas da educação básica e a formação profissional, e, em algumas, inclui-se o serviço de internato.
173. Nossos alunos são **o centro** do processo de ensino-aprendizagem e de tudo o que se refere à vida escolar e sua organização. Nós os ajudamos a adquirir conhecimentos, a desenvolver competências e a crescer em valores mediante a descoberta da criação, dos outros, de si próprios e de Deus.⁴⁵
174. Utilizamos métodos de ensino-aprendizagem que favorecem a **participação ativa**.⁴⁶ Incentivamos a expressão dos alunos por meio de projetos integrais e diversificados^{XXII, 47}. Sempre que possível, oferecemos a possibilidade de experiências práticas em locais de trabalho da comunidade local.⁴⁸
175. Em consonância com nosso ideal de proporcionar uma **educação** realmente **integral**, incluímos a conscientização ambiental, assim como os esportes e a educação física e da saúde, nas experiências de aprendizagem de nossos alunos.⁴⁹
176. Inovamos, em nossos programas educativos, conteúdos curriculares e métodos de ensino-aprendizagem, aproveitando as melhores oportunidades ao nosso alcance. Na medida do possível, tentamos satisfazer às necessidades e aspirações dos alunos e de suas famílias no que se refere às escolhas dos temas de estudo, às opções universitárias e à qualificação pro-

^{XXII}A diversidade de projetos pode incluir áreas culturais, literárias, artísticas, esportivas, científicas, técnicas, digitais, do meio ambiente, da saúde e/ou empreendimentos, entre outras.

fissional. Queremos garantir que a educação que oferecemos seja social e culturalmente relevante a longo prazo.

177. Sabemos que os alunos são diferentes em suas habilidades e em suas circunstâncias pessoais, familiares, religiosas ou econômicas. **Respeitamos essa diversidade** no desenvolvimento de nossos projetos e práticas docentes e na forma como avaliamos seus progressos acadêmicos, aprendizado, atitudes e competências.^{xxiii, 50}
178. Como maristas, mantemos um ambiente seguro, adequado e tranquilo, no qual as crianças e os jovens possam estudar e aprender, e que nos ajude a prevenir os problemas antes de ocorrerem. Incentivamos um **clima de família** de mútuo respeito e aceitação.⁵¹
179. No núcleo de nossos planos de estudos, concebemos um programa de **educação religiosa** integral e sistemático, de acordo com as diretrizes da Igreja e do Estado.⁵² Focamos as **experiências de vida** dos alunos mais do que o conteúdo. Procuramos ajudá-los a descobrir Deus e os valores nos quais fundamentam suas vidas.⁵³
180. Ficamos atentos ao **ambiente religioso** da escola (imagens, orações diárias, espaços sagrados etc.). Fomentamos a expressão de nossa visão cristã da humanidade, do mundo e de

^{xxiii} Competências definidas pela UNESCO. In: ROEGIERS, Xavier. *Marco conceptual para la evaluación de competencias*. Cuestiones fundamentales y actuales del currículo y el aprendizaje n. 4. Paris, Unesco International Bureau of Education, 2016. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000245195_spa.locale=en. Acesso em: 23 jan. 2024.

Deus com a linguagem dos símbolos atuais, especialmente por meio das artes criativas e da tecnologia.

181. Em lugares onde a escola católica se converteu na principal experiência de Igreja para muitos alunos e membros da equipe educativa, oferecemos-lhes oportunidades para expressar e **desenvolver sua fé**.⁵⁴ Organizamos grupos de oração, retiros e outras experiências espirituais abertas a todos.⁵⁵ **Celebramos nossa fé** em momentos especiais do ano com liturgias significativas e bem preparadas⁵⁶ e com encontros da comunidade educativa. Esses momentos podem ser propícios para se familiarizarem com a pessoa e a história de Jesus.⁵⁷
182. Esforçamo-nos para integrar nossa escola no plano pastoral geral da **Igreja local**. Onde seja adequado, organizamos a preparação sacramental com profunda espiritualidade, em colaboração com as paróquias. Assumimos a responsabilidade pastoral e missionária de ser o rosto da Igreja para muitos e animamos os católicos a **se conectarem com sua comunidade eclesial local**.⁵⁸
183. Promovemos a **abertura** às necessidades materiais, culturais e espirituais da humanidade, em âmbito local e global. Envolvermos nossos alunos em atividades de caridade que os coloquem em contato com situações locais de pobreza,⁵⁹ construindo uma cultura do encontro. Incorporamos a Doutrina Social da Igreja⁶⁰ em nosso ensino e mobilizamos toda a comunidade educativa em expressões concretas de **solidariedade**.^{61, 62}

184. Mantemos o relacionamento com nossos **ex-alunos**, convidando-os a apoiar e se comprometer com nossa missão marista e com as causas de justiça social.
185. As escolas maristas reconhecem o **valor único de cada pessoa**. Levando isso em conta, organizamos serviços específicos ou criamos espaços alternativos para as crianças e os jovens em situação de risco e para os que têm **necessidades educativas especiais**. Em colaboração com as famílias ou com os tutores legais, promovemos o crescimento e o desenvolvimento de **todos os alunos**, incluindo suas capacidades intelectuais, sociais, emocionais, físicas e espirituais.⁶³
186. Todas as nossas obras estão conectadas à **Rede Marista de Escolas “Champagnat Global”** e dela participam. A Rede é o espaço em que promovemos a conexão e o intercâmbio entre pessoas e instituições, com o objetivo de aprimorar a qualidade de sua evangelização e educação e de incentivar a inovação, a solidariedade e o senso de comunhão. Dessa forma, ela contribui para a vitalidade e a sustentabilidade da missão marista no âmbito das escolas.

NAS OBRAS SOCIAIS

187. Nossa missão educativa marista se estende e se enriquece com as **obras sociais**. Damos esse nome a toda entidade, presença, projeto ou programa que proporciona interven-

ções socioeducativas entre grupos marginalizados de nossa sociedade, especialmente entre as crianças e os jovens.⁶⁴

188. Com a criação dessas obras, estamos atentos para responder, como maristas, às necessidades emergentes de nosso mundo. Estamos dispostos inclusive a abandonar nossa zona de conforto para **sair ao encontro** dos mais vulneráveis.⁶⁵ Nossa presença se caracteriza pelo **cuidado com o outro**, pela **esperança** e pelo testemunho. Assim, somos construtores de uma Igreja “em saída”⁶⁶ e de uma sociedade mais inclusiva e digna.⁶⁷
189. Nossas obras sociais podem variar ao redor do mundo dependendo do contexto social, político e cultural. Podem se configurar como centros diurnos, centros residenciais ou outros espaços e plataformas, oferecendo uma variedade de **serviços e programas**^{xxiv} para jovens deslocados, migrantes, refugiados, em situação de risco ou de vulnerabilidade socioeconômica.⁶⁸
190. Respondemos às **necessidades físicas e materiais** mais imediatas das crianças e dos jovens mediante ações preventivas e ajuda direta. Desenvolvemos **programas**^{xxv} para atender a

^{xxiv} Entre outros, há: lares para crianças em situação de rua; centros de defesa e de proteção de crianças e jovens; centros de acolhida e de ajuda para famílias; centros de atenção para pessoas com deficiência; serviços para grupos étnicos, deslocados, migrantes ou refugiados; escolas de educação para jovens e adultos; centros e programas de reabilitação para jovens com dependência química; programas de apoio a jovens privados de liberdade, egressos do sistema prisional ou que estão em conflito com a lei.

^{xxv} Programas de alfabetização básica, de classes de recuperação ou de aceleração escolar, de habilidades linguísticas, de desenvolvimento pessoal, de educação sanitária, de relações humanas, de assistência pré-escolar, de oficinas sobre temas sociais ou culturais etc.

ampla variedade de necessidades educativas, sanitárias e de desenvolvimento pessoal.⁶⁹

191. Por meio desses programas,⁷⁰ **educamos para a vida e a transformação social**. Procuramos melhorar o bem-estar individual das crianças e dos jovens, assim como a qualidade de vida de toda a comunidade.⁷¹ Ao apoiá-los, inclusive seus familiares, a conseguirem uma vida mais digna, buscamos sua inclusão, reintegração social e reconciliação.^{72, 73}
192. Trabalhamos para garantir que esses centros sejam parte de um **projeto comunitário integrado e em rede**, envolvendo crianças e jovens nos grupos locais, nas instâncias oficiais e em organizações não governamentais.^{74, 75}
193. **Avaliamos periodicamente** os resultados de nossos programas sociais, procurando sempre os melhores meios para que as crianças e os jovens alcancem maior autonomia pessoal. Em situações especiais, oferecemos a eles assistência profissional.⁷⁶
194. Reconhecemos que os jovens são **protagonistas** de seu próprio destino e podem contribuir de modo significativo em seu processo educativo. Damos especial atenção à sua participação ativa e à sua voz em nossas obras educativas.
195. Esforçamo-nos para criar espaços seguros com forte **espírito de família**,⁷⁷ que nos ajude e que influencie de forma positiva as crianças e os jovens aos quais servimos.⁷⁸ Em nossos centros residenciais, podemos inclusive viver com eles,

compartilhando de sua vida de modo mais próximo, como testemunho de nosso **compromisso pessoal** no meio deles.⁷⁹

196. Falamos a eles sobre **a intimidade e o cuidado de Deus**⁸⁰ com todos, especialmente **os mais empobrecidos e abandonados**. Promovemos a mudança interior que nasce da experiência do amor incondicional de Deus, dos relacionamentos interpessoais e das novas percepções de sua história pessoal.⁸¹
197. Trabalhar com crianças e jovens em situação de risco e acompanhá-los nos transforma e exige **autenticidade**, equilíbrio, maturidade e crescimento interior de nossa parte. A realidade em que atuamos inspira nossa própria espiritualidade e nos leva a um estilo de vida mais **simples**.⁸²
198. Compartilhar e trabalhar com crianças e jovens cujas vidas estão marcadas pela extrema pobreza, pelas violências, pelo abuso ou por qualquer outra experiência traumática pode causar **impacto em nosso equilíbrio pessoal**.⁸³ Por isso, estamos atentos ao nosso próprio bem-estar e ao dos demais mediante acompanhamento ou revisão pessoal. Além disso, procuramos oportunidades para compartilhar nossas experiências com os companheiros de trabalho ou com a comunidade.⁸⁴
199. Incentivamos a disponibilidade local e global por meio da **Rede Marista Internacional de Voluntariado** do Instituto.⁸⁵ Estimulamos o **voluntariado**, especialmente dirigido aos mais pobres e vulneráveis.⁸⁶

200. As portas de nossas obras sociais permanecem abertas para **todos os que um dia foram beneficiados pelos cuidados** dos maristas. Nós os convidamos a continuarem a desempenhar papel ativo nesses centros em apoio das novas gerações.
201. Por meio da **Rede Marista de Solidariedade Internacional**,⁸⁷ fazemos intercâmbio de boas práticas, colaboramos no desenvolvimento de projetos de formação, procuramos financiamentos conjuntos e participamos de iniciativas concretas. O trabalho em rede nos coloca em contato com outras instituições públicas e privadas.⁸⁸

NA EDUCAÇÃO SUPERIOR

202. A **missão** das instituições maristas de educação superior, como universidades católicas, tem “significado cultural e religioso de grande importância, pois interessa ao próprio futuro da humanidade”.⁸⁹ A educação que oferecem visa a um “novo humanismo”, mediante o qual as pessoas se dispõem ao diálogo e trabalham pelo bem comum.⁹⁰
203. Em nossos centros, oferecemos aos estudantes **formação integral**, que une ensino, pesquisa e transformação social. Assim, **formamos profissionais** comprometidos com seu trabalho e com a melhoria da vida e das condições das pessoas em âmbito local e global.⁹¹

204. Nossas instituições oferecem cursos formais de graduação, estudos de especialização, mestrados e doutorados, assim como cursos permanentes de atualização profissional. Sua atividade se estende a **serviços de divulgação comunitária e transferência de conhecimento** para a sociedade.
205. Nossas instituições **colaboram com outras obras educativas maristas** e constituem espaço onde os jovens possam continuar seus estudos com apoio para o empreendimento de ações conjuntas de **formação continuada para líderes** e outros colaboradores.⁹²
206. A educação universitária marista **amplia a visão de mundo** dos estudantes e propõe um debate crítico sobre as necessidades de um mundo em transformação, em contexto multidisciplinar, interprofissional e intercultural propício para a cooperação entre pessoas e saberes como meio de propor novas soluções. As questões sociais, políticas, culturais e de meio ambiente, entre outras, são temas transversais que aparecem constantemente em todas as áreas de conhecimento.⁹³
207. As instituições maristas de educação superior formam profissionais e pesquisadores nos diversos campos do saber, em consonância com sua missão e as necessidades das comunidades a que servem. Com essa finalidade, atualizam-se permanentemente, atentas às tendências que vigoram nos diferentes domínios, para que seus **estudantes e graduados** possam **atuar com segurança e experiência** no trabalho relacionado com sua especialização. Além disso, os preparam

para se tornarem **empreendedores**, dispostos a realizar um trabalho valioso a favor de seu entorno e do mundo.⁹⁴

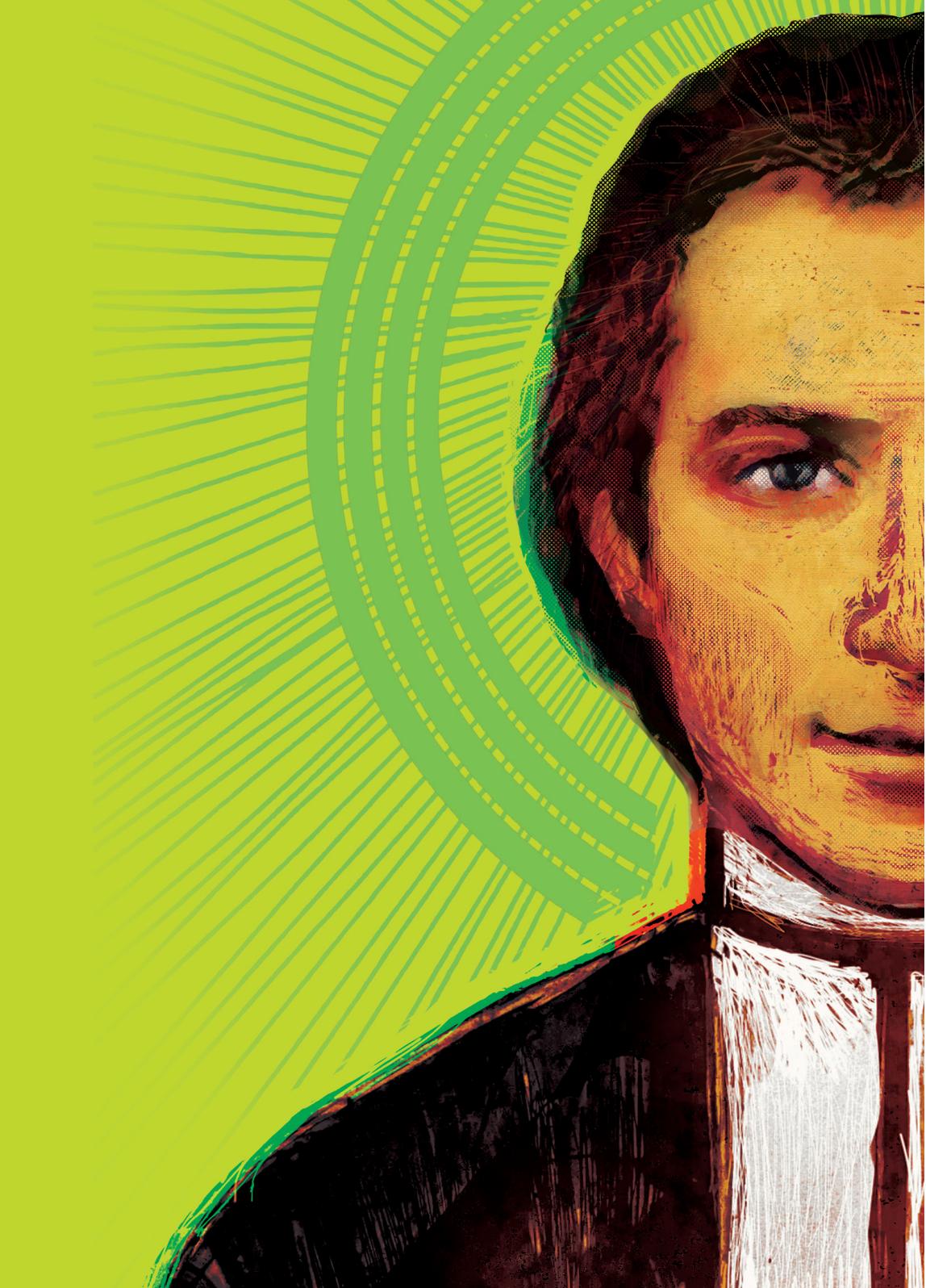
208. Nossas instituições se esforçam por **gerar um impacto social positivo** através de seu relacionamento com os principais setores interessados, sejam eles eclesiais, acadêmicos (professores e alunos), governamentais (em todos os níveis) e de outras entidades (organizações não governamentais e grupos sociais). Esses relacionamentos levam a atividades que procedem “das” pessoas, evoluem “com” as pessoas e são feitas “para” as pessoas.
209. Valorizamos a **pesquisa** relevante e inovadora. Somos líderes na criação das condições idôneas para a construção e o alcance do conhecimento, respeitando as questões éticas e legais.
210. Esforçamo-nos para ser **inovadores** em nossos modelos e processos curriculares, favorecendo os que dão maior protagonismo à participação dos estudantes na escolha de disciplinas e no uso de metodologia experimental, em estreita vinculação entre teoria e prática.
211. O ambiente universitário é espaço propício para acolher a diversidade de pensamento, crenças e cultura. Como maristas, professamos nossa fé e oferecemos oportunidades para **cultivar a espiritualidade**⁹⁵ dos membros da comunidade acadêmica que se mostram interessados. Os serviços de capelania, os grupos de jovens universitários e o voluntariado são possíveis caminhos para isso.^{96, 97}

212. Todos os que trabalham em nossos centros recebem formação em **identidade institucional**. Isso é feito mediante atividades de formação permanente, espaços de crescimento e retiros, que promovem o compromisso com nossa missão e valores.⁹⁸
213. Convidamos nossos graduados e pós-graduados a manter vínculo com nossos centros, compartilhando experiências e tendências de suas profissões, sendo mentores dos estudantes, apoiando a promoção de bolsas de estudo e pesquisa e participando no desenvolvimento de nossos cursos. As **redes de ex-alunos** fortalecem nossas instituições e contribuem para sua continuidade.
214. Nossas instituições colaboram entre si através da **Rede Internacional Marista de Educação Superior (RIMES)**, que tem caráter global e intercultural. Esse caráter se manifesta também na cooperação estabelecida com outras redes maristas, com outras instituições internacionais e com o fato de contar com professores e estudantes de diversas culturas e procedências.⁹⁹

EM OUTRAS ÁREAS DE MISSÃO

215. A missão educativa marista se enriquece com obras que prestam outros serviços para responder a necessidades específicas: **centros culturais e comunitários, clubes juvenis, hos-**

pitais universitários, editoriais maristas, casas de retiro e convivência, centros de patrimônio marista e museus, entre outras. Cada uma representa valores e serviços significativos e complementares para dar suporte à missão. Em sua diversidade, permitem-nos atender a interesses e necessidades de pessoas ou grupos e facilitar experiências de conhecimento, vida e espiritualidade.¹⁰⁰



MENSAGEM FINAL

**Olhamos
além**

“[Olhar além] significa manter-se fiel ao serviço de educar e evangelizar a juventude de acordo com o carisma de São Marcelino Champagnat. Ele soube como “enxergar mais longe”, e como ensinar os jovens a “olhar mais longe”, a abrir-se para Deus, para os horizontes do amor evangélico”.

Audiência do Papa Francisco aos participantes da Conferência Geral dos Irmãos Maristas. Roma, 24 de março de 2022.

SENTIMO-NOS ENVIADOS¹

Em todos os cantos do mundo, há milhares de crianças e jovens cujas vidas são impactadas pela presença de educadores maristas. Como educadores maristas, conhecemos as alegrias e os desafios de trabalhar com eles. Sabemos o bem que podemos fazer. **Acreditamos em seu futuro e em nosso próprio futuro.**

Sentimo-nos enviados ao mundo numa missão que, de modo constante e criativo, exige nossa contribuição e nossa presença, nossos valores e nossa visão, uma missão diante da qual nos sentimos comprometidos a dar uma resposta significativa. Cada dia, respondemos a essa missão, obedecendo ao chamado para “olhar além” e, de mãos dadas com Maria, abraçamos o presente e o futuro com alegria, coragem e esperança.²

COM ALEGRIA

Sentimo-nos felizes por sermos chamados a compartilhar nossa vida como maristas em qualquer de nossos serviços ou vocações. Nós nos comprometemos com prazer a ser **boa nova** para todos aqueles com quem nos encontramos. Temos a convicção de que “a alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira dos que se encontram com Jesus”.³ Essa mesma alegria anima todas as obras educativas maristas. Inspirados na visão de São Marcelino de “tornar Jesus Cristo conhecido e amado”, irradiamos a alegria do Evangelho em palavras, ações e atitudes. Agindo assim, sentimo-nos pessoalmente entusiasmados e animamos as crianças e os jovens, assim como nossos colegas, em sua caminhada vital de cada dia, para que também sejam boa nova para o mundo.

COM CORAGEM

Abraçamos o mundo desde o Evangelho com um coração marista. Reconhecemos o sem-número de desafios e circunstâncias, as fronteiras geográficas e existenciais e os territórios desconhecidos que nos convidam a olhar, a atuar e a ir além. Seja local ou globalmente, somos impelidos a “criar coragem para irmos contra a maré dos valores dominantes que não se ajustam ao caminho de Jesus” (Papa Francisco). Como Maria, abraçamos com ousadia a missão de Deus. Fiéis ao carisma confiado a Marcelino, **mantemo-nos atentos e comprometidos** com:

- a missão de evangelizar pela educação, dedicando uma atenção toda especial às crianças e aos jovens marginalizados por nossas sociedades;

- o futuro em sua constante e acelerada mutação, procurando sempre expandir o Reino de Deus nas realidades concretas, sejam elas quais forem.

COM ESPERANÇA

Vivemos nossa vida e missão cheios de esperança. Temos a forte convicção de que Jesus é a fonte de nossa esperança. Jesus dá o primeiro passo para nos encontrar, caminha ao nosso lado, nos ouve, suscita em cada um de nós o que temos de melhor, desperta em nós a esperança e nos ajuda a descobrir o plano de Deus, mesmo no meio da confusão e da escuridão humana. Em nossa missão de educar as crianças e os jovens, reconhecemos que “a esperança abre novos horizontes e nos torna capazes de sonhar o que nem sequer é imaginável.” (Papa Francisco, *Audiência Geral, 28 de dezembro de 2016*).

A educação e a evangelização são atos de esperança. Como educadores maristas, prosseguimos em nosso empenho de possibilitar que os novos horizontes e os sonhos das crianças e dos jovens se tornem realidade. Certificamo-nos da presença de Jesus tanto em nosso trabalho com eles como em nossos momentos de silêncio e oração. Desse modo, as palavras dos discípulos a caminho de Emaús se transformam em palavras nossas: “Não ardiam nossos corações dentro de nós quando ele nos falava caminhando conosco?”⁴

E... COM MARIA

Nossa esperança está intimamente entrelaçada com a de Maria. Ela nos inspira e nos transmite coragem em cada passo de



nossa caminhada, com seu próprio testemunho diante do mistério da vida e com seus próprios aprendizados. Ao olharmos para ela, nós nos encontramos com uma parte de nós mesmos que nos inspira e nos impele a seguir adiante.

- Com Maria da **Anunciação** (Lc 1,26-38), ficamos abertos à ação de Deus em nossas vidas, do Deus para quem nada é impossível. Como Maria, dialogamos com o Senhor sobre nossas dúvidas, temores e deficiências,⁵ e aceitamos com fé o convite de Deus para participarmos na missão de anunciar a Boa Nova. Numa época em que predomina a independência, criamos espaço para Deus.
- Com Maria da **Visitação** (Lc 1,39-45), saímos de nosso encontro com o Senhor cheios de fé e esperança. Vamos ao encontro dos jovens exatamente nos seus espaços de carência, para lhes oferecer nosso amor que dará a eles uma vida plena. Numa época em que predomina o individualismo, a realidade virtual e artificial, construímos a “cultura do encontro”.⁶
- Com Maria do *Magnificat* (Lc 1,46-55), louvamos o Senhor pelo dom da vida. Numa época de secularização e relativismo, reconhecemos a grandiosidade do Deus da fidelidade, misericórdia, justiça e paz.
- Com Maria de **Belém** (Lc 2,1-20), fazemos com que Jesus nasça no coração dos outros. Sentimo-nos prontos para fazer isso nos lugares menos plausíveis e mais hostis. Numa época de marginalização e alienação, manifestamos nossa fé na bondade inerente a todos os seres humanos.
- Com Maria de **Nazaré** (Lc 2,39-52), ficamos atentos, orientamos e cuidamos das crianças e dos jovens, fazendo crescer neles o conhecimento e o amor de Deus que atua em suas vidas e o respeito por tudo o que ele criou. Como Maria, nós

os aceitamos como eles são, mesmo quando não compreendemos totalmente suas decisões. Numa época em que predomina a autossatisfação, nós nos entregamos generosamente.

- Com Maria de **Caná** (Jo 2,1-11), nós nos sensibilizamos com as necessidades dos outros. Convidamos os jovens a fazerem tudo o que Jesus quer que façamos. Numa época de egocentrismo, tornamo-nos sensíveis aos demais e lhes estendemos as mãos.
- Com Maria do **Calvário** (Jo 19,25-27), identificamos Jesus nos rostos dos que estão aflitos e sofrem. Sofremos com eles com um coração de mãe e confiamos neles com maternal compaixão. Numa época em que a esperança luta contra o desespero, permanecemos junto com os últimos, com os que estão perdidos e com os que nada têm.
- Com Maria do **Cenáculo** (At 1,12-24), construímos comunidade à nossa volta. Em uma época de desorientação espiritual, apresentamos a fé e a visão de uma Igreja renovada e cheia do Espírito.

Finalmente, reconhecemos e afirmamos o valor inestimável de nossa vocação privilegiada de educadores maristas.

Como é maravilhosa a oportunidade de ser, de algum modo, Champagnat para as novas gerações!⁷ Com aquela paixão e entrega pela missão que animava o dia a dia de Marcelino, nós também OLHAMOS ALÉM⁸ e, hoje, optamos por assumir e enfrentar o futuro, junto com Maria, primeira discípula de Jesus, com alegria, coragem e esperança.





ORAÇÃO

Senhor, fortalece nosso compromisso

Deus sempre fiel,
te damos graças de modo especial
pelo carisma recebido através de Marcelino Champagnat.
Com ele enriqueceste a vida da igreja
e de muitos maristas hoje.

Graças por tantas gerações de Irmãos que,
nos cinco continentes, entregaram suas vidas
à evangelização das crianças e dos jovens.

Graças pelo número crescente de leigos maristas,
mulheres e homens chamados pelo Espírito Santo
para viver sua vocação cristã e compartilhar a mesma missão,
em comunhão com os Irmãos.

Graças também por todos os que trabalham conosco,
compartilhando e enriquecendo nossa missão.

De modo especial, Senhor, te damos graças
pelas crianças e pelos jovens que estão sob nossos cuidados
e que enriquecem e alegam nossas vidas.

Graças, Espírito Santo,
por nos chamar constantemente a nos convertermos
e porque nunca deixas de nos surpreender,
abrindo novos horizontes no Instituto.

Dá-nos coragem e generosidade
para que consigamos ser sinais de tua ternura e misericórdia
entre os pobres e os jovens necessitados de hoje,
sendo fiéis à nossa missão
de fazer que Jesus Cristo seja conhecido e amado.

Maria, mulher de ação,
faze com que nossas mãos e nossos pés
se movimentem “com pressa” na direção dos outros,
como tu fizeste,
para levar a eles a caridade e o amor de teu Filho Jesus,
e a luz do Evangelho ao mundo.

Amém

(Oração inspirada na Regra de Vida, n. 95)

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO E TROCAS DE IDEIAS

CAPÍTULO 1. NOS PASSOS DE MARCELINO CHAMPAGNAT

1. Que momento da vida de Marcelino tem significado especial para você?
2. Marcelino viveu num mundo de grande agitação política e de incertezas. Como esse fato pode nos motivar e inspirar nos tempos atuais?
3. De que modo os desafios que Marcelino enfrentou no início de sua educação definem alguns elementos essenciais da obra educativa marista?
4. Com um coração sem fronteiras, Marcelino ajudou outras pessoas mais vulneráveis, que estavam marginalizadas na sociedade. Como esse fato inspira você a aprender alguma coisa com Marcelino?
5. A vida de Marcelino com os primeiros Irmãos é a história da “presença”. Como sua vida como educador marista é exemplo vivo dessa “presença”?
6. “Marcelino cultivou nos primeiros Irmãos uma espiritualidade fundamentada no senso da presença de um Deus amoroso e fiel”. Como você descreveria seu relacionamento com Deus neste momento de sua vida?
7. Marcelino se transformou num líder autêntico, desenvolvendo um estilo particular de liderança, com determinação e comprometimento. Como esse modo de liderar se assemelha a seu estilo de liderança?

CAPÍTULO 2. MARISTAS EM MISSÃO, NA IGREJA E NO MUNDO

1. Que ponto chamou mais sua atenção neste capítulo?
2. O que lhe pareceu mais significativo em nossa missão compreendida como “missão compartilhada”?
3. Você se sente apoiado e entusiasmado por fazer parte da missão marista?
4. Você se sente parte de uma comunidade educativa que tem uma missão compartilhada, na qual todos são corresponsáveis e se inspiram mutuamente para se manter firmes na mesma missão?
5. Você se identifica com os valores, o carisma e a espiritualidade maristas? Como você percebe esses elementos refletidos na vida, no trabalho e no modo de vida dos Irmãos e dos leigos com os quais você compartilha a missão?
6. Que desafios pessoais você encontra no ideal e na prática da “missão compartilhada”?
7. De que modo você procura atualizar e aprofundar seus conhecimentos e sua formação profissional e pastoral para exercer uma liderança servidora, profética, qualificada e alinhada com a identidade e a espiritualidade maristas?
8. Em sua opinião, quais são as principais dificuldades e os desafios que enfrentamos para conseguir um convívio fraterno em nossas comunidades educativas, no diálogo com as famílias, com a Igreja e com outras redes missionárias? O que podemos fazer para superá-los?

CAPÍTULO 3. PRESENTES ENTRE AS CRIANÇAS E OS JOVENS, ESPECIALMENTE OS MAIS VULNERÁVEIS

1. Que aspectos deste capítulo você achou mais desafiadores?

2. Que sinais dos tempos mais influenciam na educação integral das crianças e dos jovens no contexto em que você vive?
3. Que mudanças na sociedade e na Igreja são motivo para manter a esperança?
4. Como podemos construir espaços seguros, saudáveis e de boa convivência em sua instituição ou local de trabalho?
5. Descreva uma situação relacionada com os jovens que desperte em você compaixão ou indignação. De que modo você se preocupa em cuidar dos que sofrem?
6. Em seu entorno, quais são as crianças e os jovens mais vulneráveis, que vivem em periferias geográficas e existenciais?
7. Como garantir a dignidade e os direitos das meninas e das mulheres em nossas instituições educativas?
8. Qual a relação institucional que estabelecemos em fóruns públicos para contribuir com o anúncio e as denúncias das situações de vulnerabilidades vivenciadas pelas crianças e jovens?
9. Como podemos ampliar nossa presença e atuação em rede com outras instituições em prol dos direitos da criança e da juventude?
10. Como podemos ser mais “ousados e decididos” para nos aproximar das crianças e dos jovens e promover sua participação?

CAPÍTULO 4. SEMEADORES DA BOA NOVA

1. Com suas próprias palavras, como você explicaria sua missão (a vivência de seu ideal mais profundo como educador)?
2. Em seu local de trabalho ou apostolado, quais são os maiores desafios para evangelizar as crianças e os jovens?
3. “Tornar Jesus Cristo conhecido e amado” continua sendo o objetivo primordial que orienta sua missão como marista de Champagnat?

4. Cite pelo menos um aspecto em que sente que está contribuindo na “expansão do Reino de Deus”.
5. Como é seu testemunho pessoal na missão? Você demonstra alegria, esperança, vida cristã? E o testemunho comunitário?
6. Você vive com senso de transcendência em seu desempenho educativo cotidiano quando vê nas crianças e nos jovens a imagem e a presença de Deus? Como concretiza isso?
7. Que diferença você observa entre executar suas atividades educativas como profissão e executá-las como vocação?
8. Executamos nossas tarefas educativas em contextos religiosos, culturais, sociais e econômicos diversificados e plurais. Que propostas você consegue extrair do texto para influenciar seu trabalho educativo?
9. Com que propostas ou possibilidades você pode contribuir para fomentar a Pastoral Juvenil Marista e para participar da Rede Internacional de Pastoral Juvenil Marista?

CAPÍTULO 5. COM ESTILO MARISTA PRÓPRIO

1. De tudo o que leu neste capítulo, que aspectos você destaca que merecem atenção especial e que deixam marcas nas crianças e nos jovens?
2. “Para educar bem as crianças e os jovens devemos amá-los e amar a todos igualmente”. Isso é o que foi muitas vezes chamado de “regra de ouro” da educação marista. Que significado essa “regra” tem para você?
3. Em sua percepção, o que deve distinguir uma instituição marista de outras instituições educativas?
4. Fixe sua atenção nas características do estilo tipicamente marista uma a uma: do jeito de Maria, espírito de família, presença, simplicidade, amor ao trabalho, fidelidade criativa

ao carisma de Marcelino: Qual delas representa um desafio especial para você?

5. Em que exemplos concretos (estruturas, atitudes, práticas) você identifica essas características na instituição marista em que você trabalha ou realiza sua missão?
6. De que modo concreto, seja pessoalmente ou em grupo, você conseguiria viver mais plenamente essas características?

CAPÍTULO 6. EM NOSSAS OBRAS EDUCATIVAS

1. Que ideias deste capítulo parecem novas para você?
2. Que desafios encontramos hoje para evangelizar pela educação e contribuir de fato para a construção de uma cultura de paz na sociedade?
3. Até que ponto concretamente estamos ensinando as crianças e os jovens, em nossas obras educativas, a enfrentar os desafios atuais com educação de qualidade, inovadora, competitiva e comprometida com a defesa dos direitos e o cuidado com o meio ambiente e o bem comum?
4. É possível identificar o rosto de Jesus e de Marcelino em nosso modelo de educação, em nossos espaços escolares e em nosso relacionamento com as famílias e a sociedade?
5. Estamos conseguindo acolher a diversidade cultural, as diversas formas de ser e de viver, integrando-nos verdadeiramente e promovendo um diálogo fraterno e enriquecedor? Quais são os maiores desafios nessa integração hoje?
6. De que recursos você se serve para dar os devidos cuidados aos que sentem mais dificuldades e são mais vulneráveis?
7. Que mais poderíamos fazer para contribuir na difusão de uma cultura de sustentabilidade global em termos de meio ambiente, solidariedade e cuidado das pessoas?

8. Como estamos favorecendo, em nossas obras educativas, o desenvolvimento humano e integral, baseado no respeito, na igualdade, no diálogo fraterno e solidário e na cultura do encontro? E como estamos promovendo projetos de intervenção social?
9. De que modo nosso modelo de educação e gestão é exemplo de liderança servidora, profética e qualificada? Como contribuimos na formação das crianças e dos jovens para se dedicarem ao serviço dos mais vulneráveis?

NAS ESCOLAS

1. Que tópicos mais chamaram sua atenção neste capítulo?
2. Somos sensíveis à diversidade (capacidade, circunstâncias religiosas ou econômicas) de nossos estudantes? Até que ponto essa sensibilidade com a diversidade de nossos estudantes é elemento essencial de uma escola marista?
3. Como podemos oferecer um modelo integral e holístico de formação marista em nossa escola ou nosso colégio?
4. Por que o ambiente religioso da escola é parte importante da formação de nossos estudantes? Como você contribui ou reforça esse ambiente em sua escola ou seu colégio?
5. Para muitos alunos das escolas maristas, esta é a única oportunidade para conhecer a fé e nela crescer. Como sua escola ou seu colégio forma os jovens com valores e práticas de fé que os ajudem a enfrentar os desafios da vida?
6. Que desafios você encontra quando tenta implementar programas, conteúdos e métodos para todos os estudantes, especialmente os que sentem maiores dificuldades?
7. De que modo você educa na solidariedade e para a solidariedade?

8. Que desafios ou possibilidades você percebe em sua escola em relação aos aspectos citados no n. 185?
9. Quais são as principais oportunidades de colaboração por meio da Rede Champagnat Global? Que benefícios ela consegue produzir?
10. Que desafios e oportunidades você encontra na hora de estabelecer um forte vínculo positivo e proativo com os ex-alunos?

NAS OBRAS SOCIAIS

1. O que mais o entusiasma e o que mais o desanima em seu trabalho?
2. Que esperança você deposita no futuro de sua missão?
3. Que atenção é dada às crianças e aos jovens mais vulneráveis em seu entorno e aos que vivem nas periferias existenciais, socioeconômicas, culturais, religiosas ou geográficas?
4. Como maristas de Champagnat, de que modo você julga que nós podemos continuar trabalhando e crescendo nesse campo?
5. Você acredita haver conhecimento, ajuda e colaboração mútua entre os diversos tipos de presenças educativas maristas?
6. Que espaço as obras sociais ocupam nos projetos de sua província e a quais apelos elas procuram responder?
7. Qual é seu sentimento pessoal quando lê a frase: “Estamos dispostos a abandonar nossa zona de conforto para sair ao encontro dos mais vulneráveis”?
8. Como o voluntariado contribui de modo eficiente para solucionar situações críticas locais e globais?
9. De que modo a participação nas Redes de Solidariedade e de Voluntariado pode ajudar você em sua missão?

NA EDUCAÇÃO SUPERIOR

1. De que modo sua instituição de ensino superior proporciona uma educação integral a seus estudantes, a fim de ajudá-los a perceber e transformar as diversas realidades de nosso mundo atual?
2. Como sua instituição acadêmica atua para fortalecer o relacionamento de seus estudantes com seus principais interlocutores, como a Igreja, as organizações governamentais e não governamentais e outras entidades, a fim de provocar um impacto social positivo?
3. Com que desafios e oportunidades você se depara na hora de estabelecer uma conexão forte com os graduados?
4. Num mundo secularizado e cético, qual o papel de nossas instituições maristas de educação superior na formação integral dos jovens que recorrem a elas para sua formação profissional?
5. Quais são as estratégias para fomentar a cultura e a identidade maristas no ambiente de sua instituição?
6. Como as instituições maristas de educação superior podem transformar seus contextos sociais e contribuir com transformações mais amplas na sociedade?
7. Como os direitos da criança estão integrados na formação dos futuros profissionais que estudam em nossas universidades?
8. Como as instituições maristas de educação superior podem se tornar fonte de ensino e aprendizagem para os colaboradores maristas em suas diversas frentes?
9. De que modo sua instituição colabora com outras instituições maristas de educação superior de todo o mundo?
10. Que benefícios e oportunidades você consegue encontrar participando na Rede Marista de Instituições de Educação Superior?

NOTAS EXPLICATIVAS

CAPÍTULO 1. NOS PASSOS DE MARCELINO CHAMPAGNAT

1.1 PRIMEIRO DIA NA ESCOLA

A mãe e a tia, sem condições de ensiná-lo a ler senão imperfeitamente, enviaram-no a um professor para aperfeiçoar-lhe a leitura e ensinar-lhe a escrever. No primeiro dia, como era tímido e não ousava sair do seu lugar, o mestre o chamou junto a si para a leitura, mas outro aluno apresentou-se e postou-se à frente de Marcelino. O mestre, tomado de nervosismo, pensando talvez agradar ao jovem Marcelino, deu uma bofetada no rapaz que se adiantara e o mandou chorando para o fundo da sala. Tal atitude não era de molde a tranquilizar o novo aluno, menos ainda levá-lo a curar sua timidez. Ele diria mais tarde que tremia todo e tinha mais vontade de chorar que de ler. Essa brutalidade revoltou-lhe o espírito de justiça. Pensou consigo: “Não volto à escola de um tal mestre; o tratamento injusto dado àquele menino prova o que posso esperar dele. Na primeira ocasião poderá tratar-me de igual maneira. Não me interessam, pois, nem suas lições e menos ainda seus castigos”. De fato, apesar das instâncias dos pais, não quis mais voltar a estudar com aquele professor.

Vida, p. 5-6.

1.2 O CHAMADO DE MARCELINO

A decisão assumida por Marcelino Champagnat de aprender o latim não era veleidade. Os pais, cientes dos fracos dotes do filho, tentaram dissuadi-lo, alegando as dificuldades que tivera na aprendizagem da leitura e a falta de gosto pelo estudo. Tudo o que disseram foi inútil. O rapaz perdeu o atrativo pelos trabalhos e pelo pequeno comércio, aos quais outrora se dedicara com tanto afínco.

Passou um ano na casa do tio, que lhe dispensou o máximo cuidado sem, no entanto, conseguir dele progressos sensíveis. Assim, no fim do ano, achou que o sobrinho não devia entrar no seminário. “Seu filho teima em continuar os estudos, disse ele aos pais, mas não vale a pena deixá-lo prosseguir; é muito pouco dotado para obter resultados satisfatórios.”

Marcelino, que durante o ano todo rezara e refletira, em nenhum momento se deixou abalar pelas palavras do tio, nem pelas ponderações dos pais. “Preparem meu

enxoval, disse. Quero entrar no seminário; hei de vencer, pois Deus me chama.” Como lhe apresentassem algumas dificuldades na aquisição de roupas, atalhou: “Não se preocupem com os gastos; tenho dinheiro para cobri-los”. Efetivamente, todo o enxoval foi pago com o dinheirinho juntado.

Vida, p. 11-12.

1.3 SOCIEDADE DE MARIA

Nesse tempo (1812-1815) foram lançados os primeiros alicerces da Sociedade de Maria. Alguns seminaristas, à frente dos quais se achavam Colin e Champagnat, se reuniam frequentemente para animar-se na piedade e no exercício das virtudes sacerdotais. O zelo pela salvação das almas e a procura dos meios para consegui-la eram o assunto mais comum de seus encontros. Da comunicação recíproca dos sentimentos e dos projetos, surgiu a ideia da fundação de uma sociedade de padres.

A devoção especial desse grupo de elite para com a Santíssima Virgem levou-os a colocar a nova Sociedade sob o patrocínio da Mãe de Deus, denominando-a Sociedade de Maria. [...] Além disso, ele mesmo quis participar do grupo, pôs-se à frente e, de tempos em tempos, reunia-os para dirigi-los e animá-los e com eles traçar os planos da nova associação. Numa dessas sessões, combinaram fazer juntos uma peregrinação a Fourvière, a fim de colocar aos pés de Maria o plano da nova associação. [...]

Entretanto, no plano da nova agremiação, ninguém cogitara a necessidade de Irmãos para o ensino. Somente Champagnat acalentou o projeto dessa instituição e o realizou sozinho. Frequentemente, repetia aos companheiros: “Precisamos de Irmãos; precisamos de Irmãos que ensinem o catecismo, ajudem os missionários e eduquem as crianças”.

Vida, p. 27-28.

1.4 POR QUE IRMÃOS?

Nascido no cantão de Saint Genest Malifaux (Loire), tive dificuldades enormes para aprender a ler e a escrever. Por isso, senti a urgente necessidade de fundar uma Sociedade que pudesse com poucos gastos proporcionar às zonas rurais o ensino que os Irmãos das Escolas Cristãs ministram nas cidades.

Pe. Champagnat, ao senhor Antoine Nicolas Narcise Achille de Salvandy, ministro da Instrução Pública. Cartas, n. 159.

1.5 A EXPERIÊNCIA “MONTAGNE”

Chamado a confessar um jovem doente num povoado, [Champagnat] pôs-se imediatamente a caminho, conforme seu costume. Antes de ouvi-lo em confissão, fez-lhe uma série de perguntas para saber se tinha as disposições necessárias para receber os sacramentos; estremeceu ao verificar que ele ignorava os principais mistérios, não sabendo nem mesmo se Deus existia. Aflito por encontrar um rapaz de doze anos mergulhado em tão profunda ignorância, e temendo vê-lo morrer nessa situação, sentou-se ao lado do doente e começou a ensinar-lhe os principais mistérios e as verdades essenciais da salvação. Assim, levou duas horas para instruí-lo e confessá-lo. Não foi sem grandes dificuldades que consegui ensinar-lhe as coisas mais indispensáveis, pois o jovem se encontrava tão doente que mal entendia o que ele falava. Depois de o ter confessado e feito repetir, várias vezes, atos de amor a Deus e de contrição, a fim de dispô-lo a bem morrer, deixou-o para atender a outro doente, na casa vizinha.

Ao voltar, perguntou como estava o rapaz: “Morreu instantes após sua saída”, responderam os pais, em lágrimas. Então, ficou muito alegre, por ter chegado a tempo, mas também temeroso, em razão do perigo em que estivera o jovem. [...] Voltou todo compenetrado desses sentimentos, cismando: “Quantos outros meninos se encontram, todos os dias, na mesma situação, correndo o mesmo risco, por não haver ninguém que os instrua nas verdades da fé”. E então, o pensamento de fundar uma sociedade de Irmãos, destinados a prevenir tão sérias desgraças, ministrando às crianças a instrução cristã, perseguiu-o com tamanha insistência, que foi ter com João Maria Granjon e lhe comunicou todos os seus planos.

Vida, p. 56-57.

1.6 FORMOU OS JOVENS IRMÃOS EM LA VALLA

O Padre Champagnat [...] desejava ardentemente que chegasse a hora de seus Irmãos poderem assumir uma escola. Entretanto, julgando-os ainda bastante despreparados, resolveu chamar um mestre de primeiras letras que, na sua opinião, era necessário para dupla finalidade: dar às crianças da paróquia a instrução primária, aperfeiçoar os Irmãos nos conhecimentos já adquiridos e iniciá-los nos métodos de ensino. [...] O professor viveu em comunidade com os Irmãos; na residência deles abriu a escola que logo se lotou de crianças. Os Irmãos ajudavam na instrução dos alunos. Observavam como ele fazia, imitavam-no e aprendiam seu método. No intervalo das aulas, recebiam orientações particulares sobre as diversas seções do ensino.

Vida, p. 68-69.

1.7 ESCOLHERAM VIVER FRUGALMENTE

O Superior da Associação dos Irmãozinhos de Maria [...] tem a honra de expor a V. Ex.^a o seguinte: sendo a finalidade da Associação proporcionar aos municípios rurais o meio de ministrar, a baixo custo, os benefícios da instrução aos filhos de seus habitantes, reduziu ao mínimo o custo de cada Irmão professor.

Pe. Champagnat, ao senhor Antoine Nicolas de Salvandy, ministro da Instrução Pública. Cartas, n. 113.

Os sacrifícios que houvermos por bem impor-nos para proporcionar de maneira menos dispendiosa o benefício da instrução à classe numerosa e tão prestimosa das populações rurais nos têm permitido viver, mas com parcimônia.

Pe. Champagnat, ao senhor Antoine Nicolas de Salvandy, ministro da Instrução Pública. Cartas, n. 173.

O montante [...] já é quantia bastante módica para cobrir os gastos necessários à manutenção de três Irmãos num município. Diminuí-la mais seria, a meu ver, já não digo subtrair-lhes o magro salário atribuído ao trabalho mais ingrato e mais penoso de um cidadão, mas seria até diminuir-lhes a comida, que já é pobre e nada rebuscada.

Pe. Champagnat, ao senhor Alexandre Denis Delvaux de Peyné, prefeito de Bourg-Argental, Cartas, n. 8.

1.8 ESPÍRITO MISSIONÁRIO

O Pe. Champagnat pediu ao Pe. Colin o favor de acompanhar os missionários para a Oceania, a fim de consagrar à instrução e santificação dos infiéis seus derradeiros dias e as forças que lhe restavam. O Pe. Colin, sumamente edificado com seu zelo e dedicação, respondeu-lhe: “Você realizará maior bem aqui na França do que na Oceania. Sua missão própria não é ir pessoalmente evangelizar os povos, mas preparar-lhes apóstolos zelosos e abnegados”.

A obediência fez com que o bom Padre não insistisse. Sua humildade levou-o a pensar que não merecia tal favor. Mesmo resignando-se, não conseguia disfarçar o desejo. (Nota: Com Pompalier foram, em 24 de dezembro de 1836, os Padres Servant, Bataillon, Bret, Chanel e os Irmãos Marie-Nizier, Michel e Joseph-Xavier – *Chronologie Mariste*, p. 71.)

Vida, p. 192.

Nem todos, porém, concordaram com o ponto de vista de João Paulo II expresso na encíclica *Redemptoris Missio*. Essas pessoas temiam que sua definição fosse abrangente demais. Talvez sua intenção tenha sido, em parte, evitar que confundíssemos o sentido de missão *ad gentes* com a ideia de território, dando-lhe uma abrangência mais global.

Enfrentamos o mesmo desafio hoje no Instituto. O Fundador tinha razão quando dizia que “toda a Igreja é o campo de nossa atuação”. Baseados em nossas ações, entretanto, um observador poderia questionar se ainda concordamos com ele. Somos um Instituto internacional que muitas vezes deixa de agir como tal.

Como cidadãos de nossas respectivas nações, às vezes consideramos difícil ultrapassar o âmbito paroquial para atingir uma perspectiva transcultural e internacional. Mas é nesse mundo emergente que as crianças e os jovens a quem servimos devem encontrar seu lugar. Precisamos estar na linha de frente dos acontecimentos contemporâneos, assumindo a liderança, e não permanecendo na retaguarda. Não obstante, não será fácil acolher a transição do antigo para o novo modo de compreender a missão da Igreja e nosso apostolado. Isso significará não apenas alterar nosso modo de ver esses importantes aspectos de nossas vidas, mas também adequar nossas estruturas à nova perspectiva. Dizendo de modo mais direto: precisamos promover uma mudança na mentalidade institucional.

Ir. S. Sammon (2006), p. 99-100.

1.9 JOVEM EMPREENDEDOR

Os pais gostavam deste espírito de ordem e poupança. Deram-lhe dois ou três cordeirinhos, permitindo-lhe vendê-los em seu proveito pessoal, quando crescidos. Criou-os, de fato, com muito carinho; negociou-os; comprou outros que também criou e revendeu, sempre com lucro. Assim, com esse pequeno comércio e a série de economias, em breve juntou a quantia de seiscentos francos. Era muito para um jovem de dezesseis anos! Se não se considerou rico, pelo menos acreditou que o seria no futuro. E planejou ampliar seu comércio. Um de seus manos se lhe associara. Combinaram fazer caixa comum e permanecer unidos toda a vida.

Vida, p. 7.

1.10 MARCELINO, CONSTRUTOR

Os postulantes continuavam dormindo no celeiro. Querendo retirá-los de lá, o Pe. Champagnat trabalhou mais de oito dias no melhoramento do sótão da casa, para transformá-lo em dormitório. Com algumas tábuas rústicas montou pessoalmente as camas. [...] Era evidente que a casa não podia comportar tanta gente.

Urgia a construção de outra. Champagnat não teve dúvida em executá-la. Por falta de recursos, construiu-a pessoalmente, com a ajuda dos Irmãos. Nenhum operário estranho participou.

Vida, p. 98.

Se Deus nos abençoar, um dia viremos nos estabelecer aqui (l'Hermitage). Entretanto, antes de optar por este local, percorreu as regiões circunvizinhas em companhia de dois Irmãos de maior liderança, à procura de algo melhor [...]

“Esse doido do Champagnat, será que perdeu a cabeça? Que é que pretende fazer? Onde arranjará dinheiro para custear essa obra?” [...] O Pe. Champagnat não ignorava o que pensavam e diziam dele publicamente; pouco o sensibilizavam, porém, os pareceres dos homens e jamais tomou por norma de conduta os princípios da prudência humana. Assim, muito embora tivesse sobre os ombros o encargo de uma comunidade numerosa, uma dívida de quatro mil francos e nenhum dinheiro, unicamente com sua confiança em Deus, uma confiança sem limites, empreendeu sem temor a construção de uma casa muito vasta, com uma capela, e capaz de alojar cento e cinquenta pessoas.

Vida, p. 116, 118-119.

Estamos sempre consertando e construindo, e assim mesmo sempre apertados. Não deixamos em paz nem damos tréguas aos rochedos de l'Hermitage; cultivamos, plantamos vinhas, procuramos fertilizar o terreno todo.

*Pe. Champagnat, ao padre Jacques Fontbonne, missionário em Saint-Louis (EUA).
Cartas, n. 109.*

1.11 POR QUE FUNDOU O INSTITUTO?

Elevado à dignidade sacerdotal em 1816, fui enviado a um município do cantão de Saint-Chamond (Loire). O que constatei com meus próprios olhos, nessa nova situação, com relação à educação dos jovens, me lembrou as dificuldades que, por falta de professores, eu mesmo experimentara na idade deles.

Pe. Champagnat, à rainha Marie-Amélie. Cartas, n. 59.

Uma boa educação é o meio mais seguro de obter bons elementos para a sociedade. Infelizmente, a maioria dos municípios rurais não tem essa vantagem: a insuficiência dos recursos municipais, a penúria dos habitantes não lhes permitem confiar a educação de seus filhos aos Irmãos das Escolas Cristãs, cujos mérito e capacidade são conhecidos de todo o mundo; daí a triste necessidade, ou de deixar que suas crianças estagnem numa ignorância funesta, ou (o que talvez seja mais pernicioso ainda) entregá-las a professores pouco capazes de formá-las na ciência e nas virtudes necessárias a bons cidadãos.

Para obviar esses inconvenientes, o senhor Champagnat, abaixo assinado, padre da diocese de Lião, vendo o zelo que o Rei e seu governo empregam em proporcionar a todas as classes da sociedade o grande benefício da instrução, propôs-se formar, perto da cidade de St. Chamond, uma associação de professores para o primário, sob o nome de IRMÃOZINHOS DE MARIA, e redigiu os estatutos seguintes, com o fim de obter uma autorização que possibilitasse aos membros dessa sociedade o meio de exercer sua importante e penosa função de maneira legal e por isso mais vantajosa.

Pe. Champagnat, a Louis-Philippe, rei da França. Anexo da carta 34. Cartas, p. 102.

1.12 MARCELINO ENSINA ÀS CRIANÇAS

Frequentemente reunia, no seu quarto, as crianças do lugarejo para ensinar-lhes o catecismo e as orações. Aos domingos, ajudava também os adultos, a quem fazia curta mas comovedora instrução sobre os mistérios da fé e os deveres do cristão, a maneira de participarem com proveito da missa e dos ofícios litúrgicos.

Vida, p. 23.

1.13 ÊXITO COMO EDUCADOR E PREGADOR

Os catecismos do Pe. Champagnat, de atraentes, tornaram-se famosos na paróquia. Os adultos também quiseram tomar parte e, aos domingos, acorriam em grande número. Esses novos ouvintes obrigaram-no a alterar um pouco o estilo de suas instruções. Assim, depois de esclarecer o texto da lição do dia, mediante perguntas claras, simples e ao alcance das inteligências mais limitadas, tirava conclusões morais para a conduta e reflexões apropriadas para sensibilizar os corações e levá-los à prática da virtude. Fosse qual fosse o assunto da lição, sabia destacar o que convinha para cada classe social, estado e idade.

Vida, p. 42.

1.14 INOVAÇÕES PEDAGÓGICAS

Desnecessário é dizer-vos que, na elaboração e na redação desta obra, seguimos fielmente as instruções deixadas por nosso piedoso Fundador a respeito da educação da juventude. Procuramos, antes de tudo, embutir-nos de seu espírito, revivê-lo e reproduzi-lo o mais fielmente possível, a fim de transmiti-lo e perpetuá-lo em nosso meio. Segundo nossa mais profunda convicção, nisso consistia o nosso primeiro dever e tarefa capitular.

Durante muitos anos, nosso bondoso Pai dedicava à nossa formação e ao ensino os dois meses de férias que nos concedia; dedicava-os a preparar-nos para dar o catecismo e a inculcar-nos os princípios básicos da boa educação.

Aqueles que tiveram a dita de ouvi-lo não de lembrar-se de que, nesse assunto, era metucioso e detalhista, e deu-nos as lições em todos os ramos da educação da criança. O que não disse ele, por exemplo, a respeito da classe dos menores, que considerava a mais importante, e a respeito dos cuidados que os Irmãos incumbidos de tal classe devem ter para com as criancinhas que, por sua inocência, chamava-as de anjinhos? O que não disse ele sobre os meios a serem usados para dar-lhes a conhecer as primeiras verdades da religião, inspirar-lhes a piedade e a virtude, amenizar-lhes as dificuldades na aprendizagem da leitura? O espírito de Deus, de que estava repleto, e o grande amor pelas crianças revelaram-lhe as necessidades da idade infantil, os meios de satisfazê-las e os segredos para conquistar seus corações, orientá-las para o bem, inspirar-lhes a piedade e formar-lhes as faculdades da alma. É esse talento natural, de que era dotado em tão alto grau, embora ignorasse possuí-lo, e esse zelo ardente pela santificação dos meninos, de que estava animado e procurava transmitir a seus Irmãos, em suas instruções diárias, que tentamos apresentar aqui.

Cinco temas desenvolvidos nesta obra são especificamente dele:

- 1) método de leitura;
- 2) métodos disciplinares ou as qualidades e o espírito de uma boa disciplina;
- 3) método de dar o catecismo e de conquistar os meninos para Deus, tal como explicamos na segunda parte desta obra;
- 4) ensino do canto;
- 5) regras relativas à formação dos jovens Irmãos, que apresentamos nos dois últimos capítulos da segunda parte.

Ir. Francisco, Superior Geral, ao apresentar a primeira edição do Guia das Escolas. Guia (1853), p. 149-151.

1.15 PREOCUPAÇÃO COM OS IRMÃOS

Meu caríssimo Irmão Barthélemy.

Não tenha dúvida: eu considero a todos vocês como meus queridos filhos em Jesus e Maria, e vocês me chamam com o carinhoso nome de pai; por isso trago a todos bem no fundo do meu coração.

Fico muito sensibilizado pelos votos de felicidade que você formulou para mim; não me esquecerei deles. Recomendarei a Deus, nas minhas orações, aquele que formulou para mim tão belos votos.

Tomo parte deveras em todos os aborrecimentos que lhe podem causar os contratempos sofridos pelos seus colaboradores. Tome muito cuidado com a sua saúde, a fim de que esteja em boas condições para cumprir os seus pesados encargos. Todos os Padres e Irmãos vão bem de saúde. Transmitir-lhes-ei os votos de Feliz Ano Novo.

Ânimo, meu caro amigo, veja como o seu trabalho é precioso diante de Deus. Grandes santos e homens notáveis se ufanavam por estarem desempenhando uma tarefa tão preciosa aos olhos de Deus e de Maria. “Deixai vir a mim as criancinhas, pois a elas pertence o céu.”

Você tem em mãos o sangue precioso de Jesus Cristo. Depois de Deus é a você que os seus numerosos meninos ficarão devendo a salvação. Toda a vida deles será o eco daquilo que você lhes tiver ensinado. Esforce-se; não poupe nada para formar à virtude os seus corações juvenis. Faça-lhes ver que nunca serão felizes sem a prática da virtude, sem a piedade, sem o temor de Deus; que não há paz para o ímpio, somente Deus pode dar-lhes a felicidade, que só para Ele foram criados. Quanto bem você pode fazer, meu amigo!

Os seus pais estão de boa saúde. O seu irmão, que servia o exército, faleceu em Paris, de uma terrível dor de cabeça. Reze por ele. Os pêsames não lhe servirão para nada, ele só precisa das suas orações.

Teria ainda muito que lhe dizer, espero que breve lhe poderei contar tudo de viva voz.

Deixo vocês dois nos Sagrados Corações de Jesus e de Maria. São lugares tão gostosos!

Tenho a honra de ser o pai afetuosos em Jesus e Maria.

*Pe. Champagnat, Sup., N. D. de l'Hermitage
Cartas, n. 19.*

Meu caríssimo Irmão Barthélemy.

Prometo-lhe que, na próxima vez que for a Lião, irei visitá-lo. Coragem, meu caro amigo, basta que você, juntamente com o seu colaborador, tenham a vontade de ministrar o ensino a muitos meninos. Porém, se os não tivesse, a sua recompensa seria a mesma. Não se perturbe por ter um reduzido número de alunos. Deus tem em sua mão os corações de todos os homens; há de lhe mandar muita gente, quando julgar bom. Basta que você, por infidelidade, não se oponha aos seus desígnios.

Você se encontra onde Deus queria colocá-lo, pois está onde o mandaram os superiores. Não duvido de que Deus, pela abundância de graças, o recompensará.

*Pe. Champagnat
Cartas, n. 24.*

1.16 MARCELINO E SUA FÉ

O modo como o Pe. Champagnat praticava o exercício da presença de Deus consistia em crer, com fé viva e atual, na onipresença de Deus, plenificando o universo com sua infinitude, com as maravilhas de sua bondade, de sua misericórdia e de sua glória. [...]

Tudo era motivo de se elevar até Deus e bendizê-lo. Consequentemente, em qualquer ocasião, sua alma se expandia em atos de amor e de ação de graças. [...]

O sentimento da presença de Deus mantinha-lhe a alma em paz e tranquilidade imperturbáveis. Era sua máxima: “nada devemos temer, quando estamos com Deus, e nada pode prejudicar a quem confia na Providência”.

Vida, p. 297-298.

1.17 MARIA, NOSSO MODELO E NOSSA BOA MÃE

A todas estas práticas instituídas na Congregação para honrar a Mãe do Senhor, o piedoso Fundador acrescenta mais duas coisas indispensáveis que, no seu entender, são o complemento das homenagens tributadas a Maria e o fruto da devoção para com ela. A primeira é a imitação de suas virtudes. Por isso, recomenda que os Irmãos assumam sobretudo o espírito de Maria e lhe imitem a humildade, a modéstia, a pureza e o amor a Jesus Cristo. A vida pobre e oculta da divina Mãe e os exemplos sublimes que nos deu devem ser a norma de conduta dos Irmãos. Cada um deve esforçar-se de tal modo para assemelhar-se a ela, que tudo em suas ações e na sua pessoa relembre Maria, retrate o espírito e as virtudes de Maria. A segunda é que os Irmãos se considerem

como particularmente obrigados a torná-la conhecida e amada, a propagar o seu culto e inspirar sua devoção às crianças.

Vida, p. 318-319.

1.18 O PRESÉPIO, A CRUZ E O ALTAR

Eu desejo que os Pequenos Irmãos de Maria sejam os assíduos de Jesus nascido, de Jesus morto e de Jesus imolado sobre o altar. Que sejam os assíduos de Jesus em todos os seus mistérios: sua vida, suas ações, seus sofrimentos; eis qual deve ser o grande e principal assunto de suas meditações. [...]

Sabeis, queridos Irmãos, por que eu desejo que sejais os assíduos de Jesus no presépio, no calvário e no altar? Porque estes três lugares são as grandes fontes da graça e porque é de lá, sobretudo, que Jesus a derrama abundantemente sobre os eleitos. [...]

Sim, Deus é amor sempre e em toda parte, mas o é particularmente no presépio, no calvário e no altar; quer dizer que é sobretudo nestes três lugares que ele abraça de seu amor divino o coração dos santos; é nestes três lugares que nosso pobre coração pode compreender melhor e sentir o quanto ele nos ama. [...]

Jesus veio trazer o fogo sobre a terra; ele o ateia de mil maneiras, mas estabeleceu três grandes lareiras onde vêm se abrasar os santos e todas as almas fervorosas. [...] Ide às fontes do Salvador e saciai-vos aí abundantemente!

ALS, VI, p. 64-65.

1.19 COMPAIXÃO PELOS POBRES

Um dia chamaram-no para um doente. Apressa-se em visitá-lo e encontra um infeliz coberto de chagas, na maior miséria, tendo apenas alguns trapos a cobrir-lhe a nudez e as úlceras. Profundamente movido de compaixão à vista de tantas dores e tanta miséria, dirige-lhe, primeiramente, palavras de conforto. Depois, corre para casa, chama o Irmão ecônomo e ordena-lhe que leve imediatamente colchão, lençóis e cobertores ao infeliz que acabava de visitar.

- Mas, Padre, não temos nenhum colchão sobrando.
- Como! Não encontra nenhum colchão na casa?
- Não, nenhum. Deve lembrar-se que dei o último faz alguns dias.
- Pois bem! Retire o colchão da minha cama e leve-o agora mesmo ao pobre do homem.

Muitas vezes aconteceu-lhe despojar-se desta forma, para assistir os indigentes ou fornecer a seus Irmãos aquilo que lhes faltava.

Vida, p. 476.

1.20 FORMAÇÃO DE LÍDERES

Durante os dois meses de férias, [Pe. Marcelino Champagnat] fazia muitas conferências aos Irmãos Diretores sobre o governo da casa, a administração dos bens materiais e a direção das aulas. Nessas conferências, discorria com riqueza de detalhes sobre as virtudes necessárias a um bom superior e os meios de as adquirir; as obrigações do professor e do diretor, e o modo de cumpri-las.

Nas conferências, o piedoso Fundador concedia a todos os Irmãos a liberdade de lhe apresentar seus problemas, submeter-lhe as dúvidas e tudo quanto os embaraçava nos pormenores de suas funções. Os Irmãos usavam amplamente essa liberdade, e cada um lhe trazia suas observações, lhe expunha seus sentimentos, seus escrúpulos a respeito de inumeráveis questões administrativas, direção das casas, ou o questionava sobre as opções mais conformes à Regra, ao espírito do Instituto, em tais ou tais circunstâncias, assim como a conduta a seguir numa infinidade de casos que o Diretor deve tratar e resolver.

Muitas vezes, admitia no seu conselho Irmãos de maior liderança, e quase nada resolvia sem antes consultá-los. Acreditava que iniciar os Irmãos nos assuntos do Instituto e consultá-los a respeito das normas que elaborava e do método de ensino a ser adotado seria um meio seguro de lhes formar o espírito, corrigir conceitos, desenvolver o discernimento, dar-lhes experiência, levá-los a julgar, a apreciar as coisas e tratá-las, depois, com inteligência e eficácia. Vez por outra, após ventilar em conselho os prós e contras de uma medida, encarregava um Irmão de executá-la ou complementá-la, deixando a seu critério o cuidado de fazer pelo melhor. Resolvida a questão, exigia prestação de contas de como fora realizada. Louvava e aprovava aquilo que julgava bom. Indicava as providências que deveriam ter sido tomadas para evitar dificuldades, vencer obstáculos, diminuir resistências, ou contentava-se em dizer que, por outro caminho, ele teria obtido melhor resultado.

Vida, p. 422-424.

CAPÍTULO 2. MARISTAS EM MISSÃO, NA IGREJA E NO MUNDO

2.1 MARCELINO CHAMPAGNAT INCENTIVAVA A QUANTOS SE INTERESSAVAM PELA EDUCAÇÃO CRISTÃ DA JUVENTUDE

Que nossa Boa Mãe abençoe todos os seus empreendimentos, abençoe sua pessoa e a conserve por longos anos à frente da boa obra que dirige.

Champagnat, ao Padre François Mazelier, Superior dos Irmãos da Instrução Cristã. Cartas, n. 122.

Tendo o mesmo objetivo e trabalhando para o mesmo patrão, desejamos andar sempre unidos e agir no mesmo sentido.

Pe. Champagnat, ao Padre François Mazelier, Superior dos Irmãos da Instrução Cristã. Cartas, n. 141.

Desejo, meus caros Irmãos, que essa caridade que vos deve unir todos juntos como membros do mesmo corpo se estenda também a todas as outras congregações. Ah! Eu vos peço, pela caridade sem limites de Jesus Cristo, não vos permitais nunca ter inveja de ninguém, sobretudo daqueles que o Bom Deus chama a trabalhar como vós, no estado religioso, na instrução da juventude. Sede os primeiros a vos alegrar por seus êxitos e a lastimar suas desgraças. Recomendai-os muitas vezes ao Bom Deus e a sua Divina Mãe; sem constrangimento; considerai-os melhores que vós. Não deis nunca atenção a conversas capazes de prejudicá-los. A glória de Deus e a honra de Maria sejam unicamente vosso objetivo e toda a vossa ambição.

Testamento Espiritual. Vida, p. 223-225.

2.2 OS EDUCADORES DA CRIANÇA

Os diversos educadores da criança são os pais, os sacerdotes e [os] professores.

Os pais são os educadores naturais colocados pela Providência junto ao berço de cada criança. Eles possuem, com efeito, no mais alto grau, a afeição e a autoridade que são os dois fatores principais de toda a educação. [...]

O sacerdote representa a Igreja que recebeu do divino Salvador a missão de educadora dos povos (Mt 28,19-20). [...] Além de seu múnus de mestra, a Igreja tem o direito de controlar o ensino religioso e moral ministrado pela família e pela escola.

O professor, auxiliar e suplente dos pais e dos sacerdotes, ocupa, depois deles, o primeiro lugar na educação, pois sua influência se exerce metodicamente durante vários anos, justamente na época em que as crianças se deixam mais facilmente moldar por aqueles que com elas se relacionam.

Guide (1853), p. 194-195.

2.3 A IGREJA É COMUNHÃO

Mas, então, quem é que tem a missão de evangelizar? O II Concílio do Vaticano respondeu claramente a esta pergunta: “Por mandato divino, incumbe à Igreja o dever de ir por todo o mundo e pregar o Evangelho a toda a criatura”. E noutro texto o mesmo Concílio diz ainda: “Toda a Igreja é missionária, a obra da evangelização é um dever fundamental do Povo de Deus”. Quando a Igreja anuncia o Reino de Deus e o edifica, insere-se a si própria no âmago do mundo, como sinal e instrumento desse Reino que já é e que já vem.

EN, n. 59.

Toda a Igreja, portanto, é chamada para evangelizar; no seu grêmio, porém, existem diferentes tarefas evangelizadoras que hão de ser desempenhadas. Tal diversidade de serviços na unidade de mesma missão é que constitui a riqueza e a beleza da evangelização.

EN, n. 66.

Comunhão missionária – A comunhão com Jesus, donde promana a comunhão dos cristãos entre si, é condição absolutamente indispensável para dar fruto: “Sem Mim não podeis fazer nada” (Jo 15,5) [...] A comunhão e a missão estão profundamente ligadas entre si, compenetram-se e integram-se mutuamente, ao ponto de a comunhão representar a fonte e, simultaneamente, o fruto da missão: a comunhão é missionária e a missão é para a comunhão.

CL, n. 32.

A intimidade da Igreja com Jesus é uma intimidade itinerante, e a comunhão “reveste essencialmente a forma de comunhão missionária”. Fiel ao modelo do Mestre, é vital que hoje a Igreja saia para anunciar o Evangelho a todos, em todos os lugares, em todas as ocasiões, sem demora, sem repugnâncias e sem medo. A alegria do Evangelho é para todo o povo, não se pode excluir ninguém; assim foi anunciada pelo anjo aos pastores de Belém: “Não temais, pois anuncio-vos uma grande alegria, que o será para todo o povo” (Lc 2,10). O Apocalipse fala de “uma Boa-Nova de valor eterno para anunciar aos habitantes da terra: a todas as nações, tribos, línguas e povos” (Ap 14, 6).

EG, n. 23.

2.4 TODOS OS BATIZADOS SÃO CHAMADOS PARA A MISSÃO

Em todos os batizados, desde o primeiro ao último, atua a força santificadora do Espírito que impele a evangelizar.

EG, n. 119.

Em virtude do Batismo recebido, cada membro do povo de Deus tornou-se discípulo missionário (cf. Mt 28,19). Cada um dos batizados, independentemente da própria função na Igreja e do grau de instrução da sua fé, é um sujeito ativo de evangelização, e seria inapropriado pensar num esquema de evangelização realizado por agentes qualificados enquanto o resto do povo fiel seria apenas receptor das suas ações. A nova evangelização deve implicar um novo protagonismo de cada um dos batizados.

EG, n. 120.

Os fiéis leigos, precisamente por serem membros da Igreja, têm por vocação e por missão anunciar o Evangelho: para essa obra foram habilitados e nela empenhados pelos sacramentos da iniciação cristã e pelos dons do Espírito Santo.

CL, n. 33.

Escancarar a porta a Cristo, acolhê-lo no espaço da própria humanidade, não é, de modo algum, ameaça para o homem, mas, antes, é a única estrada a percorrer, se quisermos reconhecer o homem na sua verdade total e exaltá-lo nos seus valores.

A síntese vital que os fiéis leigos souberem fazer entre o Evangelho e os deveres quotidianos da vida será o testemunho mais maravilhoso e convincente de que não é o medo, mas a procura e a adesão a Cristo que são o fator determinante para que o homem viva e cresça e para que se alcancem novas formas de viver mais conformes com a dignidade humana.

O homem é amado por Deus! Este é o mais simples e o mais comovente anúncio de que a Igreja é devedora ao homem. A palavra e a vida de cada cristão podem e devem fazer ecoar este anúncio: Deus ama-te, Cristo veio por ti, para ti Cristo é “Caminho, Verdade, Vida!” (Jo 14, 6).

CL, n. 34.

O [Concílio] Vaticano II confirmou esta tradição, ilustrando o caráter missionário de todo o Povo de Deus, em particular o apostolado dos leigos, e sublinhando o contributo específico que eles são chamados a dar na atividade missionária. A necessidade de que todos os fiéis compartilhem tal responsabilidade não é apenas questão de eficácia apostólica, mas é um dever-direito, fundado sobre a dignidade batismal, pelo qual “os fiéis leigos participam, por sua vez, no tríplice ministério – sacerdotal, profético e real – de Jesus Cristo”.

RM, n. 71.

2.5 A IGREJA E OS MEMBROS DE OUTRAS CONFISSÕES RELIGIOSAS

Em nossa época, quando o gênero humano dia a dia se une mais estreitamente e se ampliam as relações entre os diversos povos, a Igreja considera mais atentamente qual deve ser a atitude para com as religiões não cristãs. [...] Todos os povos, com efeito, constituem uma só comunidade, têm uma origem comum, uma vez que Deus fez todo o gênero humano habitar a face da terra.

A Igreja Católica nada rejeita do que há de verdadeiro e santo nestas religiões. [...] Exorta, por isso, os seus filhos a que, com prudência e amor, através do diálogo e da colaboração com os seguidores de outras religiões, testemunhando sempre a fé e a vida cristãs, reconheçam, mantenham e desenvolvam os bens espirituais e morais como também os valores socioculturais que entre elas se encontram.

A Igreja, por conseguinte, reprovava toda e qualquer discriminação ou vexame contra os homens por causa de raça ou cor, classe ou religião, como algo incompatível com o espírito de Cristo.

NA, n. 1, 2, 5.

Em um nível ulterior, o diálogo das obras e da colaboração se traduz por objetivos de caráter unitário, social, econômico e político que visam à libertação e promoção do homem. [...] Cristãos e seguidores de outras religiões afrontam conjuntamente os problemas do mundo.

Secretariado para os não Cristãos, Diálogo e missão, n. 31.

Os fiéis leigos, com o exemplo da sua vida e com a própria ação, podem favorecer o melhoramento das relações entre os adeptos das diferentes religiões.

CL, n. 35.

2.6 Os CARISMAS

O Espírito Santo, ao confiar à Igreja-comunhão os diversos ministérios, enriquece-a com outros dons e impulsos especiais, chamados carismas. [...] Os carismas, sejam extraordinários ou simples e humildes, são graças do Espírito Santo que têm, direta ou indiretamente, uma utilidade eclesial, ordenados como são à edificação da Igreja, ao bem dos homens e às necessidades do mundo. [...] São dados ao indivíduo, mas também podem ser partilhados por outros e de tal modo perseveram no tempo como uma herança preciosa e viva, que gera uma afinidade espiritual entre as pessoas.

CL, n. 24.

O Espírito Santo enriquece toda a Igreja evangelizadora também com diferentes carismas. São dons para renovar e edificar a Igreja. Não se trata de um patrimônio fechado, entregue a um grupo para que o guarde; mas são presentes do Espírito integrados no corpo eclesial, atraídos para o centro que é Cristo, donde são canalizados num impulso evangelizador. Um sinal claro da autenticidade de um carisma é a sua eclesialidade, a sua capacidade de se integrar harmoniosamente na vida do povo santo de Deus para o bem de todos. Uma verdadeira novidade suscitada pelo Espírito não precisa fazer sombra sobre outras espiritualidades e dons para se afirmar a si mesma. Quanto mais um carisma dirigir o seu olhar para o coração do Evangelho, tanto mais eclesial será o seu exercício. É na comunhão, mesmo que seja fadigosa, que um carisma se revela autêntica e misteriosamente fecundo. Se vive este desafio, a Igreja pode ser um modelo para a paz no mundo.

EG, n. 130.

2.7 O CARISMA DO FUNDADOR

O amor que o Espírito Santo derrama em nossos corações faz de nós participantes do carisma de Marcelino Champagnat e orienta todas as nossas energias na direção dessa única finalidade: SEGUIR CRISTO COMO MARIA, em sua vida de amor ao Pai e à humanidade. Vivemos esse ideal em comunidade.

Contemplamos a vida de Maria nas Escrituras para tornar nosso o seu espírito. Suas atitudes de mãe e discípula de Jesus configuram nossa espiritualidade, nossa vida fraterna e nossa participação em sua missão de gerar a vida de Cristo na Igreja.

Segundo o nosso lema: “Tudo a Jesus por Maria, tudo à Maria para Jesus”, trabalhamos para torná-la conhecida e amada como caminho que nos leva a Ele. Formamos uma comunidade em torno de Maria, nossa Boa Mãe, como membros de sua família.

Herdamos de São Marcelino Champagnat as três virtudes de humildade, simplicidade e modéstia. Como ele, vivemos a presença de Deus com quem nos encontramos no mistério do presépio, da cruz e do altar. Inspirada na casa de Nazaré e na mesa de La Valla, nossa vida fraterna está marcada pelo “espírito de família” feito de amor, perdão, apoio mútuo, esquecimento de si, abertura aos outros e alegria.

C, n. 3.

Nascida do Espírito, a missão que Marcelino confiou a seus irmãos foi a de “tornar Jesus Cristo conhecido e amado”. Entregamo-nos, junto com outros maristas, à evangelização e à educação das crianças e jovens, especialmente dos empobrecidos, dos mais necessitados e dos que vivem nas periferias geográficas e existenciais.

Através de nossa vida e presença, os jovens, suas famílias e as comunidades a que pertencem ficam cientes de que são amados pessoalmente por Deus.

O bem-estar, a segurança e a proteção das crianças e jovens são uma importante prioridade e a primeira responsabilidade de cada irmão, de cada comunidade e obra marista e de todo o Instituto.

C, n. 4.

2.8 EXPRESSAR O CARISMA EM DIVERSAS SITUAÇÕES E CULTURAS

Somos um Instituto internacional encarnado em diversas culturas. Nossa unidade se fundamenta na herança espiritual legada por Marcelino Champagnat e transmitida pelos Irmãos que continuaram sua obra.

Essa unidade exige comunhão de oração, discernimento, testemunho de fraternidade e solidariedade internacionais, ação apostólica global coordenada e o serviço de autoridade em todos os níveis.

C, n. 8.

2.9 NOVA RELAÇÃO ENTRE RELIGIOSOS E LEIGOS

Um dos frutos da doutrina da Igreja como comunhão, nestes anos, foi a tomada de consciência de que os seus vários membros podem e devem unir as forças, numa

atitude de colaboração e permuta de dons, para participar mais eficazmente na missão eclesial. [...] Hoje, alguns Institutos, frequentemente por imposição das novas situações, chegaram à convicção de que o seu carisma pode ser partilhado com os leigos. E, assim, estes são convidados a participar mais intensamente da espiritualidade e [da] missão do próprio Instituto. Pode-se dizer que se iniciou um novo capítulo, rico de esperanças, na história das relações entre as pessoas consagradas e o laicato.

VC, n. 54.

2.10 VOCAÇÃO ESPECÍFICA DO LEIGO

Os leigos, a quem a sua vocação específica coloca no meio do mundo e à frente de tarefas as mais variadas na ordem temporal, devem, também, eles, através disso mesmo, atuar de uma forma singular na evangelização.

A sua primeira e imediata tarefa é pôr em prática todas as possibilidades cristãs e evangélicas escondidas, mas já presentes e operantes, nas coisas do mundo. O campo próprio da sua atividade evangelizadora é o mesmo mundo vasto e complicado da política, da realidade social e da economia, como também o da cultura, das ciências e das artes, da vida internacional, dos “mass media” e, ainda, [de] outras realidades abertas para a evangelização, como a educação das crianças e dos adolescentes, o trabalho profissional e o sofrimento.

EN, n. 70.

Os fiéis leigos são chamados por Deus para que, aí, exercendo o seu próprio ofício, inspirados pelo espírito evangélico, concorram para a santificação do mundo, a partir de dentro, como o fermento. [...]

Todos, na Igreja, precisamente porque são seus membros, recebem e, por conseguinte, partilham a comum vocação à santidade. A título pleno, sem diferença alguma dos outros membros da Igreja, a essa vocação são chamados os fiéis leigos.

CL, n. 15-16.

Pode-se dizer, em síntese, que o educador católico é aquele que exerce a sua missão na Igreja, vivendo na fé a sua vocação secular dentro da estrutura comunitária da escola, com a melhor qualificação profissional possível e com um projeto apostólico, inspirado na fé, de formação integral do homem, compreendendo a transmissão da cultura, a prática de uma pedagogia de contato direto e pessoal com o aluno, a anima-

ção espiritual da comunidade educativa a que pertence e de todas as outras categorias de pessoas com as quais a comunidade educativa está relacionada. A ele, enquanto membro da comunidade, as famílias e a Igreja confiam a tarefa educativa na escola. O educador leigo deve estar profundamente convencido de que participa da missão santificadora e educadora da Igreja.

Os leigos católicos que trabalham na escola, quaisquer que sejam os seus encargos, educativos, diretivos, administrativos ou auxiliares, não podem duvidar de que constituem para a Igreja uma grande esperança. A Igreja deposita neles toda a sua confiança, no sentido de realizarem a integração progressiva das realidades temporais no Evangelho, a fim de fazê-lo chegar a todos os homens. Confia especialmente em que saberão cumprir a sua tarefa na formação integral do homem e na educação da juventude para a fé.

Sagrada Congregação para a Educação Católica, O leigo católico testemunha da fé na escola, n. 24, 81.

Reconhecemos e apoiamos a vocação do leigo marista. Acreditamos que seja um convite do Espírito a viver uma nova comunhão de Irmãos e leigos maristas juntos, contribuindo para uma maior vitalidade do carisma marista e da missão no nosso mundo. Acreditamos que estamos perante um “Kairós”, uma oportunidade-chave para partilhar e viver com audácia o carisma marista, formando todos juntos uma Igreja profética e mariana.

CG XXI, “Carta aos irmãos, leigas, leigos e jovens maristas”, p. 53.

2.11 VOCAÇÃO ESPECÍFICA DO IRMÃO

Os Institutos que, por determinação do Fundador ou em virtude de uma legítima tradição, têm caráter e finalidade que não comportam o exercício da Ordem sacra são chamados “Institutos laicais”. Contudo, no Sínodo, foi observado que esta terminologia não exprime adequadamente a índole peculiar da vocação dos membros de tais Institutos religiosos. De fato, eles, apesar de desempenharem muitos serviços que são comuns também aos fiéis leigos, fazem-no com a sua identidade de consagrados, exprimindo assim o espírito de dom total a Cristo e à Igreja, segundo o seu carisma específico. Por esta razão, os Padres sinodais, a fim de se evitar toda ambiguidade e confusão com a índole secular dos fiéis leigos, julgaram bem propor a designação de “Institutos Religiosos de Irmãos”. A proposta é significativa, sobretudo se se considera que a qualificação de irmãos evoca uma rica espiritualidade. “Estes religiosos são chamados a ser irmãos de Cristo,

profundamente unidos a Ele, ‘primogênito de muitos irmãos’ (Rm 8,29); irmãos entre si, no amor recíproco e na cooperação para o mesmo serviço de bem-fazer na Igreja; irmãos de todos os homens, no testemunho da caridade de Cristo para com todos, especialmente os mais pequeninos, os mais necessitados; irmãos para uma maior fraternidade na Igreja.”

VC, n. 60.

A vida consagrada, que está no coração da Igreja como um elemento decisivo para a sua missão, deve olhar para este coração a fim de encontrar-se e compreender-se a si mesma. O religioso irmão encontra ali o significado profundo de sua própria vocação. Esta contemplação é iluminada pela figura do Servo de Javé, descrito por Isaías, a quem Deus disse: “Eu te escolhi e coloquei como aliança do povo” (Is 42,6). Essa figura adquire seu rosto perfeito em Jesus de Nazaré, que sela com seu sangue a nova aliança e chama aqueles que nele creem para continuar a mediação confiada ao servo, de ser a aliança do povo.

Congregação dos Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica, Identidade e missão do religioso irmão na Igreja., n. 5.

2.12 CONDIÇÕES LABORAIS

Os encarregados de administrar os bens do Instituto zelam para que todos os nossos auxiliares recebam salário de acordo com as leis do país e para que se beneficiem das vantagens sociais, de acordo com a justiça.

C, n. 156.1.

As Organizações profissionais que se propõem a proteger os interesses de quantos trabalham no campo educativo devem ser também consideradas no quadro da missão específica da escola católica. Os direitos das pessoas que nela trabalham devem ser salvaguardados com grande sentido de justiça. Encontra, aqui, aplicação especial o princípio enunciado pelo Concílio Vaticano II, quando se trata de condições sociais e morais ou de interesses materiais que permitam o desenvolvimento profissional: “aprendam diligentemente os fiéis a distinguir entre os direitos e as obrigações que lhes correspondem enquanto membros da Igreja, e os que lhes competem como membros da sociedade civil. Procurem, com diligência, harmonizá-los, lembrando-se de que em toda ocupação temporal devem orientar-se sempre pela consciência cristã”. [...] Por conseguinte, se eles, organizando-se em associações específicas, se propõem

a salvaguardar os direitos dos educadores, dos pais e dos alunos, devem ter presente a missão específica da educação cristã da juventude.

Congregação para a Educação Católica, A escola católica, n. 79.

2.13 DIREITO E DEVER DOS PAIS NA EDUCAÇÃO

Como recordou o Concílio Vaticano II: “Os pais, que transmitiram a vida aos filhos, têm uma gravíssima obrigação de educar a prole e, por isso, devem ser reconhecidos como seus primeiros e principais educadores. Esta função educativa é de tanto peso que, onde não existir, dificilmente poderá ser suprida. Com efeito, é dever dos pais criar um ambiente de tal modo animado pelo amor e pela piedade para com Deus e para com os homens que favoreça a completa educação pessoal e social dos filhos. A família é, portanto, a primeira escola das virtudes sociais de que as sociedades têm necessidade”.

O direito-dever educativo dos pais qualifica-se como essencial, ligado como está à transmissão da vida humana; como original e primário, em relação de amor que subsiste entre pais e filhos; como insubstituível e inalienável e, portanto, não delegável totalmente a outros ou por outros usurpável. (36)

Assim, a família dos batizados, unida como igreja doméstica pela Palavra e pelo Sacramento, torna-se, por sua vez, como a grande Igreja, mestra e mãe. (38)

Deve ser absolutamente assegurado o direito dos pais à escolha de uma educação conforme a sua fé religiosa. [...] Portanto, todos os que na sociedade ocupam postos de direção escolar nunca esqueçam que os pais foram constituídos pelo próprio Deus como primeiros e principais educadores dos filhos, e que o seu direito é absolutamente inalienável. Mas, complementar ao direito, põe-se o grave dever dos pais de se empenharem com profundidade numa relação cordial e construtiva com os professores e os diretores das escolas. (40)

FC, n. 36, 38, 40.

2.14 TRABALHO COM OS PAIS

Há casos em que é conveniente ver os pais de certas crianças para uma ação de conjunto: é preciso sempre deixar antever aos pais que seus filhos dão muita esperança e que com um pouco de esforço e muito cuidado, agindo de acordo, se chegará a bem formá-los.

R (1837), cap. 5, n. 16.

2.15 CORRESPONSABILIDADE E SUBSIDIARIEDADE

Na comunidade fraterna e apostólica, sentimo-nos todos corresponsáveis pela vida e [pela] missão do Instituto. Contribuímos com nossas capacidades e talentos, competência e criatividade nos diversos níveis e estruturas de participação e responsabilidade.

C, n. 88,2

2.16 MOVIMENTOS E GRUPOS DA FAMÍLIA MARISTA

Reconhecemos e acolhemos todas as pessoas que se sentem atraídas por nosso carisma e se identificam como “maristas”. Esse movimento do Espírito une todos os maristas de Champagnat em uma família carismática global. [...]

6.1 Como Instituto, e em nossas Unidades Administrativas, discernimos a melhor maneira de apoiar o desenvolvimento de movimentos, como o Movimento Champagnat da Família Marista e outras entidades devidamente aprovadas, dotados de seus próprios estatutos e estruturas. Cada uma dessas organizações é responsável pela animação e coordenação de suas atividades e processos.

C, n. 6.

É fácil indicar as principais linhas de força do Movimento Champagnat. Mesmo deixando de lado as diferenças de vocabulário, que podem ter origem nas diversas culturas, essas linhas mestras podem ser facilmente reconhecidas na vida dos diversos grupos e das pessoas mais achegadas ao trabalho dos Irmãos. Existe, por exemplo, o desejo manifesto:

- de serem apóstolos de Jesus em seu meio, em seu estado de vida;
- de amarem e imitarem a Santíssima Virgem;
- de se reunirem em pequenos grupos para partilhar a fé em Jesus Cristo e suas experiências na atividade apostólica;
- de testemunharem, pelo seu estilo de vida, a espiritualidade de Marcelino Champagnat.

Ch. Howard (1991), p. 365.

CAPÍTULO 3. PRESENTES ENTRE AS CRIANÇAS E OS JOVENS, ESPECIALMENTE OS MAIS VULNERÁVEIS

3.1 OS JOVENS QUE CHAMPAGNAT DESEJAVA SERVIR PREFERENCIALMENTE

Já que desejam consagrar-se à instrução das crianças – finalidade de sua vocação – o que eu aprovo totalmente, gostaria de que vocês dedicassem os primeiros passos de seu zelo às crianças mais ignorantes e mais abandonadas. Assim, proponho-lhes ensinarem nas aldeias da paróquia.

Vida, p. 69.

A instrução das crianças em geral e, em particular, dos pobres órfãos, é o objetivo de nosso Estabelecimento. Assim que terminarmos a casa de L'Hermitage e que pudermos utilizar uma boa captação de água para atender às necessidades da obra, receberemos as crianças das casas de caridade; ensinar-lhes-emos um ofício, dando-lhes educação cristã. As que mostrarem pendor para a virtude e a ciência serão aproveitadas na casa.

Prospectus (1824), n. 10.

O objetivo da Congregação é também dirigir abrigos ou patronatos para a reabilitação de jovens com problemas ou expostos a perder os bons costumes.

E (1828), n. 9.

Os Irmãos de Maria, que têm por objetivo principal a educação dos pobres, ensinarão a leitura, a escrita, o cálculo, os rudimentos da Gramática e sobretudo a prática da Religião. Suas escolas serão gratuitas e acordarão com os municípios os meios de lhes garantir uma existência honesta e pouco onerosa.

E (1830), n. 1.

3.2 A EXEMPLO DO FUNDADOR

A pobreza de coração do Padre Marcelino Champagnat revela-se sobretudo em sua confiança na Providência. A fundação de nosso Instituto é a prova, sempre atual, de que a fé permite todas as audácias.

C, n. 33.

Por fidelidade a Cristo e ao Fundador, amamos os pobres. Prediletos de Deus, eles atraem sobre nós os favores divinos e nos evangelizam.

Guiados pela voz da Igreja, de acordo com nossa vocação própria, nós nos solidarizamos com os pobres e suas causas justas. Reservamos-lhes nossa preferência, onde quer que estejamos e qualquer que seja nosso trabalho. Gostamos dos lugares e das casas que nos permitem partilhar a condição deles e aproveitamos das ocasiões de contato com a realidade de sua vida cotidiana.

A preocupação pelos pobres leva-nos a descobrir as causas de sua miséria e a libertar-nos de qualquer preconceito ou indiferença para com eles. Torna-nos mais responsáveis no uso dos bens que devemos partilhar com os mais necessitados.

Evitamos escandalizá-los com um teor de vida demasiado confortável.

Nossa missão de educadores junto aos jovens compromete-nos a trabalhar pela promoção da justiça.

C, n. 34.

A experiência ensina que a vitalidade de uma família religiosa está intimamente ligada à maneira como ela pratica a pobreza evangélica. [...] Nossa preferência é para com os pobres, com os quais partilhamos nossa vida e nosso trabalho.

C, n. 167.

3.3 PARA CAMINHAR COM AS CRIANÇAS E OS JOVENS MARGINALIZADOS PELA VIDA

Buscamos-te Jesus, como Maria, nas caravanas da vida e no tumulto de nossas cidades (Lc 2,41-49), na multidão dos deslocados que buscam um futuro melhor para seus filhos.

É uma chamada que nos urge a:

- Abrir os olhos de nosso coração e escutar o pranto das crianças e jovens, especialmente daqueles sem voz e sem lar.
- Ser criativos em resposta decidida a suas necessidades.
- Fugir de abordagens paternalistas e empoderar a quem não tem voz.
- Incrementar uma presença significativa entre as crianças e os jovens nas margens do Mundo.

CG XXII, "Apelo 4".

3.4 COMO TRATAR COM OS ALUNOS DIFÍCEIS

João Batista fica órfão e vive um pouco como um selvagem. O Padre Champagnat, auxiliado por pessoas piedosas, vem em socorro da mãe moribunda, abandonada pelo marido numa pobreza extrema. Depois da morte da mãe, João Batista não conseguiu viver com as crianças da família caridosa, dos vizinhos que o acolheram. Então M. Champagnat o confia aos Irmãos. O Ir. João Batista, historiador de nosso Fundador, escreveu:

“Acostumado a viver na vadiagem e a seguir sem freio as más inclinações, não aguentou enquadrar-se em regulamentos de escola. [...] Fugiu várias vezes, preferindo mendigar comida e viver vida de rua a submeter-se à disciplina escolar. Os Irmãos... desanimados [...] acabaram pedindo ao Pe. Champagnat que o abandonasse à própria sorte, ‘pois, disseram-lhe: estamos perdendo tempo com esse rapaz. Mais cedo ou mais tarde, seremos obrigados a mandá-lo embora’. M. Champagnat teve de exortar os Irmãos à paciência e à coragem durante longos meses. Finalmente, João Batista Berne ‘mudou inteiramente, tornou-se calmo, dócil, ajuizado, parecia um anjo’. Depois da primeira Comunhão, solicitou admissão ao noviciado. Veio a ser Irmão piedoso, regular, obediente. Faleceu como um santo, na idade de vinte e um anos, nos braços do Padre Champagnat, cheio de gratidão pelo grande bem que lhe fizera.”

Bergeret, A tradição pedagógica marista, p. 74-75; cf. Vida, p. 477-479.

3.5 EDUCAÇÃO E AMOR PREFERENCIAL PELOS POBRES

“Solicita-me os meios mais indicados para ter êxito no seu cargo e promover a prosperidade do seu estabelecimento”, respondia a um Irmão Diretor. Eis os que julgo melhores:

Assista com grande solicitude as crianças pobres, as mais atrasadas e as menos dotadas. Trate essas crianças com muita bondade; interrogue-as frequentemente e não receie demonstrar-lhes, em toda ocasião, que as estima e ama tanto mais quanto menos prendadas pela natureza. Os pobres são, numa aula, o mesmo que os doentes numa casa: motivo de bênçãos e de prosperidade, olhados com os olhos da fé, e honrados como os membros sofredores de Jesus Cristo.

Vida, p. 473.

As pessoas excluídas, essas aparentemente inexpressivas pessoas das sociedades em que vivemos, em verdade desempenham papel vital na história da salvação humana. Como mencionei antes, o caráter singular de uma opção pelos pobres com inspiração

bíblica é a crença de que, apesar das aparências em contrário, os que vivem à margem da sociedade colocam um dom à disposição das outras pessoas. Consequentemente, devemos nos afastar da rota oficial de nossa jornada para prestar atenção naquelas crianças e jovens que não participam dela e encontrar um jeito de incluí-los.

Em nosso dia a dia, portanto, você e eu temos de nos perguntar: É possível prestarmos atenção e ouvir as vozes dissonantes? Há em nós espaço para acolher as pessoas consideradas intocáveis pelo mundo em geral, por essa sociedade globalizada em que nos inserimos cada vez mais?

Ir. S. Sammon (2006), p. 81.

Hoje, quando ainda há tantos jovens que vivem sem a força, a luz e o consolo da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida, não podemos ficar indiferentes. São os novos Montagna de hoje, cuja realidade nos provoca e nos convida a ser generosos.

Ir. E. Turú (2015), p. 13.

3.6 AUDAZES E DECIDIDOS

Responder com audácia às necessidades emergentes

Jesus, passaste pela vida fazendo o bem e, no entanto, tuas ações foram interpretadas com estreiteza por muitos dos teus contemporâneos, simplesmente porque eras galileu, carpinteiro e filho de Maria (Mc 6,2-3).

Também hoje continua desafiando-nos para:

- Abandonar velhos paradigmas e buscar criativamente modelos alternativos para tornar visível o amor de Deus no mundo de hoje.
- Converter nossos corações e flexibilizar nossas estruturas, sem medo de assumir riscos, para aproximarmo-nos das periferias, em defesa dos mais pobres e vulneráveis.
- Comprometermo-nos firmemente na promoção e [na] defesa dos direitos das crianças.
- Despertar em nós e à nossa volta uma consciência ecológica que nos comprometa com o cuidado de nossa casa comum.

XXII CG, “Apelo 5”.

Como educadores e evangelizadores, trabalhamos com os jovens na promoção da justiça, da paz e da integridade da criação.

C, n. 32.

O Padre Champagnat, confiando em Maria, encarna uma paixão evangélica que consegue dar respostas adequadas aos problemas das crianças e jovens. Como irmãos, em comunhão com os leigos maristas, animados por uma paixão apostólica semelhante à de Marcelino, participamos da missão de Deus para responder às necessidades de nosso mundo atual. A presença, o exemplo e o amor são elementos-chave de nosso estilo educativo.

C, n. 52.

Suscitado pelo Espírito, nosso Instituto é enviado pela Igreja para evangelizar os jovens, especialmente os mais abandonados, pela educação e por outros serviços pastorais e sociais. As comunidades maristas, enviadas pelo Instituto, realizam sua missão em comunhão com os pastores da Igreja local e em colaboração com outras pessoas e instituições comprometidas no serviço dos jovens.

C, n. 53.

Aberto a qualquer apostolado, em consonância com o carisma fundacional, nosso Instituto faz da evangelização e do anúncio da Palavra o centro e a prioridade de sua atividade apostólica.

C, n. 55.

Todos nós, irmãos, entregamo-nos generosamente pelo Reino, comprometidos em instituições educativas e em obras ou projetos a serviço das crianças e jovens, especialmente dos excluídos ou dos mais vulneráveis.

C, n. 56.

Ajudamos os jovens a desenvolver capacidades de reflexão e discernimento, para crescerem como pessoas comprometidas e sensíveis frente aos novos desafios que vive nosso mundo.

C, n. 58,2.

3.7 TRANSFORMAR NOSSAS OBRAS

Nossa missão desenvolve-se em alta porcentagem por meio de obras educativas e evangelizadoras em escolas formais, uma plataforma prioritária que nunca devemos perder. Contamos também com um bom número de obras sociais que desenvolvem a

missão educativa e evangelizadora, oferecendo uma atenção mais direta às crianças e jovens que vivem na pobreza e em situações de periferia. Várias centenas de milhares de crianças e jovens acodem diariamente às obras maristas em tantos países do mundo. A escola católica segue sendo essencial como espaço de evangelização dos jovens. Trata-se então de realizar uma pastoral educativa, juvenil, capaz de criar espaços inclusivos, onde haja lugar para todos e cada um dos jovens.

Ir. E. Sánchez (2020), p. 76.

3.8 SAIR DEPRESSA

Chamados a construir uma Igreja de rosto mariano, escutamos o chamado do XXI Capítulo Geral, Com Maria, ide depressa para uma nova terra! Durante a Conferência Geral 2013 aprofundamos ainda mais esse chamado e discernido as direções para o futuro. Recebemos tudo isso como um convite para nos comprometer a responder de formas novas e desafiadoras às realidades mutáveis e urgentes de nosso mundo de hoje.

Próximos do início do terceiro século de vida e missão maristas e, tratando de ser fiéis a nossas origens, cremos que chegou a hora para os Maristas de Champagnat de despertar a aurora de um novo começo por meio de:

- **Uma significativa presença evangelizadora entre crianças e jovens em situação de vulnerabilidade**, aonde outros não vão, promovendo seu protagonismo e a defesa de seus direitos.
- **Disponibilidade global**: criando uma nova mentalidade e uma nova atitude, indo além dos horizontes habituais de nossas unidades administrativas e regiões e abrindo-se às possibilidades de colaboração internacional para a missão.
- **Interculturalidade**: comunidades internacionais maristas que promovem em seu interior a comunhão de culturas e o apreço por sua diversidade, assim como sua inserção no contexto no qual se encontram.
- **Uma vida significativa**: por sua qualidade evangélica e pelo testemunho fraternal das comunidades que podem adotar distintas formas quanto a seus membros (irmãos, leigos, outras congregações etc.).
- **Uma ênfase na espiritualidade**: um claro compromisso de aprofundar em nossa experiência espiritual, atendendo às dimensões mística e apostólica de nossa vida marista.

Ir. E. Turù (2015), p. 14-15.

“É importante criar novas presenças que sejam pontos de referência para recriar nossa vida em missão, segundo o carisma do Pe. Champagnat. A refundação do Insti-

tuto precisa dessas fundações que tornem visível e atual a intuição do Pe. Champagnat, sensível às necessidades de seu tempo, sobretudo diante da ignorância religiosa e das situações de pobreza da infância e da juventude (cf. Constituições 2). Sei que é difícil pensar nisso, quando se constata a limitação dos recursos humanos. É aí onde se estabelece a avaliação, creio eu, da fortaleza ou debilidade de nossa fé.”

Ir. B. Arbués (1997), p. 44-45, n. 31.

3.9 VALENTES CRIADORES DE PONTES

Inspira nossa criatividade para sermos construtores de pontes

Como Maria em Caná (Jo 2,3), sentimo-nos interpelados pelas necessidades do mundo que nos rodeia.

Inspirados por Maria, sentimos que nos chamam a:

- Conhecer em profundidade nosso mundo em contínua transformação e enfrentar os desafios atuais, sem cair na tentação de responder a perguntas que já ninguém faz (Papa Francisco em Medellín, 9 de setembro de 2017).
- Ser memória profética da dignidade e da igualdade fundamental de todo o povo de Deus.
- Abandonar a cultura dos egos e promover os ecos (ecologia, ecossistema, economia solidária...) que reduzem o escândalo da indiferença e das desigualdades.
- Ser agentes de mudança, construtores de pontes, mensageiros de paz, comprometidos na transformação da vida dos jovens por meio de uma educação evangelizadora.

CG XXII, “Apelo 3”.

3.10 ATIVIDADE MISSIONÁRIA

Nos tempos modernos, a atividade missionária desenvolveu-se sobretudo em regiões isoladas, longe dos centros civilizados e inacessíveis por dificuldades de comunicação, de língua e de clima. Hoje, a imagem da missão *ad gentes* está talvez a mudar: lugares privilegiados deveriam ser as grandes cidades, onde surgem novos costumes e modelos de vida, novas formas de cultura e comunicação que depois influem na população. É verdade que a “escolha dos menos afortunados” deve levar a não descuidar os grupos humanos mais isolados e marginalizados, mas também é verdade que não é possível evangelizar as pessoas ou pequenos grupos, descuidando os centros onde nasce

– pode-se dizer – uma nova humanidade, com novos modelos de desenvolvimento. O futuro das jovens Nações está-se a formar nas cidades.

Falando de futuro, não é possível esquecer os jovens que, em numerosos Países, constituem mais da metade da população. Como proceder para que a mensagem de Cristo atinja esses jovens não cristãos, que são o futuro de inteiros Continentes? Evidentemente já não bastam os meios tradicionais da pastoral: são necessárias associações e instituições, grupos e centros específicos, iniciativas culturais e sociais para os jovens.

RM, n. 37b.

3.11 IRMÃOS EM MISSÃO

Escuta em teu coração o apelo a sair continuamente como irmão em missão, atento às moções do Espírito Santo e aberto a uma disponibilidade global. Busca, com audácia e criatividade, novas formas de responder às necessidades emergentes do mundo de hoje. Com teus irmãos e com outros maristas, prepara-te para ir a lugares onde seja mais necessária tua presença. Como Maria, caminha com brilho nos olhos e barro nos pés. Ela te convida a ir a outras fronteiras.

R, n. 81.

CAPÍTULO 4. SEMEADORES DA BOA NOVA

4.1 A MISSÃO DO INSTITUTO

Tornar Jesus Cristo conhecido e amado, eis a meta de sua vocação e a finalidade do Instituto. Se não visarmos a esta finalidade, nossa Congregação será inútil e Deus lhe retirará a proteção. Em muitíssimas cartas, expressa as mesmas recomendações, incitando os Irmãos a recordarem continuamente aos alunos quanto Jesus Cristo os amou e, conseqüentemente, quanto eles têm obrigação de amá-lo.

Vida, p. 312.

Primeiro, ele nos impõe o compromisso fundamental de tornar Jesus conhecido e amado. Por conseguinte, as instituições educacionais, como é o caso de nossas escolas de nível fundamental e médio nas quais muitos Irmãos e colaboradores leigos

trabalham, precisam ser mais do que centros de excelência acadêmica com ótimos índices de aprovação nos processos de admissão às instituições de educação superior. Deveriam ser, também e principalmente, lugares onde o Evangelho fosse proclamado e testemunhado.

Ir. S. Sammon (2006), p. 35.

Em seus 200 anos de existência, o Instituto Marista acompanhou o modo como as várias gerações foram passando o bastão, uma após outra, narrando de maneira quase imperceptível as histórias que continham o essencial de sua vida e missão. Desde a humilde casa de La Valla os relatos se propagaram por todo o mundo, contados em mil diferentes línguas nos mais variados contextos.

Ir. E. Turú (2014), p. 1.

4.2 EDUCAMOS E EVANGELIZAMOS

Efetivamente, não se pretende falar aqui do professor como de um profissional que se limita a transmitir na escola uma série de conhecimentos sistemáticos, mas sim do professor como educador, como formador de homens.

Sagrada Congregação para a Educação Católica, O leigo católico testemunha da fé na escola, n. 16.

4.3 FORMAÇÃO INTEGRAL DA PESSOA HUMANA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Quanto aos educadores e formadores que têm a difícil tarefa de educar as crianças e os jovens, na escola ou nos vários centros de agregação infantil e juvenil, devem estar cientes de que a sua responsabilidade envolve as dimensões moral, espiritual e social da pessoa. Os valores da liberdade, respeito mútuo e solidariedade podem ser transmitidos desde a mais tenra idade.

FT, n. 114.

Ao anunciar e ao acolher o Evangelho na força do Espírito, a Igreja torna-se comunidade evangelizada e evangelizadora e, precisamente por isso, faz-se serva dos homens. Nela, os fiéis leigos participam na missão de servir a pessoa e a sociedade...

Tendo recebido o encargo de manifestar ao mundo o mistério de Deus, que brilha em Jesus Cristo, ao mesmo tempo a Igreja descobre o homem ao homem, esclarece-o acerca do sentido da sua existência; abre-o à verdade total acerca dele e do seu destino. Nesta perspectiva, a Igreja é chamada, em virtude da sua própria missão evangelizadora, a servir o homem. Tal serviço tem a sua raiz primeiramente no fato prodigioso e empolgante de que, “com a encarnação, o Filho de Deus uniu-se de certa forma a todo homem”.

Por isso, o homem “é o primeiro caminho que a Igreja deve percorrer no desempenho da sua missão: ele é o caminho primeiro e fundamental da Igreja, caminho que imutavelmente passa pelo mistério da Encarnação e da Redenção”.

CL, n. 36.

A formação integral do homem, como finalidade da educação, compreende o desenvolvimento de todas as faculdades humanas do educando, a sua preparação para a vida profissional, a formação do seu sentido ético e social, a sua abertura ao transcendente e a sua educação religiosa.

A vocação do educador católico comporta um esforço de contínua projeção social. Ele deve formar o homem para a sua inserção na sociedade, prepará-lo para assumir o compromisso de melhorar as estruturas da sociedade, conformando-as aos princípios evangélicos, e educá-lo para realizar entre os homens uma convivência pacífica, fraterna e comunitária.

*Sagrada Congregação para a Educação Católica,
O leigo católico testemunha da fé na escola, n. 17, 19.*

4.4 A MISSÃO EVANGELIZADORA DA IGREJA

Evangelizar, para a Igreja, é levar a Boa Nova a todas as parcelas da humanidade, em qualquer meio e latitude, e pelo seu influxo transformá-las a partir de dentro e tornar nova a própria humanidade. [...] Para a Igreja, não se trata tanto de pregar o Evangelho a espaços geográficos cada vez mais vastos ou populações maiores em dimensões de massa, mas de chegar a atingir e como que a modificar pela força do Evangelho os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade que se apresentem em contraste com a Palavra de Deus e com o desígnio da salvação.

EN, n. 18, 19.

Depois de considerar alguns desafios da realidade atual, quero agora recordar o dever que incumbe a nós em toda e qualquer época e lugar, porque “não pode haver verdadeira evangelização sem o anúncio explícito de Jesus como Senhor” e sem existir uma “primazia do anúncio de Jesus Cristo em qualquer trabalho de evangelização?” Recolhendo as preocupações dos Bispos asiáticos, João Paulo II afirmou que, se a Igreja “deve realizar o seu destino providencial, então uma evangelização entendida como o jubiloso, paciente progressivo anúncio da Morte salvífica e Ressurreição de Jesus Cristo há de ser a vossa prioridade absoluta”. Isto é válido para todos.

EG, n. 110.

A evangelização é dever da Igreja. Este sujeito da evangelização, porém, é mais do que uma instituição orgânica e hierárquica; é, antes de tudo, um povo que peregrina para Deus. Trata-se certamente de um mistério que mergulha as raízes na Trindade, mas tem a sua concretização histórica num povo peregrino e evangelizador, que sempre transcende toda a necessária expressão institucional. Proponho que nos detenhamos um pouco nesta forma de compreender a Igreja, que tem o seu fundamento último na iniciativa livre e gratuita de Deus.

EG, n. 111.

Longe de se contraporem, a evangelização e o diálogo inter-religioso apoiam-se e alimentam-se reciprocamente.

EG, n. 251.

“O Espírito Santo possui uma inventiva infinita, própria da mente divina, que sabe prover a desfazer os nós das vicissitudes humanas mais complexas e impenetráveis”. A evangelização procura colaborar também com esta ação libertadora do Espírito. O próprio mistério da Trindade nos recorda de que somos criados à imagem desta comunhão divina, pelo que não podemos realizar-nos nem nos salvar sozinhos. A partir do coração do Evangelho, reconhecemos a conexão íntima que existe entre evangelização e promoção humana, que se deve necessariamente exprimir e desenvolver em toda a ação evangelizadora. A aceitação do primeiro anúncio, que convida a deixar-se amar por Deus e a amá-lo com o amor que Ele mesmo nos comunica, provoca na vida da pessoa e nas suas ações uma primeira e fundamental reação: desejar, buscar e cuidar do bem dos outros.

EG, n. 178.

4.5 CONVERSÃO CONTÍNUA DE TODOS

Neste diálogo de salvação, os cristãos e os outros são chamados a colaborar com o Espírito do Senhor Ressuscitado, Espírito que está presente e opera universalmente. [...]

Mediante o diálogo, os cristãos e os outros são convocados a aprofundar seu empenho religioso e a responder, com crescente sinceridade, ao apelo pessoal de Deus e ao dom gratuito. [...]

O diálogo sincero supõe, por um lado, aceitar reciprocamente a existência das diferenças, ou também as contradições e, pelo outro, respeitar a livre decisão que as pessoas tomam em conformidade com a própria consciência.

Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-religioso e Congregação para a Evangelização dos Povos, Diálogo e anúncio, n. 40, 41.

4.6 O REINO NOS CONVOCA

O Reino de Deus destina-se a todos os homens, pois todos foram chamados a pertencer-lhe. Para sublinhar este aspecto, Jesus aproximou-se sobretudo daqueles que eram marginalizados pela sociedade, dando-lhes preferência, ao anunciar a Boa Nova. [...] A libertação e a salvação, oferecidas pelo Reino de Deus, atingem a pessoa humana tanto nas suas dimensões físicas como espirituais. Dois gestos caracterizam a missão de Jesus: curar e perdoar.

Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-religioso e Congregação para a Evangelização dos Povos, Diálogo e anúncio, n. 40, 41.

Ao lermos as Escrituras, fica bem claro que a proposta do Evangelho não consiste só numa relação pessoal com Deus. E a nossa resposta de amor também não deveria ser entendida como uma mera soma de pequenos gestos pessoais a favor de alguns indivíduos necessitados, o que poderia constituir uma “caridade por receita”, uma série de ações destinadas apenas a tranquilizar a própria consciência. A proposta é o Reino de Deus (cf. Lc 4,43); trata-se de amar a Deus, que reina no mundo. Na medida em que Ele conseguir reinar entre nós, a vida social será um espaço de fraternidade, de justiça, de paz, de dignidade para todos. Por isso, tanto o anúncio como a experiência cristã tendem a provocar consequências sociais. Procuremos o seu Reino: “Buscai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça, e tudo o mais vos será dado por acréscimo” (Mt 6,33). O projeto de Jesus é instaurar o Reino de seu Pai; por isso, pede aos seus discípulos: “Proclamai que o Reino do Céu está perto” (Mt 10,7).

EG, n. 180.

O Reino, que se antecipa e cresce entre nós, abrange tudo, como nos recorda aquele princípio de discernimento que Paulo VI propunha a propósito do verdadeiro desenvolvimento: “Todos os homens e o homem todo”. Sabemos que “a evangelização não seria completa se ela não tomasse em consideração a interpelação recíproca que se fazem constantemente o Evangelho e a vida concreta, pessoal e social dos homens”. É o critério da universalidade, próprio da dinâmica do Evangelho, dado que o Pai quer que todos os homens se salvem; e o seu plano de salvação consiste em “submeter tudo a Cristo, reunindo n’Ele o que há no céu e na terra” (Ef 1,10). O mandato é: “Ide pelo mundo inteiro, proclamai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16,15), porque toda “a criação se encontra em expectativa ansiosa, aguardando a revelação dos filhos de Deus” (Rm 8,19). Toda a criação significa também todos os aspectos da vida humana, de tal modo que “a missão do anúncio da Boa Nova de Jesus Cristo tem destinação universal. Seu mandato de caridade alcança todas as dimensões da existência, todas as pessoas, todos os ambientes da convivência e todos os povos. Nada do humano pode lhe parecer estranho”. A verdadeira esperança cristã, que procura o Reino escatológico, gera sempre história.

EG, n. 181.

4.7 O DESEJO DE LEVAR AS CRIANÇAS A JESUS

Nas viagens, entabulava conversas com as crianças e, bondosamente, perguntava se haviam feito a Primeira Comunhão e se acompanhavam o catecismo na igreja. Habilmente, indagava se conheciam os mistérios e as verdades essenciais da salvação. Mandava-as recitar ou lhes ensinava sem que percebessem. Dizia muitas vezes: “Não posso ver uma criança sem me dar vontade de ensinar-lhe o catecismo e fazer-lhe saber quanto Jesus Cristo a ama e quanto, por sua vez, deve amar o divino Salvador”.

Vida, p. 459-460.

4.8 COMO APRESENTAR JESUS CRISTO

A evangelização há de conter também sempre – ao mesmo tempo, como base, centro e ápice do seu dinamismo – uma proclamação clara que, em Jesus Cristo, Filho de Deus feito homem, morto e ressuscitado, a salvação é oferecida a todos os homens, como dom da graça e da misericórdia do mesmo Deus.

EN, n. 27.

Aberto a qualquer apostolado, em consonância com o carisma fundacional, nosso Instituto faz da evangelização e do anúncio da Palavra o centro e a prioridade de sua atividade apostólica.

C, n. 55.

4.9 JESUS NOS REVELA O QUE SIGNIFICA SER PLENAMENTE HUMANO

Na realidade, o mistério do homem só se esclarece verdadeiramente no mistério do Verbo encarnado (Cristo); manifesta perfeitamente o homem ao próprio homem e descobre-lhe a sublimidade da sua vocação... e por isso mesmo esta natureza foi elevada, também em nós, a uma dignidade sem par. Com efeito, pela sua encarnação, o Filho de Deus uniu-se de alguma sorte a todo homem. Trabalhou com mãos humanas, agiu com uma vontade humana, amou com um coração humano. Nascer da Virgem Maria, tornou-se verdadeiramente um de nós, em tudo semelhante a nós, exceto no pecado.

GS, n. 22.

4.10 APÓSTOLOS DA JUVENTUDE

Ao fundar o Instituto, o Pe. Champagnat não tencionava dar aos meninos apenas a instrução primária, nem apenas ensinar-lhes as verdades da fé, mas ainda dar-lhes a educação, com o sentido acima indicado. “Se fosse apenas para ensinar as ciências humanas aos jovens, não haveria necessidade de Irmãos; bastariam os demais professores. Se pretendêssemos ministrar somente a instrução religiosa, limitar-nos-íamos a ser simples catequistas, reuniríamos as crianças uma hora por dia, para transmitir-lhes as verdades cristãs. Nosso objetivo, contudo, é mais abrangente. Queremos educar as crianças, isto é, instruí-las sobre seus deveres, ensinar-lhes a praticá-los, infundir-lhes o espírito e os sentimentos do cristianismo, os hábitos religiosos, as virtudes do cristão e do bom cidadão.”

Vida, p. 498.

Para o Irmão, o zelo é a pedra filosofal, alquimia que transforma em ouro tudo o que faz. [...] O zelo em levar os meninos a Deus terá transmutado em ouro, isto é, em atos de virtude, as ações mais corriqueiras e tudo quanto fazem na aula. Que diferença entre o Irmão que leciona como apóstolo, animado de zelo, e outro, que leciona apenas como profissional.

Vida, p. 508.

O educador participa essencialmente naquilo que é mais nobre na paternidade divina. [...] A Igreja sempre considerou a educação como um apostolado e sacerdócio.

ALS, XVI, p. 420, 421.

4.11 EDUCAÇÃO INTEGRAL

Educar uma criança não é ensinar-lhe a ler, escrever e iniciá-la nos diversos conhecimentos do ensino primário. Essas noções bastariam, se o homem fosse feito só para este mundo. Mas outro destino o aguarda. Ele existe para o céu, para Deus. É para atingir essa finalidade que há de ser educado. Educar uma criança é, pois, desvendar-lhe tão nobre e sublime destino e oferecer-lhe os meios para atingi-lo. Numa palavra, educar uma criança é fazer dela bom cristão e virtuoso cidadão.

Vida, p. 498.

4.12 VISÃO DA PESSOA HUMANA E DO MUNDO

Toda a educação se inspira numa determinada concepção do homem. No mundo pluralista de hoje o educador católico é chamado a inspirar conscienciosamente a própria ação na concepção cristã do homem, em comunhão com o Magistério da Igreja. Esta concepção, incluindo a defesa dos direitos humanos, situa o homem na dignidade de filho de Deus, concede-lhe a mais completa liberdade, porque o considera libertado do pecado por Cristo, e lhe aponta o mais alto destino, que é a posse definitiva e total de Deus por meio do amor. Por outro lado, coloca-o na mais estreita relação de solidariedade com todos os homens, por meio do amor fraterno e da comunhão eclesial. Estimula-o à obtenção do mais alto progresso do gênero humano, pois afirma que ele foi constituído senhor do mundo pelo Criador. Apresenta-lhe finalmente como modelo e ideal o Filho de Deus, Cristo, o homem perfeito.

Sagrada Congregação para a Educação Católica, O leigo católico, n. 18.

Educar uma criança:

1. é iluminar a sua inteligência;
2. é corrigir suas más inclinações;
3. é formar seu coração;
4. é formar a sua consciência;
5. é formá-la à piedade;

6. é fazer-lhe amar a virtude e a religião;
7. é formar a sua vontade e ensinar-lhe a obedecer;
8. é também e sobretudo formar seu juízo;
9. é também formar e educar o seu caráter;
10. é exercer sobre ela uma contínua vigilância;
11. é inspirar-lhe o amor ao trabalho;
12. é dar-lhe os conhecimentos que lhe serão necessários na sua posição e na sua condição;
13. é também ocupar-se do seu desenvolvimento físico;
14. é dar-lhe os meios para adquirir toda a perfeição do seu ser, e fazer dessa criança um homem completo.

ALS, XXXV, p. 356-364.

4.13 O EDUCANDO, SUJEITO ATIVO DE SUA PRÓPRIA EDUCAÇÃO

A criança tem de trabalhar muito para dominar sua própria natureza. É possível ajudá-la, encorajá-la, mas, em última análise, compete a ela desenraizar o mal, cultivar o bem, corrigir seus defeitos e desenvolver suas qualidades...

ALS, XLI, p. 428-429.

4.14 RESPEITO À CONSCIÊNCIA

Um dos pontos mais importantes na educação é conseguir que os meninos amem a religião e cumpram seus deveres por amor...

Para fazê-los amar a religião, é necessário [...] evitar o constrangimento a respeito da religião. A religião não se impõe pela força, mas penetra no coração como suave orvalho. O próprio Jesus Cristo nunca violentou a vontade humana: “Se quiserdes entrar na vida”, disse ele, “observai os mandamentos de Deus”. É extremamente importante compreender bem isto, pois a violência moral não torna os meninos virtuosos, mas hipócritas.

Guide (1853), p. 225, 226-227.

4.15 UM ESTILO ACOLHEDOR

Ele (o mestre), portanto, como especialista, acolhe os alunos com simpatia e caridade. Aceita-os como são. Explica que a dúvida e a indiferença são fenômenos comuns

e compreensíveis. Depois, convida-os amigavelmente a procurar e a descobrir juntos a mensagem evangélica, fonte de alegria e serenidade. A personalidade e o prestígio do mestre ajudarão a preparar o terreno.

Congregação para a Educação Católica, Dimensão religiosa da educação, n. 71.

4.16 LIBERDADE E RESPONSABILIDADE

No fundo da consciência, o homem descobre a existência de uma lei que ele não impôs a si mesmo, mas à qual deve obedecer, e cuja voz, convidando-o a amar e a fazer o bem e a evitar o mal, no momento oportuno, ressoa aos ouvidos do coração. [...] Na verdade, o homem tem uma lei inscrita por Deus no seu coração. [...] A consciência é o núcleo mais secreto do homem, o santuário onde está a sós com Deus, cuja voz ressoa no seu íntimo.

GS, n. 16.

É necessário fazer chegar o Evangelho da vida ao coração de todo homem e mulher, e inseri-lo nas pregas mais íntimas do tecido da sociedade inteira. [...]

Para sermos verdadeiramente um povo a serviço da vida, temos de propor, com constância e coragem, estes conteúdos, desde o primeiro anúncio do Evangelho e, depois, na catequese e nas diversas formas de pregação, no diálogo pessoal e em toda a ação educativa [...] encontraremos valiosos pontos de encontro e diálogo também com os não crentes, empenhados todos juntos a fazer despertar uma nova cultura da vida.

EV, n. 80, 82.

4.17 DIÁLOGO DE VIDA

Ao diálogo abre-se um vasto campo, podendo ele assumir múltiplas formas e expressões: (entre elas), o denominado “diálogo de vida”, pelo qual os crentes das diversas religiões mutuamente testemunham, na existência cotidiana, os próprios valores humanos e espirituais, ajudando-se a vivê-los em ordem à edificação de uma sociedade mais justa e fraterna.

RM, n. 57.

4.18 INCULTURAÇÃO

O processo de inserção da Igreja nas culturas dos povos requer um tempo longo: é que não se trata de mera adaptação exterior, já que a inculturação “significa a íntima transformação dos valores culturais autênticos, pela sua integração no cristianismo e o enraizamento do cristianismo nas várias culturas”. Trata-se, pois, de um processo profundo e globalizante que integra tanto a mensagem cristã como a reflexão e a práxis da Igreja.

A Igreja encarna o Evangelho nas diversas culturas e, simultaneamente, introduz os povos, com as suas culturas, na sua própria comunidade, transmitindo-lhes os seus próprios valores, assumindo o que de bom nelas existe, e renovando-as a partir de dentro.

RM, n. 52.

Há uma necessidade imperiosa de evangelizar as culturas para inculturar o Evangelho.

EG, n. 69.

4.19 EVANGELIZAR A CULTURA E AS CULTURAS DO SER HUMANO

Importa evangelizar. [...] a partir sempre da pessoa e fazendo continuamente apelo para as relações das pessoas entre si e com Deus. [...] A ruptura entre o Evangelho e a cultura é sem dúvida o drama da nossa época, como o foi também de outras épocas.

EN, n. 20.

O serviço à pessoa e à sociedade humana exprime-se e se realiza por meio da criação e transmissão da cultura. [...] A cultura deve ser considerada como o bem comum de cada povo, a expressão da sua dignidade, liberdade e criatividade; o testemunho do seu percurso histórico. Em particular, só dentro e por meio da cultura é que a fé cristã se torna histórica e criadora de história. [...]

Perante o progresso de uma cultura que aparece divorciada não só da fé cristã, mas até dos próprios valores humanos, bem como perante certa cultura científica e tecnológica incapaz de dar resposta à premente procura de verdade e de bem que arde no coração dos homens, a Igreja tem plena consciência da urgência pastoral de se dar à cultura uma atenção toda especial.

Por isso a Igreja pede aos fiéis leigos que estejam presentes, em nome da coragem e da criatividade intelectual, nos lugares privilegiados da cultura, como são o mundo da escola e da universidade, os ambientes da investigação científica e técnica, os lugares da criação artística e da reflexão humanística. Tal presença tem como finalidade não só o reconhecimento e a eventual purificação dos elementos da cultura existente, criticamente avaliados, mas também a sua elevação, graças ao contributo das originais riquezas do Evangelho e da fé cristã.

CL, n. 44.

4.20 PRESENÇA DOS RELIGIOSOS NO MUNDO DA EDUCAÇÃO

Pela sua especial consagração, pela peculiar experiência dos dons do Espírito, pela escuta assídua da Palavra e o exercício do discernimento, pelo rico patrimônio de tradições educativas acumulado ao longo da história pelo próprio Instituto, pelo conhecimento profundo da verdade espiritual, as pessoas consagradas são capazes de desenvolver uma ação educativa particularmente eficaz, oferecendo uma contribuição específica para as iniciativas dos outros educadores e educadoras.

Dotadas deste carisma, elas podem dar vida a ambientes educativos permeados pelo espírito evangélico de liberdade e de caridade, onde os jovens sejam ajudados a crescer em humanidade, sob a guia do Espírito. Deste modo, a comunidade educativa torna-se experiência de comunhão e lugar de graça, onde o projeto pedagógico contribui para unir, numa síntese harmoniosa, o divino e o humano, o Evangelho e a cultura, a fé e a vida.

VC, n. 96.

Porém, sobretudo como religiosos, pertencem-lhes a educação espiritual, que é a base do crescimento integral. Isto lhes pertence como religiosos: a educação espiritual. Jesus Cristo é o Mestre da vida e da verdade, o caminho a seguir para chegar a ser homens e mulheres em plenitude, e o Espírito Santo é o Mestre interior que forma a Cristo em nós. Que vocação, que missão, Irmãos, cooperar com Cristo e com o Espírito para acompanhar aos jovens nesta aventura! É realmente demasiado grande para nós, pobres pecadores. Porém, nos recorda nossa Mãe, encanta-lhe fazer grandes coisas com os pequenos e os pobres, sempre e quando se abrem humildemente a Ele e aceitam sua Palavra, pondo à disposição todo seu ser.

Audiência do Papa Francisco aos participantes da Conferência Geral dos Irmãos Maristas (2022).

4.21 OS JOVENS, ESPERANÇA DA IGREJA

Queridos jovens, não tenhais medo de partilhar com todos a esperança e a alegria de Cristo Ressuscitado! A centelha que se acendeu em vós, conservai-a, mas ao mesmo tempo comunicai-a: dar-vos-eis conta de que ela crescerá! A esperança cristã, não a podemos guardar para nós, como um belo sentimento, visto que se destina a todos. Aproximai-vos em particular dos vossos amigos que talvez aparentemente sorrissem, mas por dentro choram, carentes de esperança. Não vos deixeis contagiados pela indiferença e pelo individualismo: permaneci abertos como canais por onde a esperança de Jesus possa fluir e difundir-se nos ambientes onde viveis.

Papa Francisco, Mensagem para a XXXVIII Jornada Mundial da Juventude (2023).

Caminhar com os jovens

A paixão de buscar a verdade, a maravilha à vista da beleza do Senhor, a capacidade de partilhar e a alegria do anúncio habitam, também hoje, no coração de muitos jovens que são membros vivos da Igreja. Por conseguinte, não se trata simplesmente de fazer algo “para eles”, mas de viver em comunhão “com eles”, crescendo juntos na compreensão do Evangelho e na busca das formas mais autênticas para o viver e testemunhar. A participação responsável dos jovens na vida da Igreja não é facultativa, mas constitui uma exigência da vida batismal e um elemento indispensável para a vida de cada comunidade. As dificuldades e fragilidades dos jovens ajudam-nos a ser melhores, as suas exigências desafiam-nos e as suas dúvidas interpelam-nos sobre a qualidade da nossa fé. E precisamos também das suas críticas, porque, não raro, é através delas que ouvimos a voz do Senhor que nos pede a conversão do coração e a renovação das estruturas.

*XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos,
Os jovens, a fé e o discernimento vocacional.*

4.22 PRESENÇA DE DEUS NAS TRADIÇÕES PESSOAIS E RELIGIOSAS FORA DA IGREJA

Não é possível limitar-se aos dois mil anos decorridos desde o nascimento de Cristo. É necessário retroceder no tempo, abarcar toda a ação do Espírito Santo, mesmo antes de Cristo, desde o princípio, em todo o mundo e, especialmente, na economia da Antiga Aliança. Esta ação, de fato, em todos os lugares e em todos os tempos, ou antes, em cada homem, desenrolou-se segundo o eterno desígnio de salvação, no qual ela anda estreitamente unida ao mistério da Encarnação e da Redenção...

Também devemos alargar as nossas vistas para mais longe, “para o largo”, conscientes de que “o vento sopra onde quer” [...] o Concílio Vaticano II [...] recorda-nos a ação do Espírito Santo, mesmo “fora” do corpo visível da Igreja.

DV, n. 53.

Deus atrai a si todos os povos, em Cristo, desejando comunicar-lhes a plenitude da sua revelação e do seu amor; Ele não deixa de se tornar presente, de tantos modos, quer aos indivíduos quer aos povos, por meio das suas riquezas espirituais, das quais a principal e essencial expressão são as religiões, mesmo se contêm também “lacunas, insuficiências e erros”.

RM, n. 55.

4.23 ORAÇÃO EM COMUM NOS POVOS DAS DIVERSAS CONFISSÕES RELIGIOSAS

Toda oração autêntica acha-se sob a influência do Espírito Santo que intercede insistentemente por nós [...] porque não sabemos rezar como deveríamos, mas ele reza em nós com inexprimíveis gemidos e Aquele que sonda os corações sabe quais são os desejos do Espírito (cf. Rm 8,26-27). Nós podemos, de fato, afirmar que toda oração autêntica é suscitada pelo Espírito Santo que está misteriosamente presente no coração de toda a pessoa.

Papa João Paulo II, Discorso ai cardinali e ai prelati della Curia Romana, 1987.

4.24 SALVAÇÃO PARA TODOS

O mistério da salvação atinge-os, por caminhos conhecidos por Deus, graças à ação invisível do Espírito de Cristo. É mediante a prática daquilo que é bom nas suas próprias tradições religiosas, e seguindo os ditames de sua consciência, que os membros de outras religiões respondem afirmativamente ao convite de Deus e recebem a salvação em Jesus Cristo, mesmo se não o conhecem como o seu salvador.

Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-religioso, Diálogo e anúncio, n. 29.

4.25 CONSTRUÇÃO DA UNIDADE CRISTÃ

Vê-se, de modo inequívoco, que o ecumenismo, o movimento a favor da unidade dos cristãos, não é só uma espécie de “apêndice”, que se vem juntar à atividade tradi-

cional da Igreja. Pelo contrário, pertence organicamente à sua vida e ação, devendo, por conseguinte, permeá-la no seu todo e ser como que o fruto de uma árvore que cresce sadia e viçosa até alcançar o seu pleno desenvolvimento.

O amor é a corrente mais profunda que dá vida e infunde vigor ao processo que leva à unidade. Este amor encontra a sua expressão mais acabada na oração em comum. [...] A comunhão na oração induz a ver com olhos novos a Igreja e o cristianismo.

US, n. 20, 21, 23.

4.26 Um Deus, um Cristo, caminhos convergentes

O diálogo é exigido pelo profundo respeito por tudo o que o Espírito, que sopra onde quer, operou em cada homem. Por ele, a Igreja pretende descobrir as “sementes do Verbo”, os “fulgores daquela verdade que ilumina todos os homens” – sementes e fulgores que se abrigam nas pessoas e nas tradições religiosas da humanidade.

RM, n. 56.

Relacionamento da Igreja com os Muçulmanos

Mas o desígnio de salvação abrange igualmente aqueles que reconhecem o Criador, em particular os muçulmanos que, professando manter a fé de Abraão, adoram conosco um Deus único e misericordioso que há de julgar os homens no último dia.

LG, n. 16.

4.27 Diversidade de situações religiosas

Olhando o mundo de hoje, do ponto de vista da evangelização, podemos distinguir três situações distintas.

Antes de mais nada, temos aquela a que se dirige a atividade missionária da Igreja: povos, grupos humanos, contextos socioculturais onde Cristo e o seu Evangelho não são conhecidos, onde faltam comunidades cristãs suficientemente amadurecidas para poderem encarnar a fé no próprio ambiente e anunciá-la a outros grupos. Esta é propriamente a missão *ad gentes*.

Aparecem, depois, as comunidades cristãs que possuem sólidas e adequadas estruturas eclesiais, são fermento de fé e de vida, irradiando o testemunho do Evangelho

no seu ambiente, e sentindo o compromisso da missão universal. Nelas se desenvolve a atividade ou cuidado pastoral da Igreja.

Finalmente, existe a situação intermediária, especialmente nos países de antiga tradição cristã, mas, por vezes, também nas Igrejas mais jovens, onde grupos inteiros de batizados perderam o sentido vivo da fé, não se reconhecendo já como membros da Igreja e levando uma vida distante de Cristo e do seu Evangelho. Neste caso, torna-se necessária uma “**nova evangelização**”, ou “reevangelização”.

RM, n. 33.

4.28 AS CRIANÇAS E O REINO DE DEUS

Quem é a criança?

- 1) A criança é a criatura visível mais nobre e mais perfeita; é o “maior milagre de Deus”, segundo Santo Agostinho.
- 2) A criança é a imagem e a semelhança de Deus. Como Deus, ela é trindade; ela tem a vida, a inteligência, a razão e o amor; essas qualidades constituem a essência do seu ser. O ser torna-a semelhante ao Pai; a inteligência torna-a semelhante ao Filho; o amor torna-a semelhante ao Espírito Santo; semelhante ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, ela tem no seu ser, na sua inteligência e no seu amor uma mesma felicidade e uma mesma vida.
- 3) A criança é filha de Deus e filha do Altíssimo (Sl 81,6). Sim, essa criança pode parecer-lhes muito pequena, muito fraca, muito frágil, contudo, ela não tem apenas o nome de filha de Deus, ela o é realmente; ela o é, desde agora, sob essas pobres roupas que a cobrem.
- 4) A criança é a conquista e o preço do sangue do Deus Salvador; é membro e irmão de Jesus Cristo; é o templo do Espírito Santo, e o alvo dos favores de Deus.
- 5) A criança é a esperança do céu, é o amigo e o irmão dos Anjos e dos Santos. É o herdeiro do Reino celeste e das palmas eternas.
- 6) A criança é o que há de mais amável e de mais belo sobre a terra; é a flor e o ornamento do gênero humano, diz São Macário.
- 7) A criança é o seu irmão, o seu semelhante, os ossos dos seus ossos, um outro como vocês.
- 8) A criança é o campo que Deus lhes deu para cultivar; é um tenro rebento, uma planta frágil, mas que um dia será grande árvore produzindo frutos de virtudes, e projetando ao longe sua sombra gloriosa.
- 9) A criança é um riacho fraco, uma nascente que apenas brota, mas que se tornará, talvez, um rio majestoso, se vocês souberem orientar, com cuidado, as suas águas doces, tal como faz o hábil cuidador das fontes, de que falam os Santos Livros, e se nunca permitirem que águas estranhas, impuras ou amargas venham perturbar o seu curso.

- 10) A criança é o objeto de seu trabalho, causa de tantas fadigas, mas que lhe permite exercer a virtude. A criança será a sua consolação à hora da morte, sua defesa quando forem julgados por Deus, sua coroa e glória no céu.
- 11) A criança é a bênção de Deus, é a esperança da terra, da qual já é a riqueza e o tesouro, da qual será um dia a força e a glória.
- 12) A criança, numa palavra, é o gênero humano, é a humanidade inteira, é o homem, tão simplesmente: ela tem direito a ser respeitada totalmente e, por sua vez, ela deve respeitar totalmente os outros. Aqui está o que é a criança que vocês devem respeitar.

ALS, XXXVIII, p. 386-390.

4.29 SOB A INSPIRAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO

Pode-se dizer que o Espírito Santo é o agente principal da evangelização: é ele, efetivamente, que impele para anunciar o Evangelho, como é ele que no mais íntimo das consciências leva a aceitar a Palavra da salvação. Mas pode-se dizer igualmente que ele é o termo da evangelização: de fato, somente ele suscita a nova criação, a humanidade nova. [...] Através dele, do Espírito Santo, o Evangelho penetra no coração do mundo, porque é ele que faz discernir os sinais dos tempos – os sinais de Deus – que a evangelização descobre e valoriza no interior da história.

EN, n. 75.

4.30 RENOVAR A FACE DA TERRA

O Espírito é também, na nossa época, o agente principal da nova evangelização. Será, por isso, importante redescobrir o Espírito como Aquele que constrói o Reino de Deus no curso da história e prepara a sua plena manifestação em Jesus Cristo, animando os homens no mais íntimo deles mesmos e fazendo germinar dentro da existência humana os germens da salvação definitiva que acontecerá no fim dos tempos.

TMA, n. 45.

4.31 “SUSTENTEEI A IGREJA NASCENTE”

A Sociedade deve recomeçar uma nova Igreja. Não pretendo servir-me desta expressão em seu sentido literal, pois seria um ato ímpio. Mas, em certo sentido, sim, devemos recomeçar uma nova Igreja. A Sociedade de Maria, como Igreja, começa com homens simples, pouco instruídos, depois se desenvolve e abarca tudo.

OM, v. 2, doc. 632.

4.32 SE O SENHOR NÃO CONSTRUIR A CASA...

Não há virtude que o Pe. Champagnat tenha mais recomendado que a confiança em Deus. Comentou milhares de vezes os dois primeiros versículos do Salmo *Nisi Dominus aedificaverit domum* e seus comentários formariam volumes.

Vida, p. 275.

4.33 CONFIANÇA EM MARIA

Senhora, o empreendimento é seu. A Senhora nos reuniu, mesmo contra as adversidades do mundo, para trabalharmos para a glória de seu Divino Filho. Se não vier em nosso auxílio, vamos acabar mingando como lâmpada que não tem mais azeite. Agora, se o empreendimento acabar, o que estará acabando não será o nosso, mas o seu. Pois aqui na família foi a Senhora que fez tudo. Contamos com a Senhora, com seu auxílio poderoso, e estaremos sempre contando com ele.

Oração pelas vocações, Vida, p. 90.

4.34 VALOR DA VOCAÇÃO DE EDUCADOR

“Meus caros Irmãos”, dizia-nos em certa ocasião, “como é sublime a missão de vocês aos olhos de Deus! Ditosos vocês, os escolhidos para tão nobre função! Fazem o mesmo que Jesus fez na terra. Ensinam os mesmos mistérios, as mesmas verdades. [...] Educar uma criança, isto é, instruí-la nas verdades da religião, formá-la à virtude e ensinar-lhe a amar a Deus, é função mais grandiosa e mais excelsa do que governar o mundo!”.

Vida, p. 463-464.

O Educador, cooperador de Deus

“Paulo planta, Apolo rega”, os pedagogos fazem o que podem; mas tanto o que planta quanto o que rega não são nada. Só há um que conta, verdadeiramente, na educação do homem: quem dá o crescimento, isto é, quem faz crescer, fortalece, ilumina, soergue, e este é Deus. [...]

O educador é apenas o colaborador de Deus na obra da educação; mas para ser bom colaborador, é evidente que é preciso estar muito unido a Ele e participar abundantemente de seu Espírito.

ALS, XLI, p. 427.

A criança nos é confiada por Deus

No momento em que uma criança lhe é confiada, pense em Jesus Cristo dizendo-lhe, como a filha do Faraó, a respeito de Moisés, que ela acabava de retirar das águas do Nilo: receba esta criança, eduque-a para mim e eu lhe darei uma recompensa. É o que tenho de mais precioso na terra; e eu lha confio.

ALS, XLI, p. 428.

CAPÍTULO 5. COM ESTILO MARISTA PRÓPRIO

5.1 A “REGRA DE OURO” PARA OS EDUCADORES MARISTAS

Para bem educar as crianças é preciso amá-las e amá-las todas igualmente. Ora, amar as crianças é dedicar-se totalmente à sua instrução e empregar todos os recursos sugeridos por um zelo criativo para formá-las à virtude e à piedade.

Vida, p. 501.

Um Irmão deve amar muito o seu trabalho e as crianças

Para ter êxito na nobre missão de ensinar, o Irmão deve amar esse trabalho e amar as crianças. Nessa tarefa, deve colocar toda a sua capacidade, todo o seu espírito, todo o seu coração, toda a sua atividade, toda a sua vida no cumprimento do seu dever. Não deve se imiscuir em muitas coisas, para não dispersar sua atenção e sentir-se dividido. Todo o seu afeto e toda a sua solicitude de professor devem estar voltados para os seus alunos. Nada fará de bom:

- se cumprir sua missão como um simples trabalho, ou à maneira de um mercenário;
- se não amar o seu trabalho e os seus alunos;
- se não se devotar inteiramente a seu trabalho de educador.

A educação não é só a disciplina e ensino; ela não se faz à moda de um curso de boas maneiras nem mesmo de religião, mas através da relação contínua e diária entre os alunos e os seus professores, por avisos pessoais, pequenas observações, encorajamento, reprimendas e por quaisquer ensinamentos que ensejem essas relações continuadas.

Mas para cultivar as almas jovens, uma a uma, com a atenção contínua reclamada por suas necessidades e fraquezas, é preciso amar as crianças. Quando amamos as crianças, fazemos muito mais e melhor por elas, com menos fadiga e mais sucesso. E

por que assim? Porque as palavras e as ações inspiradas por uma verdadeira afeição encerram em si uma força especial, penetrante, irresistível. Um professor que ama pode advertir e aconselhar; o amor que se sente em suas palavras dá-lhe mais força e mais graça; as crianças acolhem seus avisos como manifestação de sua amizade e seguem-nos com docilidade. Um professor que ama pode repreender e punir, porque, mesmo quando se mostra severo, não age por prevenção nem afetação; por isso, o aluno, ao invés de se aborrecer com o castigo que lhe é imposto, mostra-se sinceramente contrito por haver entristecido o professor que o ama.

Amem, pois, as suas crianças; combatam constantemente a indiferença, o cansaço, o desgosto [com] que as suas faltas podem, facilmente, excitar os nervos. Não fechem os olhos aos seus defeitos, porque devem corrigi-los. Não fechem os olhos às suas faltas, porque, muitas vezes, devem ser punidas. Mas, ao não fecharem os olhos, não deixem de pensar também que as suas crianças têm qualidades dignas de serem amadas e que devem suscitar o seu interesse. Vejam a inocência que brilha na serenidade dos seus rostos, a ingenuidade das suas palavras, a sinceridade do seu arrependimento, mesmo que, às vezes, não dure muito, a franqueza de suas resoluções, ainda que rapidamente as esqueçam, a generosidade dos seus esforços, ainda que raramente perseverantes. Vejam o bem que elas fazem, mesmo de maneira imperfeita, como também o mal que evitam cometer. Façam o que fizerem, continuem a amá-las, enquanto elas estão com vocês, porquanto é a única maneira de trabalhar, com resultado, para o seu aperfeiçoamento. Amem a todas igualmente. Que não haja nem rejeitados nem favorecidos; ou melhor, que todas se sintam objeto de sua dileção e privilegiadas, ao receberem o testemunho pessoal de sua afeição. Quem lhes confiou essas crianças? Deus e as suas famílias. Ora, Deus é o amor infinito para os homens, e quem os dirige em seu nome deve imitar a sua providência e prodigalizar o seu amor. Os pais e as mães também lhes confiaram suas crianças. Mas vocês sabem muito bem que o coração de um pai e de uma mãe é fonte inesgotável de amor. Amem, portanto, essas crianças, em nome de Deus e das famílias, e só então serão dignos e capazes de as educar.

ALS, XLI, p. 431-433.

5.2 PRESENÇA ENTRE OS JOVENS

Meu caro Irmão Barthélemy e seu caro colaborador:

Fiquei muito satisfeito de receber notícias suas. Fico satisfeito de saber que vocês estão de boa saúde. Sei também que estão com muitos alunos e que, portanto, terão muitas cópias de suas virtudes, pois é seguindo esses modelos que seus alunos se formam. De acordo com os exemplos que vocês derem é que eles vão pautar o comportamento deles.

Como é grande o trabalho que vocês fazem, como é sublime! Vocês estão continuamente em companhia daqueles com os quais Jesus se comprazia, já que proibia expressamente a seus discípulos de impedir as crianças de se achegarem a Ele.

E você, meu caro amigo, não impede, mas ainda faz de tudo para conduzi-las a Jesus. Que bela recepção vai ter da parte do divino Mestre, Mestre generoso, que não deixa sequer um copo de água fresca sem recompensa.

Digam a seus meninos que Jesus e Maria gostam muito deles todos: dos que são bem-comportados porque são parecidos com Jesus, que é o máximo de bem-comportado; dos que ainda não são, porque vão ser. Digam que Nossa Senhora também gosta deles porque Ela é a Mãe de todos os meninos de nossas escolas. Digam mais: que eu também gosto deles todos, que nenhuma vez, ao subir ao altar (para rezar a Missa) deixo de me lembrar de vocês e de seus queridos meninos. Desejaria eu ter a felicidade de ensinar, de consagrar minhas atenções de maneira mais direta para formar essas criaturinhas delicadas.

Todos os demais estabelecimentos vão mais ou menos bem. Rezem por mim e por toda a casa.

Tenho a honra de me dizer seu pai muito dedicado, em Jesus e Maria.

Champagnat, Superior – Notre-Dame de l’Hermitage.

Pe. Champagnat ao Ir. Barthélemy. Cartas, n. 14.

5.3 ESTAR JUNTO AOS JOVENS E A SEU MUNDO

Agradece e cultiva em ti a disponibilidade itinerante de tantos irmãos nossos sempre prontos a partir para aonde a missão com as crianças e jovens chamar, seja em ambientes mais próximos ou em regiões as mais remotas.

R, n. 15.

5.4 DISCIPLINA NA TRADIÇÃO MARISTA

Prevenir as faltas

Para que os castigos sejam proveitosos, devem ser usados com parcimônia e sempre com sabedoria. [...]

O primeiro dever dos mestres, no que concerne à repreensão, consiste em prevenir, pela vigilância e por um procedimento correto, as transgressões e as faltas; no

mais das vezes, quando os meninos erram, culpa maior que a deles é imputada àqueles que os dirigem. Os principais meios a serem utilizados pelos mestres para prevenir as faltas são:

- 1) Observar o silêncio e fazê-lo observar rigorosamente;
- 2) Ter o espírito sereno e o semblante ao mesmo tempo sério e agradável. O que mais molesta aos meninos é ter um mestre volúvel, ora triste ora alegre, às vezes inflexível e intolerante, complacente com uns e intransigente com outros, ou que age segundo seu humor e caprichos.
- 3) Nunca perder de vista os meninos; mantê-los sempre ocupados; ser pontual para tudo fazer na hora marcada, pois não há nada melhor para contê-los ou fazê-los voltar mais rápida e seguramente ao dever do que a vigilância e a pontualidade.
- 4) Para dar-lhes algum aviso, quando necessário, ensinar-lhes as lições e censurar-lhes a conduta, os Irmãos devem fazê-lo com benevolência, firmeza e gentilmente, sem se permitirem, entretanto, repreendê-los quando estiverem irritados para não causar-lhes revolta e evitar de colocá-los junto a outras crianças que, por natureza, são irrequietas e incapazes de permanecerem quietas.

Guide (1853), p. 187.

Desenvolvendo a responsabilidade pessoal

A vigilância, embora previna muitas infrações, não as impede todas. O mestre deve, portanto, saber influir sobre a vontade da criança, servindo-se de um ou de diversos meios capazes de agir sobre essa vontade: apelo à razão e à consciência, louvável emulação, desejo de louvores e recompensas, receio das punições etc.

Guide (1932), p. 135.

Qualidades da disciplina em nossos colégios

A disciplina é absolutamente necessária numa escola, mas não é uma disciplina qualquer que é suficiente para educar a criança, formar sua vontade e firmá-la na prática do bem.

Para isso, a disciplina deve ser *paternal*, senão, em vez de melhorar a criança, a piora; avilta os que a sofrem e, mais ainda, os que a impõem. Ora, para ser paternal, a disciplina deve ter por companheiras a religião, a afeição, a indulgência.

1.º A religião. A religião fortifica e mantém a disciplina, porque convence mais facilmente a criança por motivos sobrenaturais e lhe ensina que a autoridade e a regra vêm de Deus e que sujeitando-se a elas é ao próprio Deus que obedece.

2.º A afeição. Um mestre que ama pode instruir, porque a afeição por seus alunos, mais que sua competência, torna mais atrativas as lições, desperta interesse, atrai a atenção dos alunos e faz penetrar em sua inteligência os ensinamentos ministrados.

3.º A indulgência. Assim, um Irmão instruirá seus alunos com zelo, mas esperará de antemão encontrar espíritos pouco abertos, lentos para assimilar os conhecimentos; alunos levianos que pouco se aplicam, que esquecem logo o que aprenderam e nada levam a sério, especialmente os estudos; espíritos volúveis, levados a distrações, esquecendo hoje o que lhe ensinaram ontem. O mestre, sabendo disso, não desanimará, não se importunará, mas redobrá os esforços de zelo, será indulgente. [...] Mas a indulgência aqui recomendada é uma indulgência judiciosa, prudente e caridosa, e não uma indulgência de fraqueza.

Guide (1932), p. 150-151.

Punir o menos possível

Há também grande número de faltas que devem ser perdoadas. [...] Não se deve punir toda a classe, mesmo por faltas graves. Em tais circunstâncias, deve-se procurar descobrir os autores da desordem e puni-los conforme merecem. Se não for possível conhecer os culpados, é melhor omitir a punição. Os meninos são crianças e, como tais, imprevisíveis em suas atitudes e conduta. É, pois, recomendado não excitá-los e exacerbá-los; relevar alguma falta, temporizar com algumas situações e mantê-los ocupados é mais benéfico à formação de seu caráter. Procedendo desta forma, a autoridade é salvaguardada, as punições tornam-se menos frequentes e os meninos se persuadem de que os castigos são ditados pelo dever e pelo amor.

Guide (1853), p. 188-189.

Ao punir, dominar-se

Nas repreensões e punições, um Irmão deve sempre conservar a alma em paz e dominar seus ímpetos para não agir com paixão e irritação. Castigar um menino por incitamento de ira não é correção, mas pura vingança; impostos com calma e discrição, os castigos surtem efeito e são bem recebidos. É até mesmo preciso evitar punir um aluno por impulso da emoção. Se punimos, movidos pela emoção, os alunos percebem imediatamente que agimos por irritação e mágoa, e não guiados pela razão e pela amizade; em tal caso o mestre perde irremediavelmente a autoridade. Um Irmão não deve recear dizer a um menino: *“Hoje não o castigo porque estou zangado com você.”*

Guide (1853), p. 190.

Sobre as condições a serem apresentadas por um castigo

Todo e qualquer castigo para ser verdadeiramente benéfico aos meninos deve apresentar as seguintes condições: além de raramente imposto, o castigo deve ser justo [...] proporcional às faltas; [...] moderado; [...] tranquilo; [...] honesto; [...] livremente aceito; [...] respeitoso; [...] silencioso.

Guide (1853), p. 191-193.

Castigos corporais

Será que é com a palmatória que se educam as crianças e se inspira o amor à virtude? [...] É a razão, a religião que convencem a inteligência, levam o coração ao bem, e não os castigos. É de se estranhar que se use para educar os meninos um método que não se gostaria de ver usado nem para os animais. [...] Semelhantes recursos ofendem a dignidade da criança, tornando desprezível e odioso a quem os emprega; perturbam a escola, destroem os sentimentos de amor, estima, confiança e respeito mútuos que devem unir mestre e discípulos e frustram todos os cuidados dispensados ao educando.

Vida, p. 493.

Sobre a Expulsão

A expulsão ou exclusão da escola, sendo o último e mais terrível castigo, só poderá ocorrer quando esgotados todos os recursos. [...] Os meninos a serem excluídos são aqueles que se enquadram como licenciosos e prejudiciais aos outros, também os que têm hábito de furto e se mostram incorrigíveis, a menos que se trate de crianças cuja conduta pode ser mudada; aqueles que, por própria culpa, faltam às práticas religiosas. [...] Quando a exclusão for inevitável, os pais, quando possível, devem ser informados e ouvidos, para que retirem o filho sem mágoa, evitando-se, assim, consequências desagradáveis.

Guide (1853), p. 198; Guide (1932), p. 134-135.

5.5 SER SIMPLES

Em nossa atividade apostólica, testemunhamos a importância da simplicidade própria de nosso carisma. Nesse espírito, compartilhamos o que somos e o que temos, em particular nosso tempo.

C, n. 31.

5.6 SIMPLICIDADE, EXEMPLO E COERÊNCIA

O educador também deve tirar do fundo de sua alma as ideias verdadeiras, os sentimentos bons, nobres, virtuosos, tudo o que constitua a vida moral. Se tudo isto está apenas em sua boca e não em suas atitudes, não será mais do que um barulho vão, letra morta e não vida que gera vida.

ALS, XLI, p. 425.

5.7 HUMILDADE, SIMPLICIDADE, MODÉSTIA

A humildade é elemento fundamental no relacionamento, pois tem a ver com o conhecimento de si. Refere-se ao que nos define, ao conhecimento e à aceitação da verdade a nosso respeito, à honestidade consigo; mantém-nos livres de interesses pessoais, como também de qualquer desânimo. A simplicidade refere-se à maneira de viver nossa realidade. Dá-nos transparência que permite aos outros conhecer-nos, manter relações conosco, tais quais somos. No que se refere à modéstia, abrange o respeito que demonstramos para com outrem, por nossa vida baseada na verdade. Ao mesmo tempo que procuramos ser o que somos, procuramos respeitar os sentimentos e a sensibilidade alheios. A modéstia ajuda-nos a discernir o que é correto, em nossa maneira de ser perante os demais, tanto em palavras como em atos. Essas virtudes maristas “imprimem autenticidade e benevolência às nossas relações com os Irmãos e com aqueles com quem nos relacionamos”.

Ir. Ch. Howard (1991), p. 459, n. 8.

5.8 NOSSO ESPÍRITO DE FAMÍLIA

Vivemos nossa fraternidade inspirados no espírito de família do Fundador e dos primeiros irmãos, fazendo com que seu desejo em relação a nós se realize: “Amem-se uns aos outros como Jesus Cristo os amou. Que não haja entre vocês senão um só coração e um mesmo espírito”. Nossas comunidades, como a de La Valla, são lares que ajudam cada membro a centrar sua vida em Jesus e a crescer no amor fraterno. Assim, a comunidade marista vai se transformando num espaço de amizade, simplicidade, acolhida e vida evangélica a serviço da missão.

C, n. 36.

5.9 IRMÃOS E IRMÃS PARA OS JOVENS

O espírito de uma escola de Irmãos deve ser o espírito de família. Ora, numa boa família, numa família bem ordenada, dominam os sentimentos de respeito, de amor e de confiança recíproca e nunca o temor de castigos.

Vida, p. 494.

5.10 AMOR AO TRABALHO

O amor ao trabalho é uma das características distintivas de nossa vida e atuação educativa. Ele cresce em ti, à medida que recebes os seus frutos como um dom de Deus. Cuidado com o ativismo que esvazia a ação da sua motivação evangélica, e leva a buscar-te a ti mesmo em vez de Deus. Vive em harmonia o teu apostolado, a oração e a vida comunitária. Teu exemplo de vida equilibrada motivará também um sadio amor ao trabalho entre as crianças e os jovens que estão sob teus cuidados.

R, n. 86.

5.11 PRESENÇA DE DEUS

O Senhor Jesus vive na presença do Pai e seu Espírito o faz presente entre nós. Jesus se conscientiza de que é o Filho bem-amado e se retira com frequência para fortalecer esta relação (cf. Lc 5,16; Mc 6,31). Ele ora e ensina seus discípulos a orar (cf. Lc 11,2; Mt 6,515). Expressa em suas palavras e gestos aquilo que vai aprendendo de seu Pai (cf. Jo 12,49s).

Marcelino revive esta mesma experiência quando nas ruas de Paris se sentia como nos bosques de L'Hermitage (cf. Carta ao Ir. Hilarião, 18 de março de 1838).

Como Jesus e Marcelino, aprofunda a presença de Deus.

Sente-te amado por Ele pessoalmente e descobre sua companhia mantendo o centro de tua vida

R, n. 23.

5.12 EXEMPLO DE MARCELINO

O trabalho não era para ele um fardo. Desde pequeno trabalhou com gosto. Vi-mo-lo na casa paterna, exercitando-se em tudo e conseguindo sempre bons resultados.

Mais tarde a aptidão para esses diferentes ofícios tornou-se extremamente útil à Congregação, permitindo-lhe realizar pessoalmente, com o auxílio dos Irmãos, muitas tarefas que teriam ocasionado enormes despesas à comunidade, caso houvesse contratado mão de obra qualificada. A casa de La Valla foi feita por ele; a casa de L'Hermitage, em grande parte. As reformas, a mobília, os muros e o embelezamento da propriedade também foram obra sua.

Nem precisa dizer que se dedicava ao trabalho manual menos por prazer do que por necessidade e que essa era a menos relevante de suas ocupações. Dedicar-se ao estudo, instruir e formar os Irmãos, estar em dia com a correspondência, acompanhar todos os setores da administração do Instituto, visitar as escolas, elaborar, estudar e meditar as normas que pretendia dar à sua comunidade, atender a todas as classes de pessoas que vinham tratar de negócios com ele, entrevistar os Irmãos e postulantes para orientá-los em suas necessidades e na conduta pessoal; tais eram as tarefas que preenchiam seu dia, ou melhor, a vida inteira.

Em suas exortações, o Pe. Champagnat não cessava de estimular os Irmãos aos trabalhos e acostamá-los à fuga da ociosidade: “O trabalho é indispensável à saúde do corpo e à pureza da alma.”

Um Irmão deve capacitar-se para executar qualquer tarefa no Instituto [...].

Vida, p. 390-393.

Champagnat é certamente um dos homens mais abertos de sua época. Foi mesmo notável na luta contra muitos preconceitos comuns entre seus contemporâneos. Por exemplo, quanto ao trabalho manual, em 1817, os Vigários-Gerais de Lião emitem oficialmente, numa circular, sua opinião muito desfavorável a um padre que se dedica afoitamente a trabalhos manuais (fazendo deles sua ocupação principal, em detrimento do ministério sacerdotal).

É certo que o Padre Champagnat não cai no erro de deixar o apostolado para se entregar ao trabalho manual, mas também é certo que lhe dedicou longas horas e maculou muitas batinas ocupando-se de “afazeres aviltantes”, de que falam os Vigários-Gerais. E isto não o perturba. “Estou disposto a receber você como aprendiz, se quiser tornar-se meu aluno...”, disse o Padre Champagnat a um sacerdote que se identificava com o que proferiram os Vigários-Gerais sobre os trabalhos manuais (cf. *Vida*, p. 99).

Ir. B. Arbués (1976), p. 193.

5.13 PREPARAÇÃO DA AULA

Embora o ensino da religião represente a finalidade principal dos Irmãos e seja a prioridade de suas escolas, os outros conteúdos da instrução primária não devem ser negligenciados, e os Irmãos esforçar-se-ão para ministrá-los com muito cuidado e zelo,

pois é muito importante que o ensino nada deixe a desejar, tanto na qualidade quanto na orientação dos estudos, a fim de que os pais, que muito prezam os princípios religiosos, encontrem, em suas escolas, as vantagens que desejam para a instrução de seus filhos.

Guide (1853), p. 204.

5.14 DO JEITO DE MARIA

Maria, nosso Recurso Habitual, te ensina a ser apóstolo.

Encarna suas atitudes em tua vida e procura que ela seja conhecida e amada. Com tua forma de ser e de agir, ajudas a muitos a descobri-la e a vê-la como caminho para ir a Jesus. Atualizas, assim, nosso lema “Tudo a Jesus por Maria, tudo a Maria para Jesus” (Vida II, capítulo VII). Como [...] marista, és fermento na Igreja para visibilizar seu rosto mariano e torná-la mais participativa e profética. Não te canses de partilhar tua paixão por Deus e teu amor por Jesus, Maria e Marcelino. Dá testemunho de como o carisma marista inspira e impele tua presença evangelizadora no mundo.

R, n. 76.

5.15 MARIA E OS MARISTAS

“Maria partiu pressurosa às montanhas.” (Lc 1,39)

[...] Com todos os maristas, deixa-te inspirar pela visita de Maria à sua prima Isabel (cf. Lc 1,39-56). Contempla Maria, discípula, como nossa irmã na missão. Como Maria, vive atento mais às necessidades dos outros do que às tuas e parte depressa para anunciar a Boa Notícia aos deserdados e marginalizados, para convidá-los ao banquete do Reino (cf. Lc 1,53). Alegra-te com os que não se sentem dignos da atenção de ninguém, “Quem sou eu para que a mãe de meu Senhor venha me visitar? (Lc 1,43). Canta com eles a grandeza de Deus e proclama a salvação, “Minha alma proclama a grandeza do Senhor” (Lc 1,46).

R, n. 73.

5.16 MARIA, NOSSO RECURSO HABITUAL

Quando recomendava um problema a Maria, viesse o que viesse, não se perturbava e repetia, tranquilo e confiante: “Nada receiem; as aparências estão contra nós.

Maria, porém, vai dar um jeito; bem que ela sabe remover dificuldades, dirigir acontecimentos e revertê-los em nosso favor.” Só a ela, depois de Deus, queria ser devedor de tudo e de sua proteção tudo esperava. *Maria é nosso Recurso Habitual*, era sua expressão favorita. “Já sabem perfeitamente a quem nós devemos nos dirigir para conseguir esses favores: a nosso Recurso Habitual. Não tenhamos receio de recorrer demais a ela, pois é sem limites o seu poder, inesgotáveis sua bondade e seu tesouro de graças. Aliás, sendo nossa Mãe, Padroeira e Superiora, é responsável por nós, e contamos com ela. Esta comunidade é obra sua.”

O Lembrai-vos na neve

Em fevereiro de 1823, um Irmão de Bourg-Argental achava-se gravemente enfermo. O Pe. Champagnat não quis deixar seu filho morrer sem vê-lo mais uma vez e dar-lhe a bênção. O mau tempo e o chão recoberto de neve não impediram o Padre de sair a pé quando soube que o Irmão estava em perigo de vida. Depois de abençoá-lo e confortá-lo, tratou de voltar para La Valla. Os Irmãos tentaram dissuadi-lo, pois caíra muita neve, e o vento soprava com inusitada violência. Consultando apenas a coragem, o Padre julgou que não devia ceder aos rogos dos Irmãos e aos conselhos dos amigos. Logo se arrependeria.

Acompanhado pelo Ir. Estanislau, preferiu transpor as montanhas do Pilat. Tinham andado apenas duas horas quando se perderam. Não achando mais nem sinal de estrada, viram-se forçados a caminhar sem direção, ou melhor, sob a direção de Deus. Um vento violentíssimo lhes jogava a neve no rosto, de modo que nem sabiam se estavam indo ou voltando. Vaguearam por horas a fio, e o Irmão sentiu-se exausto. O Pe. Champagnat teve de tomá-lo pelo braço para conduzi-lo e não o deixar cair. Mas, dali a pouco, até ele, vencido pelo rigor do frio e sufocado pela neve, sentiu-se desfalecer e teve de parar. Falou ao Irmão: “Meu amigo, estamos perdidos se Maria não nos socorrer. Recorramos a ela e supliquemos-lhe que nos salve a vida em perigo neste mato e no meio da neve.” Isto dizendo, sentiu o Irmão escorregar-lhe da mão e cair desmaiado. Cheio de confiança, ajoelhou-se ao lado do Irmão, que parecia inanimado, e rezou o Lembrai-vos com sentido fervor.

Porém, finda a prece, procurou erguer o companheiro e fazê-lo andar. Não tinham andado dez passos quando vislumbraram, na escuridão da noite, uma luz bruxuleando a certa distância. Dirigiram-se para lá e deram com uma casa, onde pernoveram. Ambos estavam enregelados pelo frio, sobretudo o Irmão, que demorou a recuperar inteiramente os sentidos.

Muitas vezes o Pe. Champagnat afirmou que, se o socorro não tivesse chegado naquele exato momento, ambos estariam perdidos. A Santíssima Virgem os salvara de morte certa.

Vida, p. 322-324.

5.17 O LEMA DE MARCELINO CHAMPAGNAT

Vem de então o seu lema: “Tudo a Jesus por Maria, tudo a Maria para Jesus”, lema que lhe norteou o espírito e lhe foi norma de conduta durante a vida toda.

Vida, p. 313.

CAPÍTULO 6. EM NOSSAS OBRAS EDUCATIVAS

6.1 OS QUATRO PILARES DA EDUCAÇÃO

A educação ao longo de toda a vida baseia-se em quatro pilares: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver junto, aprender a ser.

Aprender a conhecer, combinando uma cultura geral, suficientemente vasta, com a possibilidade de trabalhar em profundidade um pequeno número de matérias. Também significa aprender a aprender, para se beneficiar das oportunidades oferecidas pela educação ao longo de toda a vida.

Aprender a fazer, a fim de adquirir não somente uma qualificação profissional, mas, de maneira mais ampla, competências que tornem a pessoa apta a enfrentar numerosas situações e a trabalhar em equipe.

Aprender a viver junto, desenvolvendo a compreensão do outro e a percepção de interdependências – realizar projetos junto e preparar-se para gerir conflitos – no respeito aos valores do pluralismo, da compreensão mútua e da paz.

Aprender a ser, para melhor desenvolver a personalidade e estar à altura de agir, a cada vez, com maior capacidade de autonomia, de discernimento e de responsabilidade pessoal.

Na altura em que os sistemas educativos formais tendem a privilegiar o acesso ao conhecimento, em detrimento das outras formas de aprendizagem, importa conceber a educação como um todo.

Delors, Educação, um tesouro a descobrir, p. 89-102.

6.2 MISSÃO DA EDUCAÇÃO CATÓLICA

A presença da Igreja no campo do ensino manifesta-se sobretudo por meio da escola católica. Na verdade, não menos que as outras, ela procura os fins culturais e a formação humana da juventude. É próprio dela criar um ambiente de comunidade escolar animado pelo espírito evangélico de liberdade e de caridade, ajudar os adolescentes para que, no desenvolvimento da própria pessoa, cresçam, ao mesmo tempo, segundo a nova criatura em que se tornaram pelo batismo e ordenar finalmente toda a cultura humana para a mensagem de salvação, de modo que seja iluminado pela fé o conhecimento que, gradualmente, os alunos adquirem do mundo, da vida e do homem. Assim, pois, a escola católica que se abre, como convém, ao progresso dos tempos educa os seus alunos para conseguirem eficazmente o bem-estar da cidade terrestre e os prepara para o serviço da difusão do reino de Deus, para que se tornem como que o fermento salutar da comunidade humana, pelo exercício duma vida exemplar e apostólica.

GE, n. 8.

Síntese entre fé e cultura

A escola católica, ajudando os alunos a realizar a síntese entre fé e cultura mediante o ensino, parte de uma concepção profunda do saber como tal; não pretende, de modo algum, desviar o ensino do objetivo que lhe é próprio na educação escolar. (38)

Finalidade das disciplinas

Nesse contexto, cultivam-se todas as disciplinas no respeito pleno do método peculiar de cada uma. Seria, portanto, errado considerar as disciplinas escolares como meras auxiliares da fé ou como meios utilizáveis para fins apologeticos. Elas dão a possibilidade de aprender técnicas, conhecimentos, métodos intelectuais, aptidões morais e sociais, que permitam ao aluno desenvolver a sua personalidade e inserir-se como membro ativo na comunidade humana. Com efeito, apresentam não só um saber a adquirir, mas também valores que devem ser assimilados e, especialmente, virtudes a descobrir. (39)

O ensino como busca da verdade

À luz dessa concepção global da missão educativa da escola católica, o mestre encontra-se nas melhores condições para iniciar o aluno no aprofundamento da fé e para permitir-lhe simultaneamente enriquecer e iluminar o saber humano com os dados da fé. O ensino proporciona numerosas ocasiões para elevar o aluno a visões de fé; mas, para além dessas circunstâncias, o educador cristão sabe descobrir o contributo válido que as disciplinas escolares podem proporcionar para o desenvolvimento da personalidade cristã. Ele pode formar o espírito e o coração dos alunos e dispô-los a aderir a

Cristo de modo pessoal e total, até pelo enriquecimento que a cultura proporciona à pessoa. (40)

... em busca da Verdade Eterna

O mestre, preparado na própria disciplina e possuidor também de sabedoria cristã, transmite ao aluno o sentido daquilo que ensina e leva-o, para além das palavras, ao coração da verdade total. (41)

... e dos valores absolutos

O patrimônio cultural da humanidade compreende outros valores para além do âmbito específico do verdadeiro. Quando o mestre ajuda o aluno a captar, apreciar e assimilar tais valores, orienta-o progressivamente para as realidades eternas. Tal dinamismo, na direção da sua fonte incriada, explica a importância do ensino para o crescimento da fé. (42)

Importância do educador cristão

Dependerá muito da capacidade dos mestres que o ensino chegue a ser uma escola da fé, ou seja, uma transmissão da mensagem cristã. A síntese entre cultura e fé passa pela outra síntese, entre fé e vida, na pessoa dos educadores. A nobreza da tarefa a que são chamados reclama que, à imitação do único Mestre Cristo, revelem o mistério cristão não só com a palavra, mas também em cada um dos seus gestos e com o seu comportamento. Compreende-se, assim, a diferença fundamental que existe entre uma escola em que o ensino está impregnado de espírito cristão e uma escola que se limita a juntar a religião às outras matérias escolares. (43)

Congregação para a Educação Católica, A escola católica, p. 38-43.

Boa parte da atividade educativa tende a assegurar a colaboração do aluno, que permanece imprescindível, dada a sua posição de protagonista no processo educativo. Uma vez que a pessoa humana foi criada inteligente e livre, não é possível conceber uma verdadeira educação sem a colaboração decisiva do sujeito da própria educação, o qual age e reage com a sua inteligência, liberdade, vontade e com a sua complexa esfera emotiva. Por conseguinte, o processo educativo não caminha se o aluno não se move. Os educadores especializados conhecem as causas das “blocagens” juvenis. São causas de ordem psicológica e teológica, não separáveis da culpa original.

Congregação para a Educação Católica, Dimensão religiosa da educação, n. 105.

O ser humano se faz de tal maneira que não se realiza, não se desenvolve nem pode encontrar a sua plenitude “a não ser por um sincero dom de si mesmo” (GS, n. 24) aos outros. Ele não chega a reconhecer completamente a sua própria verdade, senão no encontro com os outros: “Só me comunico realmente comigo mesmo, à medida que me comunico com o outro”. Isso explica por que ninguém pode experimentar o valor de viver sem rostos concretos a quem amar. Aqui está um segredo da existência humana autêntica, já que “a vida subsiste onde há vínculo, comunhão, fraternidade; e é uma vida mais forte do que a morte, quando se constrói sobre verdadeiras relações e vínculos de fidelidade. Pelo contrário, não há vida quando se tem a pretensão de pertencer apenas a si mesmo e de viver como ilhas: nessas atitudes, prevalece a morte”.

FT, n. 87.

6.3 PROJETO EDUCATIVO MARISTA

As obras educativas maristas oferecem à sociedade um projeto educativo inovador e inclusivo que ajuda os jovens a crescerem como “bons cristãos e honestos cidadãos”. Esse projeto harmoniza fé, cultura e vida, apresentando o saber como um compromisso de serviço e a cultura como um meio de comunhão entre as pessoas. Nossas obras educativas, abertas a toda família que aceita nosso projeto educativo, promovem o diálogo entre pessoas de diferentes culturas e crenças

58.1 Nossos documentos *Missão Educativa Marista* e *Evangelizadores entre os Jovens* desenvolvem e atualizam o espírito, as metas e os itinerários de nosso projeto educativo e evangelizador.

58.2 Ajudamos os jovens a desenvolver capacidades de reflexão e discernimento, para crescerem como pessoas comprometidas e sensíveis frente aos novos desafios que vive nosso mundo. Para fornecer-lhes respostas, nossos programas educativos e evangelizadores promovem principalmente: o cultivo da interioridade, o desenvolvimento da espiritualidade, a busca do sentido da vida, o compromisso com a solidariedade, a justiça, a paz e o cuidado com a criação.

C, n. 58.

Cuidar para que, nos projetos educativos, as escolas e as obras maristas destaquem os seguintes aspectos: a) o espírito de família e de fraternidade como uma alternativa ao individualismo; b) a harmonia entre fé, cultura e vida; c) a abertura a todos, assim como o diálogo pluricultural e inter-religioso; d) a luta contra a pobreza e situações de injustiça; e) a educação para a justiça, a paz e a solidariedade; e f) a formação de pessoas livres, justas e comprometidas na transformação da sociedade.

CG XX. “*Mensagem. Às unidades administrativas*”, n. 11.

Características do projeto educativo

Trata-se dum projeto global “caracterizado”, que tem a finalidade de conseguir objetivos peculiares por realizar com a colaboração de todos os seus componentes.

Concretamente, o projeto configura-se como um quadro de referência que:

- define a identidade da escola, explicitando os valores evangélicos nos quais ela se inspira;
- precisa os objetivos no plano educativo, cultural e didático;
- delinea a organização e o funcionamento;
- prevê algumas partes fixas, predefinidas para cada componente profissional (gestores e docentes); algumas partes a administrar juntamente com os estudantes; e alguns âmbitos confiados à livre iniciativa dos pais e dos estudantes;
- indica os instrumentos de verificação e de avaliação. (100)

Uma atenta consideração será reservada, especialmente, à exposição de alguns critérios gerais, que deverão inspirar e tornar homogêneo todo o projeto educativo, harmonizando as suas opções culturais, didáticas, sociais, civis e políticas:

- a) A fidelidade ao Evangelho anunciado pela Igreja. A ação da escola católica situa-se, antes de mais nada, no interior da missão evangelizadora da Igreja, inserindo-se ativamente no contexto eclesial do país em que atua e na vida da comunidade cristã local.
- b) O rigor da investigação cultural e da função crítica, no respeito à justa autonomia das leis e dos métodos de investigação de cada uma das disciplinas, orientadas para a formação integral da pessoa.
- c) A gradualidade e a adaptação da proposta educativa às diversas situações dos indivíduos e das famílias.
- d) A corresponsabilidade eclesial. Sendo a comunidade educativa o centro responsável de toda a experiência educativa e cultural, o projeto deverá nascer do confronto com a comunidade eclesial nas formas de empenhamento consideradas oportunas.
- e) O projeto educativo distingue-se, portanto, nitidamente, quer do regulamento interno, quer da programação didática, quer duma apresentação genérica de intenções. (101)

Ao final do período, educadores, alunos e famílias verificarão se as previsões foram respeitadas. Caso contrário, procurar-se-ão responsabilidades e remédios. (102)

*Congregação para a Educação Católica,
Dimensão religiosa da educação, n. 24, p. 100-102.*

6.4 APRENDIZAGEM

A principal finalidade da instrução não é preencher a mente dos meninos com conhecimentos úteis, mas fornecer-lhes os meios para adquiri-los. Para isso, é necessário desenvolver, dirigir e cultivar suas faculdades intelectuais, a fim de que os meninos, durante a sua vida inteira, possam delas tirar todos os proveitos possíveis. Mas, entre as faculdades, aquela que deve ser formada e cultivada, acima de todas as outras, é o juízo ou discernimento. Esse é um dos grandes objetivos da instrução e da educação.

Guide (1932), p. 221.

6.5 ENCORAJANDO OS ESFORÇOS DO EDUCANDO

Para que uma escola prospere e o ensino seja bom, é preciso que o esforço dos alunos acompanhe a ação do mestre, porquanto aquilo que o mestre faz pessoalmente, por seu devotamento e suas lições, é pouco. Mas o que ele faz os alunos praticarem, por meio do estudo, da aplicação, do trabalho, é tudo. O importante será, pois, alcançar a espontânea colaboração dos educandos. Para obtê-la mais facilmente, o Pe. Champagnat apontava a emulação como meio seguro e eficaz. Queria que os Irmãos fizessem de tudo para estabelecê-la e conservá-la.

Vida, p. 485-486.

6.6 BONS EFEITOS DAS RECOMPENSAS

As recompensas, quaisquer que sejam seus valores, produzem os mais felizes resultados; conquistam o coração dos meninos, afeiçoam-nos à escola, tornam-lhes fácil e agradável o trabalho e sustentam sua aplicação ao estudo. Tais recompensas, por mais insignificantes que sejam, sempre produzem no coração impressão vívida e profunda e levam os meninos a cumprirem com coragem, e até mesmo com alegria, os seus deveres. O estudo não constitui um atrativo natural para os meninos, porquanto não vislumbram os benefícios da instrução. Mas, propondo-lhes prêmios, transformam seus estudos em ocupações agradáveis, suas lições e deveres em atividades lúdicas.

Guide (1932), p. 291-292.

6.7 DIMENSÃO RELIGIOSA DA CULTURA ESCOLAR

O crescimento do cristão segue harmonicamente o ritmo do progresso escolar. Com o passar dos anos, na escola católica impõe-se, como exigência crescente, a coor-

denação entre cultura humana e fé. Nessa escola, a cultura humana permanece cultura humana, exposta com objetividade científica. Contudo, o professor e o aluno crentes oferecem e recebem criticamente a cultura sem a separar da fé. Se isso acontecesse, seria um empobrecimento espiritual. A coordenação entre universo cultural humano e universo religioso realiza-se na inteligência e na consciência do mesmo homem-crente. Os pontos de encontro, a individuar na pessoa humana, protagonista da cultura e sujeito da religião, quando se procuram, encontram-se. Encontrá-los não é da competência exclusiva do ensino religioso; a ele é dedicado um tempo limitado. As outras matérias de ensino dispõem de muitas horas por dia. Todos os professores têm o dever de agir concordemente. Cada um ensinará o seu programa com competência científica, mas, no momento próprio, deve saber ajudar os alunos a olhar além do horizonte limitado das realidades humanas. Na escola católica e, analogamente, em todas as escolas, Deus não pode ser o grande-ausente ou um intruso mal-recebido. O Criador do universo não dificulta o trabalho de quem quer conhecer o universo, que a fé ilumina com um sentido novo. (51)

“Desafios” à fé

A escola católica secundária reservará um cuidado atento aos “desafios” que a cultura coloca à fé. Os estudantes serão ajudados a conseguir aquela síntese de fé e de cultura que é necessária para a maturação do crente, que deve ser ajudado a individualizar e a recusar criticamente os “desvalores” culturais que são um atentado contra a pessoa e, por isso, contrários ao Evangelho. (52)

Fé que ilumina a cultura

É indispensável ter presente neste campo que a fé, não se identificando com nenhuma cultura e sendo independente em relação a todas as culturas, é chamada a inspirar todas elas: “Uma fé que não se torna cultura é uma fé não plenamente recebida, não inteiramente pensada, não fielmente vivida”. (53)

Natureza e dimensão religiosa

Os programas e reformas escolares de numerosos países reservam um espaço crescente ao ensino científico e tecnológico. A esse ensino não pode faltar a dimensão religiosa. Os alunos devem ser ajudados a compreender que o mundo da ciência da natureza e as tecnologias relativas pertencem ao universo criado por Deus. Tal compreensão aumenta o gosto pela investigação. (54)

Estudo do homem

A escola católica deve empenhar-se em superar a fragmentação e a insuficiência dos programas. Os professores de Etnologia, Biologia, Psicologia, Sociologia e Filoso-

fia têm ocasião de delinear uma visão unitária do homem, necessitado de redenção, e de inserir nela a dimensão religiosa. (55)

Congregação para a Educação Católica, Dimensão religiosa da educação, p. 51-55.

6.8 CULTURA DO DIÁLOGO

11. A vocação à solidariedade convida as pessoas do século XXI a confrontarem-se com os desafios da convivência multicultural. Nas sociedades globais convivem diariamente cidadãos de tradições, culturas, religiões e concepções de mundo diferentes, e daí surgem muitas vezes incompreensões e conflitos. Em tais circunstâncias, as religiões são frequentemente consideradas estruturas de princípios e valores monolíticos, intransigentes, incapazes de conduzir a humanidade à sociedade global. A Igreja Católica, pelo seu lado, “nada rejeita do que nessas religiões existe de verdadeiro e santo”, e é seu dever “anunciar a cruz de Cristo como sinal do amor universal de Deus e como fonte de toda a graça”.

Está igualmente convencida de que, na verdade, as dificuldades geralmente são o resultado de uma ausência de educação para o humanismo solidário, baseada na formação da cultura do diálogo.

12. A cultura do diálogo não significa simplesmente conversar para se conhecer, de modo a facilitar o encontro entre cidadãos de diferentes culturas. Mas o autêntico diálogo ocorre num quadro ético de requisitos e atitudes formativas, bem como de objetivos sociais. Os requisitos éticos para dialogar são a liberdade e a igualdade: os participantes do diálogo devem estar livres de seus interesses contingentes e estar dispostos a reconhecer a dignidade de todos os interlocutores. Esses comportamentos são baseados na coerência com o próprio universo de valores. Isso se traduz na intenção geral de conciliar as ações com as declarações, isto é, de associar os princípios éticos anunciados (por exemplo paz, igualdade, respeito, democracia...) com as escolhas sociais e civis realizadas. Trata-se de uma “gramática do diálogo”, como indicado pelo Papa Francisco, capaz de “construir pontes e [...] encontrar respostas para os desafios do nosso tempo”.

Congregação para a Educação Católica, Educar ao humanismo solidário, n. 11 e 12.

6.9 EDUCAR PARA O SERVIÇO

Várias vozes pedem uma educação que supere as armadilhas dos processos de massificação cultural, os quais produzem os efeitos nocivos do nivelamento e, com isso, da manipulação consumista. O surgimento de redes de cooperação no âmbito da edu-

cação para o humanismo solidário pode contribuir para a superação de tais desafios, porque oferece descentralização e especialização. Numa perspectiva de subsidiariedade educativa, tanto a nível nacional como internacional, favorece-se a partilha de responsabilidades e experiências, indispensável para poder otimizar os recursos e evitar os riscos. De tal modo, cria-se uma rede não somente de pesquisa, mas, sobretudo, de serviços nos quais prevalecem a ajuda recíproca e a partilha das novas descobertas, “permutando temporariamente os professores e promovendo tudo quanto favoreça uma maior ajuda mútua”.

Congregação para a Educação Católica, Educar ao humanismo solidário, n. 27.

6.10 MEIOS DE COMUNICAÇÃO

O caminho que hoje se privilegia para a criação e a transmissão da cultura é o dos instrumentos da comunicação social. Também o mundo dos meios de comunicação, na sequência do acelerado progresso das inovações e da influência, ao mesmo tempo planetária e capilar, sobre a formação da mentalidade e do costume, constitui uma nova fronteira da missão da Igreja.

No uso e na recepção dos instrumentos de comunicação, tornam-se urgentes tanto uma ação educativa em ordem ao sentido crítico, animado de paixão pela verdade, como uma ação de defesa da liberdade, do respeito pela dignidade pessoal, da elevação da autêntica cultura dos povos, com a recusa, firme e corajosa, de toda a forma de monopolização e de manipulação.

CL, n. 44.

6.11 ABERTOS ÀS OUTRAS CONFISSÕES CRISTÃS

Os filhos de protestantes e adeptos de outras seitas poderão ser admitidos na escola, mas sob a condição explícita de assumirem o regulamento comum da classe e de não divergirem dos católicos em relação às práticas realizadas no interior da escola. Assistirão ao catecismo, sem, todavia, serem obrigados a decorá-lo e a recitá-lo, a menos que queiram fazê-lo. Quanto à missa, não serão obrigados a assistir a ela, caso seus pais se oponham; nesse caso, será permitida sua entrada na escola após a volta da missa, ficando, porém, nesse tempo, sob os cuidados e responsabilidade dos pais; quanto à confissão, nada há que os obrigue à sua prática.

Guide (1932), p. 153-154.

6.12 ESCOLA CATÓLICA E PLURALISMO ESCOLAR

Dada a situação que se criou em várias partes do mundo, a escola católica acolhe cada vez mais uma população escolar de fé e ideologias diversas. Torna-se inadiável a necessidade de esclarecer a dialética a instaurar entre o momento cultural propriamente dito e o desenvolvimento da dimensão religiosa. Esse é um momento ineludível, e permanece a tarefa específica de todos os cristãos empenhados nas instituições educativas.

Em tais situações, porém, não será sempre fácil ou possível conduzir avante o discurso da evangelização; dever-se-á então ter em vista a pré-evangelização, isto é, a abertura ao sentido religioso da vida. Isso comporta uma individualização e aprofundamento de elementos positivos do como e do conteúdo do processo formativo específico.

A transmissão da cultura deve estar atenta inicialmente à consecução dos próprios fins e a potenciar todas as dimensões que tornam o homem humano e, em particular, a dimensão religiosa e o emergir da exigência ética.

Congregação para a Educação Católica, Dimensão religiosa da educação, n. 108.

6.13 DIÁLOGO COM ESTUDANTES SOBRE A FÉ

Um modo eficaz para sintonizar-se com os alunos é falar com eles e deixá-los falar. Na atmosfera de confiança e cordialidade, poderá aflorar um certo número de questões, diversas, segundo os lugares e as idades, mas com tendência a se tornarem cada vez mais universais e precoces. São, para os jovens, questões sérias, que dificultam um estudo sereno da fé. O professor responderá, com paciência e humildade, sem declarações peremptórias, que correm o risco de serem contraditas.

Congregação para a Educação Católica, Dimensão religiosa da educação, n. 72.

6.14 INSERÇÃO DA ESCOLA CATÓLICA NA IGREJA LOCAL

Sejam fomentadas as várias formas de apostolado e, em toda a diocese e em cada uma das suas regiões, a coordenação e a íntima união de todas as obras de apostolado, sob a direção do Bispo, para que todas as iniciativas e instituições catequéticas, missionárias, caritativas, sociais, familiares, escolares ou de qualquer outra espécie, destinadas a um fim pastoral, trabalhem em harmonia umas com as outras, o que fará resplandecer mais a unidade da diocese. Isso é manifestamente indispensável para a escola católica, que goza da “cooperação apostólica de ambos os cleros, dos religiosos e dos leigos”.

Congregação para a Educação Católica, A escola católica, n. 72.

Vós sois instrumentos decisivos para a proclamação nas escolas do Evangelho de Cristo. [...] Podemos, portanto, afirmar que nossas escolas são *comunidades missionárias*. [...] A atividade educacional específica da escola católica deve integrar-se no ministério da pastoral de conjunto da Igreja local, ajudando os alunos a tomar parte na vida da comunidade paroquial e diocesana e habilitando-os a estarem presentes, tanto quanto possível, nos vários organismos da Igreja. Por outro lado, a paróquia e a diocese considerariam as escolas católicas como parte integrante da comunidade eclesial e as assistiriam, desenvolvendo sua própria contribuição na educação e na formação.

*Congregação para a Educação Católica,
O apostolado do ensino religioso nas escolas católicas, n. 7.*

6.15 ACOLHIDA DOS ESTUDANTES MAIS VULNERÁVEIS

[...] Sendo a educação um meio eficaz de progresso social e econômico do indivíduo, se a escola católica dedicasse os seus cuidados exclusiva ou preferentemente aos membros de algumas classes sociais mais abastadas, contribuiria para consolidar a vantagem da sua posição em relação a outras e favoreceria uma ordem social injusta.

Congregação para a Educação Católica, A escola católica, n. 58.

Aprender a viver junto

A história humana foi sempre conflitiva. Mas novos elementos acentuam o risco e o extraordinário potencial de autodestruição criado pela humanidade ao longo do século XX. A opinião pública, por meio da mídia, torna-se o observador impotente, para não dizer o refém, dos que criam ou fomentam os conflitos. Até agora, a educação não fez muito para modificar esse estado de coisas. É possível conceber uma educação que permita evitar os conflitos ou resolvê-los de maneira pacífica, desenvolvendo o conhecimento dos outros, de sua cultura e de sua espiritualidade?

A educação deve, pois, tornar possíveis – ao que parece – duas vias complementares. Em primeiro lugar, a descoberta progressiva do outro. Em segundo lugar e ao longo de toda a vida, o compromisso em projetos comuns, o que parece um método eficaz para resolver ou evitar conflitos latentes.

Descobrendo o outro

A educação tem como missão ensinar simultaneamente a diversidade da espécie humana e a consciência das semelhanças e da independência entre todos os seres hu-

manos do planeta. A escola deve, pois, aproveitar todas as ocasiões desse duplo ensino, desde a infância, as línguas e as literaturas estrangeiras, mais tarde. [...]

Enfim, a forma mesma do ensino não deve visar diretamente a esse reconhecimento do outro. Os professores que, à força de dogmatismos, matam a curiosidade ou o espírito crítico, em lugar de treinar os alunos para isso, podem ser mais prejudiciais do que úteis. Esquecendo que se apresentam como modelos, correm, por suas atitudes, o risco de enfraquecer, para sempre, em seus alunos, a capacidade de se abrir à alteridade e de afrontar as inevitáveis tensões entre pessoas, grupos e nações. O confronto pelo diálogo e o intercâmbio de argumentos são um instrumento necessário à educação do século XXI.

Tender a objetivos comuns

Quando se trabalha em conjunto sobre projetos motivadores e fora do habitual, as diferenças e até mesmo os conflitos interindividuais tendem a reduzir-se, chegando a desaparecer em alguns casos. Uma nova forma de identificação nasce desses projetos, que fazem com que se ultrapassem as rotinas individuais, valorizando aquilo que é comum, e não as diferenças. Graças à prática do desporto, por exemplo, quantas tensões entre classes sociais ou nacionalidades se transformaram, afinal, em solidariedade, através de experiência e do prazer do esforço comum!

Delors, Educação: um tesouro a descobrir, p. 98-99.

6.16 SOLIDARIEDADE, UM IMPERATIVO MORAL

Solidariedade não é sentimento vago de compaixão ou tristeza barata, mas determinação firme e perseverante de comprometer-se com o bem comum. É atitude na qual o mais influente se sente responsável pelo mais fraco, e o mais fraco faz o que pode para o bem de todos.

A solidariedade é o caminho da paz. A interdependência requer o abandono de blocos, o sacrifício de todas as formas de imperialismo econômico, militar ou político, a mudança da desconfiança para a colaboração. A solidariedade é a virtude cristã de nosso tempo.

Ir. Ch. Howard (1990a), p. 266.

6.17 IMPACTO DAS TECNOLOGIAS

[...] Gostaria de refletir convosco acerca de três desafios que considero importantes a este propósito: a mudança das condições de vida do homem no mundo tecnoló-

gico; o impacto das novas tecnologias na própria definição de “homem” e de “relação”, com particular referência à condição dos sujeitos mais vulneráveis; o conceito de “conhecimento” e as consequências que dele derivam.

Primeiro desafio: a mudança das condições de vida do homem no mundo da técnica. Sabemos que é próprio do homem agir no mundo de forma tecnológica, transformando o ambiente e melhorando as condições de vida. Bento XVI recordou-o quando disse que a tecnologia “dá resposta à própria vocação do trabalho humano” e que “na técnica, considerada como obra do gênio pessoal, o homem reconhece-se a si mesmo e realiza a própria humanidade”. Por conseguinte, ela ajuda-nos a compreender cada vez melhor o valor e as potencialidades da inteligência humana e, ao mesmo tempo, fala-nos da grande responsabilidade que temos em relação à criação. No passado, a ligação entre culturas, atividades sociais e meio ambiente, graças a interações menos densas e com efeitos mais lentos, era menos impactante. Hoje, contudo, o rápido desenvolvimento dos meios técnicos torna a interdependência entre o homem e a “casa comum” mais intensa e evidente, como São Paulo VI já reconheceu na *Populorum Progressio*. Aliás, a força e a aceleração das intervenções é tal que produz mudanças significativas – porque existe uma aceleração geométrica, não matemática – tanto no meio ambiente como nas condições de vida do homem, com efeitos e desenvolvimentos nem sempre claros e previsíveis. Isso é demonstrado por várias crises, da pandemia à crise energética, da crise climática à migratória, cujas consequências se repercutem umas sobre as outras, amplificando-se reciprocamente. Um saudável desenvolvimento tecnológico não pode deixar de ter em conta esses complexos entrelaçamentos.

Segundo desafio: o impacto das novas tecnologias na definição de “homem” e de “relação”, especialmente no que diz respeito à condição dos sujeitos vulneráveis. É evidente que a forma tecnológica da experiência humana se tornar cada vez mais pervasiva: nas distinções entre “natural” e “artificial”, “biológico” e “tecnológico”, os critérios com os quais discernir o que é próprio do humano e da técnica tornam-se cada vez mais difíceis. Por conseguinte, é importante uma reflexão séria sobre o valor do homem. Em particular, é preciso reiterar a importância do conceito de consciência pessoal como experiência relacional, que não pode prescindir nem da corporeidade nem da cultura. Por outras palavras, na rede das relações, tanto subjetivas como comunitárias, a tecnologia não pode suplantar o contato humano, o virtual não pode substituir o real, nem as redes sociais, o âmbito social. Somos tentados a fazer prevalecer o virtual sobre o real: essa é uma péssima tentação. Também no âmbito dos processos de investigação científica, a relação entre pessoa e comunidade assinala implicações éticas cada vez mais complexas. Por exemplo, no setor da saúde, em que a qualidade da informação e da assistência ao indivíduo depende em grande medida da recolha e do estudo dos dados disponíveis. Aqui deve ser abordado o problema de combinar a confidencialidade dos dados da pessoa com a partilha das informações que lhe dizem respeito no interesse de todos. De fato,

seria egoísta pedir para ser tratado com os melhores recursos e competências dos quais a sociedade dispõe sem contribuir para os aumentar. Mais em geral, penso na urgência de que a distribuição dos recursos e o acesso aos tratamentos beneficiem a todos, para que sejam reduzidas as desigualdades e seja garantido o apoio necessário especialmente para os sujeitos mais frágeis, como as pessoas deficientes, doentes e pobres.

Por isso, é necessário vigiar sobre a velocidade das transformações, sobre a interação entre as mudanças e sobre a possibilidade de garantir o seu equilíbrio total. Não é certo que tal equilíbrio seja igual nas diversas culturas, como, ao contrário, parece presumir a perspectiva tecnológica quando se impõe como linguagem e cultura universal e homogênea – esse é um erro; aliás, o compromisso deve “procurar que cada um cresça com o seu estilo peculiar, desenvolvendo as suas capacidades de inovar a partir dos valores da sua própria cultura”.

Terceiro desafio: a definição do conceito de conhecimento e as consequências que dele derivam. Todos os elementos considerados até agora levam-nos a questionar-nos sobre os nossos modos de conhecer, cientes do facto de que o tipo de conhecimento que implementarmos já tem implicações morais. É, por exemplo, redutivo procurar a explicação dos fenómenos apenas nas características de cada um dos elementos que os compõem. São necessários modelos mais articulados, que considerem o entrelaçamento das relações pelas quais os acontecimentos individuais são permeados. É paradoxal, por exemplo, referindo-se a tecnologias de potenciação das funções biológicas de um sujeito, falar de homem “aumentado” se se esquecer que o corpo humano se refere ao bem integral da pessoa e, portanto, que não pode ser identificado apenas com o organismo biológico. Uma abordagem errada nesse campo acaba, na realidade, não por “aumentar”, mas por “comprimir” o homem. Na *Evangelii Gaudium* e, especialmente, na *Laudato Si'*, realcei a importância de um conhecimento à medida do homem, orgânico, por exemplo, sublinhando que “o todo é superior às partes” e que “no mundo tudo está estreitamente interligado”. Considero que tais temáticas possam fomentar uma renovada forma de pensar, inclusive no âmbito teológico; com efeito, é bom que a teologia prossiga na superação de abordagens eminentemente apoloéticas, a fim de contribuir para a definição de um novo humanismo e favorecer a recíproca escuta e a mútua compreensão entre ciência, tecnologia e sociedade. De fato, a falta de um diálogo construtivo entre essas realidades empobrece a confiança mútua que está na base de qualquer convivência humana e de todas as formas de “amizade social”. Gostaria de mencionar também a importância da contribuição que oferece para tal finalidade o diálogo entre as grandes tradições religiosas. Elas possuem uma sabedoria secular, que pode ajudar nesses processos. Demonstrastes que sabeis captar o seu valor, por exemplo, promovendo, inclusive em tempos recentes, encontros inter-religiosos sobre os temas do “fim da vida” e da inteligência artificial.

Papa Francisco, Discurso aos membros da Pontifícia Academia para a Vida.

6.18 RESPEITO À DIVERSIDADE

Uma educação humanizada, portanto, não se limita a fornecer um serviço de formação, mas cuida dos seus resultados no quadro geral das capacidades pessoais, morais e sociais dos participantes no processo educativo; não pede simplesmente ao professor para ensinar e ao aluno para aprender, mas exorta cada um a viver, estudar e agir de acordo com as premissas do humanismo solidário; não prevê espaços de divisão e contraposição mas, pelo contrário, oferece lugares de encontro e debate para realizar projetos educativos válidos; trata-se de uma educação, ao mesmo tempo, sólida e aberta, que derruba os muros da exclusividade, promovendo a riqueza e a diversidade dos talentos individuais e expandindo o perímetro da própria sala de aula a cada âmbito da experiência social em que a educação pode gerar solidariedade, partilha, comunhão.

Congregação para a Educação Católica, Educar ao humanismo solidário, n. 10.

Garantindo que nossas instituições sejam escolas que visem à educação de profetas, formem mulheres e homens que passam a trazer o Evangelho em seu coração e desenvolvam seu apostolado com um espírito de generosidade sem reservas, seremos testemunhas de valores contrários à cultura dominante. Desse modo, nossas instituições serão finalmente reconhecidas como lugares onde são acolhidas todas as crianças que venham bater à sua porta!

Ir. S. Sammon (2006), p. 90.

6.19 ESTRUTURAS DE PECADO

A esta análise genérica de ordem religiosa podem acrescentar-se algumas considerações particulares para observar que, entre as ações e as atitudes opostas à vontade de Deus e ao bem do próximo e as “estruturas” a que elas induzem, as mais características hoje parecem sobretudo duas: por um lado, há a avidez exclusiva do lucro; e, por outro lado, a sede do poder, com o objetivo de impor aos outros a própria vontade. A cada um destes comportamentos pode juntar-se, para os caracterizar melhor, a expressão: “a qualquer preço”. Em outras palavras, estamos diante da absolutização dos comportamentos humanos, com todas as consequências possíveis.

Obviamente que não são só os indivíduos que se tornam vítimas desta dúplice atitude de pecado; podem sê-lo também as nações e os blocos. E isto favorece ainda mais a introdução das “estruturas de pecado” de que falei. Se certas formas modernas de “imperialismo” se considerassem à luz destes critérios morais, descobrir-se-ia que por detrás de certas decisões, aparentemente inspiradas só pela economia e pela polí-

tica, se escondem verdadeiras formas de idolatria: do dinheiro, da ideologia, da classe e da tecnologia.

Quis introduzir aqui este tipo de análise sobretudo para indicar qual é a verdadeira natureza do mal, com a qual deparamos na questão do “desenvolvimento dos povos”: trata-se de um mal moral, fruto de muitos pecados, que produzem “estruturas de pecado”. Diagnosticar, assim, o mal leva a identificar exatamente, em nível de comportamento humano, o caminho a seguir para superá-lo.

SS, n. 37.

6.20 ENSINO SUPERIOR E UNIVERSIDADES

Os consagrados e consagradas manifestem, com delicado respeito e também com coragem missionária, que a fé em Jesus Cristo ilumina todo o campo da educação, não prejudicando, mas antes corroborando e elevando os próprios valores humanos. [...] Dada a importância que as Universidades e as Faculdades católicas e eclesiais assumem no campo da educação e da evangelização, os Institutos que possuem a sua direção estejam cientes da sua responsabilidade, fazendo com que nelas, ao mesmo tempo que se dialoga ativamente com o contexto cultural atual, se conserve a peculiar índole católica, na plena fidelidade ao Magistério da Igreja.

VC, n. 97.

6.21 MANTER NOSSAS ESCOLAS ABERTAS AOS POBRES

A igualdade deve ser a grande lei nas escolas dos Irmãos. Nelas não deverão existir preferências nem privilégios, nem consideração de *status* nem de qualidades exteriores. Ricos e pobres devem ser tratados segundo seu mérito, capacidade, virtude e condição individual. [...]

Procura-se conservar os ricos só para proporcionar ao pobre os meios de se instruir, porquanto na maioria das vezes, se não houvesse meninos abastados para garantir os recursos aos Irmãos, a escola não poderia sustentar-se.

Vida, p. 482-483.

6.22 ZELO CRIATIVO DE MARCELINO CHAMPAGNAT

Alma da casa, o Pe. Champagnat, que apoiava e dirigia os Irmãos e aconselhava os pais a lhes confiar os filhos, resolveu imprimir [um] desenvolvimento maior à escola.

Observando que uma única sala de aula era insuficiente para tantos alunos, abriu mais uma, o que lhe possibilitou separar os alunos, classificando-os de acordo com seu aproveitamento. Isso contribuiu muito para acelerar-lhes o progresso.

Outro problema, também grave, chamou-lhe a atenção. Vários pais não conseguiram que os filhos pernoitassem na casa dos Irmãos e alojavam-nos no povoado. Lá, porém, se transviavam por ficarem abandonados à própria sorte, após as aulas. Para resolver a situação, o Pe. Champagnat ampliou e restaurou o prédio escolar. Isto permitiu que os Irmãos recebessem e alojassem as crianças que antes eram acolhidas em casas particulares. Apresentaram-se também muitas crianças indigentes. Os Irmãos acolheram-nas com bondade e solicitude, e a comunidade, embora desprovida de maiores recursos, proveu todas as suas necessidades.

O Pe. Champagnat, que depositava em Deus confiança ilimitada, tomou a seu encargo vários meninos órfãos ou abandonados, deu-lhes instrução, alimentou-os, vestiu-os e, depois, colocou-os em famílias de confiança, continuando sempre a velar pelo seu comportamento, orientando-os e fazendo as vezes de pai. Neste primeiro ano, recebeu doze crianças pobres, às quais dava tudo.

O Pe. Champagnat não se contentou em exercitar os Irmãos na catequese escolar. Para inculcar-lhes o espírito apostólico e levá-los a compreender que a santificação das almas era a meta de sua vocação, resolveu enviá-los, dois a dois, aos domingos e outros dias, aos povoados da paróquia para darem catecismo aos camponeses.

Tendo chegado ao lugarejo indicado, ambos reuniam adultos e crianças num rancho ou em qualquer outro local conveniente. Começavam com a oração, entoavam um cântico, pediam a lição de catecismo aos jovens. Em seguida, por meio de perguntas breves e claras, desenvolviam as respostas e terminavam a instrução com algumas conclusões práticas e exemplos ilustrativos.

O bom Ir. Lourenço postulou por muito tempo o favor de ir desempenhar essa função na aldeola de Bessat. Visto que se tratava de missão penosa e difícil, para mecê-la foi-lhe preciso fazer muitos atos de zelo, abnegação e humildade. Situada no cimo do monte Pilat, distante duas léguas de La Valla, Bessat permanece coberta de neve pelo menos seis meses durante o ano. Nessa época, a povoação achava-se desprovida de sacerdote: em consequência, as crianças e até mesmo os adultos viviam em profunda ignorância.

O Ir. Lourenço, quando para lá se dirigia, levava os mantimentos necessários e toda quinta-feira vinha a La Valla para se animar no convívio com os Irmãos e abastecer-se com o indispensável. Hospedava-se na casa de um morador de Bessat. Preparava pessoalmente as refeições que consistiam numa sopa, feita de manhã para o dia inteiro,

algumas batatas e queijo. Duas vezes por dia, o bom Irmão percorria a aldeia tocando a campainha para reunir a criançada.

Vida, p. 70, 75-76.

A instrução das crianças, em geral, e em particular dos pobres órfãos, é o objetivo do nosso estabelecimento. Assim que terminarmos a casa de L'Hermitage e que pudermos utilizar uma boa captação de água, receberemos as crianças das casas de caridade; ensinar-lhes-emos um ofício, dando-lhes educação cristã. As que mostrarem pendor para a virtude e a ciência serão aproveitadas na casa.

Balko, Marcelino Champagnat: educador, p. 33.

6.23 ENTREGA GENEROSA PELO REINO

Todos nós, irmãos, nos entregamos generosamente pelo Reino, comprometidos em instituições educativas e em obras ou projetos a serviço das crianças e jovens, especialmente dos excluídos ou dos mais vulneráveis.

C, n. 56.

6.24 RESPONDER ÀS NECESSIDADES DOS JOVENS EM SITUAÇÃO DE RISCO

Comprometemo-nos a intensificar nossa presença entre as crianças e os jovens marginalizados nas “fronteiras” de nossa sociedade. Respondemos aos apelos urgentes dos jovens em situação de risco: meninos de rua, vítimas da droga ou da violência, analfabetos etc.

CG XIX, “Nossa missão”, n. 33.

6.25 ACOMPANHAR OS JOVENS

O acompanhamento tem duplo objetivo: o primeiro é ajudar o candidato a se conhecer e a reconhecer a presença de Deus em sua vida, a compreender o que Deus lhe pede; a descobrir, apreciar, assimilar os valores humanos e evangélicos e a agir de acordo com eles [...]. *O acompanhamento da pessoa* é feito sobretudo pela entrevista individual, com frequência regular, e pelo projeto de vida do candidato.

O acompanhamento do grupo (comunidade) faz-se principalmente pela qualidade de vida da comunidade: sua organização (projeto comunitário e sua avaliação), sua comunicação e notadamente por encontros regulares.

Instituto dos Irmãos Maristas, Guia da Formação, p. 143.

6.26 CULTIVO DAS VOCAÇÕES

Estamos convencidos da atualidade e validade de nossa missão no mundo. É possível e vale a pena ser Irmão Marista, hoje, e consagrar a isso toda a vida!

Estamos convencidos de que Deus nos quer Irmãos, Religiosos leigos, o mais possível presentes, de modo simples e acolhedor, especialmente entre as crianças e os jovens.

CG XIX, p. 14, n. 23, 26.

6.27 LÍDERES CRISTÃOS

A Igreja confia a vocês, jovens, a missão de proclamar ao mundo a alegria que brota do encontro com Cristo.

Caros jovens, deixem-se atrair por Cristo, aceitem seu convite e sejam seus seguidores. Acolham e propaguem a Boa Nova que redime (Mt 28,19); façam isso com alegria e tornem-se comunicadores da esperança num mundo que, frequentemente, é tentado de descrença, e comunicadores do amor nos acontecimentos diários que são, muitas vezes, marcados pela mentalidade de desenfreado egoísmo.

João Paulo II, Mensagem aos jovens e às jovens do mundo para o VIII Dia Mundial da Juventude.

6.28 A SOLIDARIEDADE SE EXPRESSA CONCRETAMENTE EM SERVIÇO

Nestes momentos em que tudo parece diluir-se e perder consistência, faz-nos bem invocar a solidez, que deriva do fato de nos sabermos responsáveis pela fragilidade dos outros na procura de um destino comum. A solidariedade manifesta-se concretamente no serviço, que pode assumir formas muito variadas de cuidar dos outros. O serviço é, “em grande parte, cuidar da fragilidade. Servir significa cuidar dos frágeis das nossas famílias, da nossa sociedade, do nosso povo”. Nessa tarefa, cada um é capaz “de pôr de lado as suas exigências, expectativas, desejos de onipotência, à vista concreta dos mais frágeis [...]”. O serviço fixa sempre o rosto do irmão, toca sua carne, sente sua proximidade e, em alguns casos, até ‘padece’ com ela e

procura a promoção do irmão. Por isso, o serviço nunca é ideológico, dado que não servimos ideias, mas pessoas”.

FT, n. 115.

6.29 LÍDERES MARISTAS SERVIDORES E PROFÉTICOS

Como vigilantes da história, buscamos uma compreensão profunda das situações enfrentadas pelo Instituto, pela Igreja, pelas sociedades e pelas pessoas. O XXII Capítulo Geral (2017) entendeu, com acerto, que essa tarefa requeria um estilo de liderança que fosse além das competências tradicionais ou dos modelos organizacionais de desempenho comumente conhecidos. Inerente à essência de um Instituto religioso e com as chaves de uma eclesiologia de comunhão, de uma Igreja em saída, a forma de expressar e viver a liderança se inspira em um modelo com características baseadas na fraternidade, no serviço e na profecia. Esses três valores são próprios da experiência de “ser irmão/irmã, em uma família – composta de religiosos, leigos e leigas – que compartilha a vivência do carisma marista e, ao mesmo tempo, que está unida a muitas pessoas de boa vontade, de diferentes opções religiosas ou existenciais. Não queremos eludir nem espiritualizar o que significa organizar, dirigir e administrar dentro dos imperativos legais ou trabalhistas nos quais o Instituto desenvolve sua missão, mas afirmar que isso pode ser feito com uma ênfase particular nas aspirações nobres que se enlaçam com nosso DNA e com nossa espiritualidade.

Instituto dos Irmãos Maristas, Vozes maristas, p. 29.

Deus da evolução, coração do mundo, motor da evolução, essência de toda energia, foco de energia última e universal. [...] Estas são algumas das invocações escritas em uma gravura do Coração de Jesus encontrada sobre a escrivadinha do Pe. Teilhard de Chardin SJ quando faleceu.

É como se Deus fosse uma dança de vida, amor e energia que se move pelo mundo, convidando a participar dela. E quantos mais se unirem à dança, mais pessoas se sentirão atraídas por ela.

Ir. E. Turú (2015), p. 3.

6.30 COMPREENSÕES INADEQUADAS DE UM AMOR UNIVERSAL

O amor que se estende para além das fronteiras está na base daquilo que chamamos “amizade social” em cada cidade ou em cada país. Se for genuína, essa amizade social dentro de uma sociedade é condição para possibilitar uma verdadeira abertura universal.

Não se trata daquele falso universalismo de quem precisa viajar constantemente, porque não suporta nem ama o próprio povo. Quem olha para sua gente com desprezo estabelece na própria sociedade categorias de primeira e segunda classe, de pessoas com mais ou menos dignidade e direitos. Desse modo, nega que haja espaço para todos.

Tampouco estou propondo um universalismo autoritário e abstrato, ditado ou planejado por alguns e apresentado como um suposto ideal com o propósito de homogeneizar, dominar e saquear. Há um modelo de globalização que “visa conscientemente uma uniformidade unidimensional e procura eliminar todas as diferenças e as tradições em uma busca superficial de unidade. (...) Se uma globalização pretende fazer a todos iguais, como se fosse uma esfera, tal globalização destrói a riqueza e a singularidade de cada pessoa e de cada povo”. Esse falso sonho universalista acaba privando o mundo da variedade das suas cores, da sua beleza e, em última análise, da sua humanidade. Com efeito, “o futuro não é ‘monocromático’, mas – se tivermos coragem para isso – podemos contemplá-lo na variedade e na diversidade das contribuições que cada um pode dar. Como a nossa família humana precisa aprender a viver conjuntamente, em harmonia e paz, sem necessidade de sermos todos iguais!”.

FT, n. 99, 100.

6.31 PRÓXIMOS DA REALIDADE E DA VIDA DAS PESSOAS

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens do nosso tempo, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo, e nada existe de verdadeiramente humano que não encontre eco em seu coração.

GS, n. 1.

6.32 APOIAR OS JOVENS

Converter o educando em sujeito não só de seu desenvolvimento, mas também posto a serviço do desenvolvimento da comunidade: educação para o serviço.

Puebla, n. 1030.

6.33 FORMAR OS JOVENS PARA QUE SEJAM “FERMENTO” EM SUA SOCIEDADE

A educação católica deve produzir os agentes da transformação permanente e orgânica que a sociedade da América Latina requer (*Medellin, 4, II, 8*) mediante uma formação cívica e política, inspirada na doutrina social da Igreja.

Puebla, n. 1033.

6.34 RIQUEZA DO VOLUNTARIADO

Um fenômeno importante do nosso tempo é a aparição e difusão de diversas formas de voluntariado, que se ocupam de uma pluralidade de serviços. Desejo, aqui, deixar uma palavra de particular apreço e gratidão a todos aqueles que participam, de diversas formas, dessas atividades. Tal empenho generalizado constitui, para os jovens, uma escola de vida que educa para a solidariedade e a disponibilidade a darem não simplesmente qualquer coisa, mas darem-se a si próprios. À anticultura da morte, que se exprime, por exemplo, na droga, contrapõe-se, assim, o amor que não procura o próprio interesse, mas que, precisamente na disponibilidade a “perder-se a si mesmo” pelo outro (cf. Lc 17,33 e paralelos), se revela como cultura da vida.

DC, n. 30b.

6.35 PROMOÇÃO E DEFESA DOS DIREITOS DAS INFÂNCIAS

A confiança que depositam em ti as crianças e os jovens que te foram confiados é um privilégio e uma grande responsabilidade. Honra essa confiança sendo respeitoso com cada um deles e protegendo sua vulnerabilidade de tudo quanto os possa prejudicar. Com outras pessoas e instituições, denuncia as estruturas que os oprimem. Defende seus direitos e dignidade, especialmente quando estejam em perigo.

R, n. 78.

A identidade cristã

A Igreja valoriza a ação de Deus nas outras religiões e “nada rejeita do que há de verdadeiro e santo nessas religiões. Considera com sincero respeito seus modos de agir e de viver, seus preceitos e suas doutrinas que [...] refletem, todavia, raios daquela verdade que ilumina todos os homens” (NA, n. 2). Todavia, como cristãos, não podemos esconder que, “se a música do Evangelho parar de vibrar nas nossas entranhas, perderemos a alegria que brota da compaixão, a ternura que nasce da confiança, a capacidade da reconciliação que encontra a sua fonte no fato de sabermos que sempre somos perdoados-enviados. Se a música do Evangelho deixar de tocar nas nossas casas, nas nossas praças, nos postos de trabalho, na política e na economia, teremos extinguido a melodia que nos desafiava a lutar pela dignidade de cada homem”. Outros bebem de outras fontes. Para nós, essa fonte de dignidade humana e fraternidade está no Evangelho de Jesus Cristo. Dele brota, “para o pensamento cristão e para a ação da Igreja, o primado reservado à relação, ao encontro com o mistério sagrado do outro, à comunhão universal com a humanidade inteira, como vocação de todos”.

FT, n. 277.

MENSAGEM FINAL: OLHAMOS ALÉM

M.1 ESPERANÇA

O seu coração sabe que a vida não é a mesma coisa sem Ele; pois bem, aquilo que descobriste, o que te ajuda a viver e te dá esperança, isso é o que deves comunicar aos outros. A nossa imperfeição não deve ser desculpa; pelo contrário, a missão é um estímulo constante para não nos acomodarmos na mediocridade, mas continuarmos a crescer. O testemunho de fé, que todo o cristão é chamado a oferecer, implica dizer como São Paulo: “Não que já o tenha alcançado ou já seja perfeito; mas corro para ver se o alcanço, [...] lançando-me para o que vem à frente” (Fl 3,12-13).

EG, n. 121.

É verdade que, na nossa relação com o mundo, somos convidados a dar a razão da nossa esperança, mas não como inimigos que apontam o dedo e condenam. A advertência é muito clara: fazei-o “com mansidão e respeito” (1Pd 3,16) e “tanto quanto for possível e de vós dependa, vivei em paz com todos os homens” (Rm 12,18). E somos incentivados também a vencer “o mal com o bem” (Rm 12,21), sem nos cansarmos de “fazer o bem” (Gl 6,9) e sem pretendermos aparecer como superiores, antes “considerai os outros superiores a vós próprios” (Fl 2,3).

EG, n. 271.

Estou convencido de que temos razões para a esperança. Embora em nossa impaciência gostaríamos de já desfrutar da luz e do calor do meio-dia, aceitamos com alegria poder participar pessoalmente de um momento histórico de parto. Assim se expressou o Papa João, de maneira até poética, no discurso já citado de inauguração do Concílio: “O Concílio, que agora começa, surge na Igreja como dia que promete a luz mais brilhante. Estamos apenas na aurora: mas já o primeiro anúncio do dia que nasce de tanta suavidade enche o nosso coração! Aqui tudo respira santidade, tudo leva a exultar!”.

Ir. E. Turú (2014), p. 7.

M.2 ALEGRIA

A centralidade do querigma requer certas características do anúncio que hoje são necessárias em toda a parte: que exprima o amor salvífico de Deus como prévio à obrigação moral e religiosa, que não imponha a verdade, mas faça apelo à liberdade; que seja pautado pela alegria, o estímulo, a vitalidade e uma integralidade harmoniosa que não reduza a pregação a poucas doutrinas, por vezes mais filosóficas que evangélicas. Isto exige do evangelizador certas atitudes que ajudam a acolher melhor o anúncio: proximidade, abertura ao diálogo, paciência, acolhimento cordial que não condena.

EG, n. 165.

Os desafios existem para serem superados. Sejamos realistas, mas sem perder a alegria, a audácia e a dedicação cheia de esperança. Não deixemos que nos roubem a força missionária!

EG, n. 109.

BIBLIOGRAFIA

DOCUMENTOS DA IGREJA

- AA Apostolicam Actuositatem. CONCÍLIO VATICANO II. Decreto sobre o apostolado dos leigos. In: VATICANO II: mensagens, discursos e documentos. São Paulo: Paulinas, 1998.
- AAS Acta Apostolicae Sedis.
- CL Christifideles Laici. JOÃO PAULO II, papa. Exortação apostólica sobre a vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo. Petrópolis: Vozes, 1990.
- CPD FRANCISCO, papa. Carta ao Povo de Deus sobre os abusos sexuais, de poder e de consciência cometidos por um notável número de sacerdotes e pessoas consagradas. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2018.
- CV Christus Vivit. FRANCISCO, papa. Exortação apostólica pós-sinodal aos jovens e a todo o Povo de Deus. São Paulo: Paulus, 2019.
- DC Deus Caritas est. BENTO XVI, papa. Encíclica sobre o amor cristão. São Paulo: Paulinas, 2005.
- DeV Dominum et Vivificantem. JOÃO PAULO II, papa. Encíclica sobre o Espírito Santo na vida da Igreja e do mundo. Petrópolis: Vozes, 1986.
- DV Dei Verbum. CONCÍLIO VATICANO II. Constituição dogmática sobre a Palavra de Deus na Igreja. In: VATICANO II: mensagens, discursos e documentos. São Paulo: Paulinas, 1998.
- EC Ex Corde Ecclesiae. JOÃO PAULO II, papa. Constituição Apostólica sobre as universidades católicas. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1990.
- EG Evangelii Gaudium. FRANCISCO, papa. Exortação apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.
- EIA Ecclesia in África. JOÃO PAULO II, papa. Exortação apostólica pós-sinodal sobre a Igreja na África e sua missão evangelizadora rumo ao ano 2000. São Paulo: Paulinas, 1995.
- EN Evangelii Nuntiandi. PAULO VI, papa. Exortação apostólica sobre a evangelização no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 1975.
- ESCM CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA. Economia a serviço do carisma e da missão: bons administradores da multiforme graça de Deus. São Paulo: Paulinas, 2018.
- ET Evangelica Testificatio. PAULO VI, papa. Exortação apostólica sobre a renovação da Vida Religiosa. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1971.
- EV Evangelium Vitae. JOÃO PAULO II, papa. Encíclica sobre o valor e a inviolabilidade da vida humana. Petrópolis: Vozes, 1995.

- FC Familiaris Consortio. JOÃO PAULO II, papa. Exortação apostólica sobre a família. Petrópolis: Vozes, 1982.
- FT Fratelli Tutti. FRANCISCO, papa. Encíclica sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulinas, 2013.
- GE Gravissimum Educationis. CONCÍLIO VATICANO II. Declaração sobre a educação cristã da juventude. In: VATICANO II: mensagens, discursos e documentos. São Paulo: Paulinas, 1998.
- GEE Gaudete et Exultate. FRANCISCO, papa. Exortação apostólica sobre a chamada à santidade no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2018.
- GS Gaudium et Spes. CONCÍLIO VATICANO II. Constituição dogmática sobre a Igreja no mundo. In: VATICANO II: mensagens, discursos e documentos. São Paulo: Paulinas, 1998.
- IM Inter Mirifica. CONCÍLIO VATICANO II. Decreto sobre os meios de comunicação social. In: VATICANO II: mensagens, discursos e documentos. São Paulo: Paulinas, 1998.
- IMRII CONGREGAÇÃO DOS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA. Identidade e missão do religioso irmão na Igreja. São Paulo: Paulinas, 2015.
- LF Lumen Fidei. FRANCISCO, papa. Carta Encíclica sobre a fé. São Paulo: Paulinas, 2013.
- LG Lumen Gentium. CONCÍLIO VATICANO II. Constituição dogmática sobre a Igreja. In: VATICANO II: mensagens, discursos e documentos. São Paulo: Paulinas, 1998.
- LS Laudato Si'. FRANCISCO, papa. Encíclica sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015.
- MC Marialis Cultus. PAULO VI, papa. Exortação apostólica sobre o culto a Maria. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1974.
- NA Nostra Aetate. CONCÍLIO VATICANO II. Declaração sobre as relações da Igreja com as religiões não cristãs. In: VATICANO II: mensagens, discursos e documentos. São Paulo: Paulinas, 1998.
- PC Perfectae Caritatis. CONCÍLIO VATICANO II. Decreto sobre a renovação da Vida Religiosa. In: VATICANO II: mensagens, discursos e documentos. São Paulo: Paulinas, 1998.
- PDV Pastores dabo vobis. JOÃO PAULO II, papa. Exortação apostólica pós-sinodal sobre a formação dos sacerdotes. São Paulo: Paulinas, 1992.
- PP Populorum Progressio. PAULO VI, papa. Encíclica sobre o desenvolvimento dos povos. São Paulo: Paulinas, 1967.
- PT Pacem in Terris. JOÃO XXIII, papa. Encíclica sobre a paz entre todos os povos. São Paulo: Paulinas, 1963.
- Puebla CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Evangelização no

- presente e no futuro da América Latina: conclusões da III Conferência Geral do Episcopado Latino-americano. 8. ed. São Paulo: Paulinas, 1986.
- RM Redemptoris Missio. JOÃO PAULO II, papa. Encíclica sobre a validade permanente do mandato missionário. São Paulo: Paulinas, 1990.
- SC Sacrosanctum Concilium. CONCÍLIO VATICANO II. Constituição dogmática sobre a sagrada liturgia. In: VATICANO II: mensagens, discursos e documentos. São Paulo: Paulinas, 1998.
- SS Sollicitudo Rei Socialis. JOÃO PAULO II, papa. Encíclica sobre a solicitude social da Igreja. Petrópolis: Vozes, 1988.
- TMA Tertio Millennio Adveniente. JOÃO PAULO II, papa. Carta apostólica sobre a preparação para o ano 2000. São Paulo: Paulinas, 1994.
- US Ut Unum Sint. JOÃO PAULO II, papa. Encíclica sobre o empenho ecumênico. São Paulo: Paulinas, 1995.
- VC Vita Consecrata. JOÃO PAULO II, papa. Exortação apostólica sobre a Vida Consagrada e sua missão na Igreja e no mundo. São Paulo: Paulinas, 1996.
- VD Verbum Domini. BENTO XVI, papa. Exortação apostólica sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2010.

OUTROS DOCUMENTOS DA IGREJA

- CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. *A escola católica*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1977. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_19770319_catholic-school_po.html. Acesso em: 23 jan. 2024.
- CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. *Dimensão religiosa da educação na escola católica: orientação para a reflexão e a revisão*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1988. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_19880407_catholic-school_po.html. Acesso em: 23 jan. 2024.
- CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. *Educar ao humanismo solidário: para construir uma “civilização do amor” 50 anos após a Populorum progressio*. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20170416_educare-umanesimo-solidale_po.html. Acesso em: 23 jan. 2024.
- CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. *O apostolado do ensino religioso nas escolas católicas: carta da Congregação para a Educação Católica*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1996. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_19961015_catholic-school-re_po.html. Acesso em: 23 jan. 2024.
- FRANCISCO, papa. *Audiência Geral de 28 de dezembro de 2016*. Vaticano: Libre-

- ria Editrice Vaticana, 2016. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20161228_udienza-generale.html. Acesso em: 23 jan. 2024.
- FRANCISCO, papa. *Discurso aos membros da Pontifícia Academia para a Vida*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2023. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2023/february/documents/20230220-pav.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2024.
- FRANCISCO, papa. *Discurso aos membros da União Católica Italiana de Professores, Dirigentes, Educadores e Formadores [UCIIM]*. Vaticano, 14 de março de 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/march/documents/papa-francesco_20150314_uciim.html. Acesso em: 23 jan. 2024.
- FRANCISCO, papa. *Mensagem para a XXVI Jornada Mundial da Juventude 2021*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2021. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/youth/documents/papa-francesco_20210914_messaggio-giovani_2021.html. Acesso em: 23 jan. 2024.
- FRANCISCO, papa. *Mensagem para a XXVII Jornada Mundial da Juventude 2022-2023*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2022. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/youth/documents/papa-francesco_20220815_messaggio-giovani_2022.html. Acesso em: 23 jan. 2024.
- FRANCISCO, papa. *Mensagem para a XXXVIII Dia Mundial da Juventude*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2023. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/youth/documents/papa-francesco_20231109_messaggio-giovani_2023.html. Acesso em: 23 jan. 2024.
- FRANCISCO, papa. *Mensagem para a XXXVIII Jornada Mundial da Juventude* (26 de novembro de 2023). Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2023. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/youth/documents/papa-francesco_20231109_messaggio-giovani_2023.html. Acesso em: 23 jan. 2024.
- FRANCISCO, papa. *Mensagem para o lançamento do Pacto Educativo Global* (12 de setembro de 2019). Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2019. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2019/documents/papa-francesco_20190912_messaggio-patto-educativo.html. Acesso em: 23 jan. 2024.
- FRANCISCO, papa. *Por uma cultura do encontro: reflexão litúrgica matinal na Casa Santa Marta* (13 de setembro de 2016). Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2016. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2016/documents/papa-francesco-cotidie_20160913_cultura-do-encontro.html. Acesso em: 23 jan. 2024.
- IGREJA CATÓLICA. *Catecismo da Igreja Católica*. 9. ed. São Paulo: Loyola, 2000.
- JOÃO PAULO II, papa. *Discorso ai cardinali e ai prelati della Curia Romana ricevuti*

- per la presentazione degli auguri natalizi* (22 de dezembro de 1987). Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1987. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/it/speeches/1987/december/documents/hf_jp-ii_spe_19871222_curia-romana.html. Acesso em: 23 jan. 2024.
- JOÃO PAULO II, papa. *Mensagem aos jovens e às jovens do mundo para o VIII Dia Mundial da Juventude*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1992. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/youth/documents/hf_jp-ii_mes_15081992_viii-world-youth-day.html. Acesso em: 23 jan. 2024.
- PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. *Directorio Geral para a Catequese*. São Paulo: Paulinas, 2020.
- PONTIFÍCIO CONSELHO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO E CONGREGAÇÃO PARA A EVANGELIZAÇÃO DOS POVOS. *Diálogo e anúncio*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1991. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/interelg/documents/rc_pc_interelg_doc_19051991_dialogue-and-proclamatio_po.html. Acesso em: 23 jan. 2024.
- SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. *Apostolado do ensino religioso nas escolas católicas*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1996. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_19961015_catholic-school-re_po.html. Acesso em: 23 jan. 2024.
- SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. *O leigo católico testemunha da fé na escola*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1982. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_19821015_lay-catholics_po.html. Acesso em: 23 jan. 2024.
- SECRETARIADO PARA OS NÃO CRISTÃOS. *Diálogo e missão: a Igreja e as outras religiões*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1984. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/interelg/documents/rc_pc_interelg_doc_19840610_dialogo-missione_po.html. Acesso em: 23 jan. 2024.
- UNIÃO DOS SUPERIORES GERAIS DOS INSTITUTOS RELIGIOSOS LAICAIS. *Irmão nos Institutos Religiosos Leigos*. São Paulo: Loyola, 1991.
- XV ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS. *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*: documento final. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2018. Disponível em: <http://secretariat.synod.va/content/synod2018/pt/documento-final-del-sinodo-dos-bispos--os-jovens--a-fe-e-o-disce.html>. Acesso em: 23 jan. 2024.
- XVI ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS. *Uma Igreja sinodal em missão*. Primeira Sessão (4 a 29 de outubro de 2023): relatório

de síntese. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2023. Disponível em: https://www.uisg.org/files/allegatodocumento/2023/2023_10_28_POR_Synthesis_Report.pdf. Acesso em: 23 jan. 2024.

DOCUMENTOS DE REFERÊNCIA DO INSTITUTO

- AdR INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. *Água da Rocha*. Roma: Casa Generalícia, 2007.
- EEJ INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. *Evangelizadores entre os jovens*. Roma: Casa Generalícia, 2011.
- EMM INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. *Em torno da mesma mesa*. Roma: Casa Generalícia, 2009.
- MEM INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. *Missão Educativa Marista: um projeto para o nosso tempo*. 2. ed. São Paulo: Simar, 2000.
- UEB INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. *Plano de discernimento sobre o uso evangélico dos bens*. Roma: Instituto dos Irmãos Maristas, 2004.

FONTES MARISTAS

- ALS FURET, Jean-Baptiste. *Avis, leçons, sentences et instructions de Vénérable Père Champagnat*. Lyon: Librairie Catholique Emmanuel Vitte, 1927. Edição em espanhol: FURET, Jean-Baptiste. *Sentencias, enseñanzas espirituales*. Zaragoza: Editorial Luis Vives, 1989. (Crônicas Maristas, v. III)
- Annales* AVIT, Frère Henri Bilon. *La rude montée*. Rome: Maison Généralice des Frères Maristes, 1993. (Annales de l'Institut, 3 v.)
- Cartas* SESTER, Paul (ed.). *Cartas de Marcelino J. B. Champagnat*. Brasília, DF: Umbrasil, 2019.
- Sylvestre SYLVESTRE, Irmão. *Relatos sobre Marcelino Champagnat*. Brasília, DF: Umbrasil, 2014.
- Vida* FURET, Jean-Baptiste. *Vida de São Marcelino José Bento Champagnat*. São Paulo: Loyola: SIMAR, 1999.
- Guide* (1853) GUIA das escolas para o uso dos Pequenos Irmãos de Maria, redigido segundo as Regras e as Instruções do Senhor Padre Champagnat, fundador deste Instituto. In: SILVEIRA, Ir. Luiz. *O Segundo Capítulo Geral do Instituto dos Pequenos Irmãos de Maria: 1852-1853-1954*. Belo Horizonte: CEM, 1994. Anexo 2, p. 147-298. Original francês: GUIDE des écoles à l'usage des Petits-Frères-de-Marie, rédigé d'après les Règles et les Instructions de M. l'abbé Champagnat, fondateur de cet Institut. Lyon: Perisse Frères, 1853. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=WWsj6G3103I->

[C&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](#). Acesso em: 23 jan. 2024.

Guide (1932) GUIDE des Écoles à l'usage des Petits Frères de Marie. Paris: Société de Saint Jean l'Évangéliste, 1932.

REGRAS E CONSTITUIÇÕES DO INSTITUTO

- C (1854) INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. *Constitutions*. Lyon: Antoine Perisse, 1854. [Constituições e Regras de Governo do Instituto dos Irmãozinhos de Maria. In: SILVEIRA, Ir. Luiz. *O Segundo Capítulo Geral do Instituto dos Pequenos Irmãos de Maria: 1852-1853-1854*. Belo Horizonte: CEM, 1993. p. 299-454.]
- C INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. *Constituições e Estatutos dos Irmãos Maristas*. Roma: Casa Generalizia dei Fratelli Maristi delle Scuole Fratelli Maristi, 2021. Disponível em: https://champagnat.org/wp-content/uploads/2020/10/Constituicoes_e_Estatutos_Irmaos_Maristas_outubro2020.pdf. Acesso em: 23 jan. 2024.
- E (1825) HERREROS V.; J. Pedro. *La Regla del Fundador: sus fuentes y evolución*. Roma: Casa General, 2013. p. 45-50.
- E (1828) HERREROS V.; J. Pedro. *La Regla del Fundador: sus fuentes y evolución*. Roma: Casa General, 2013. p. 51-56.
- E (1830) HERREROS V.; J. Pedro. *La Regla del Fundador: sus fuentes y evolución*. Roma: Casa General, 2013. p. 47-60.
- Prospectus* (1824) HERREROS V.; J. Pedro. *La Regla del fundador: sus fuentes y evolución*. Roma: Casa General, 2013. p. 30-33.
- R (1837) CHAMPAGNAT, Marcelino. *Règle des Petits Frères de Marie*. Lyon: Guyot Libraire, 1837. [CHAMPAGNAT, Marcelino. *A Regra dos Irmãozinhos de Maria 1837*. Curitiba: Memorial Marista, 2022.]
- RC (1852) INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. *Règles communes*. Lyon: Antoine Perisse, 1852. [INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. Regras comuns do Instituto dos Pequenos Irmãos de Maria. In: SILVEIRA, Ir. Luiz. *O Segundo Capítulo Geral do Instituto dos Pequenos Irmãos de Maria: 1852-1853-1854*. Belo Horizonte: CEM, 1993. p. 61-146.]
- R INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. *Aonde fores*: Regra de Vida dos Irmãos Maristas. Roma: Casa Generalizia dei Fratelli Maristi delle Scuole Fratelli Maristi, 2021. Disponível em: <https://champagnat.org/pt/aonde-fores-regra-de-vida-dos-irmaos-maristas/>. Acesso em: 23 jan. 2024.

DOCUMENTOS DOS CAPÍTULOS GERAIS (DESDE O VATICANO II)

- CG XVI INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. *Atas do XVI Capítulo Geral (1967-1968)*. Roma: Casa Generalícia, 1968.
- CG XVII INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. *Atas do XVII Capítulo Geral (1976)*. Roma: Casa Generalícia, 1977.
- CG XVIII INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. *Atas do XVIII Capítulo Geral (1986)*. Roma: Casa Generalícia, 1987.
- CG XIX INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. *Atas do XIX Capítulo Geral (1993)*. Roma: Casa Generalícia, 1995.
- CG XX INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. *Atas do XX Capítulo Geral (2001)*. Roma: Casa Generalícia, 2002.
- CG XXI INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. *Atas do XXI Capítulo Geral (2009)*. Roma: Casa Generalícia, 2010.
- CG XXII INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. *Atas do XXII Capítulo Geral: Rionegro, Colômbia, setembro-outubro de 2017*. Roma: Casa Generalícia, 2019.

CIRCULARES DOS SUPERIORES GERAIS (DESDE O VATICANO II, EM SEQUÊNCIA)

- François (1857) Circulaire du 6 janvier 1857. *Circulaires des Supérieurs Généraux*, v. 2, p. 261-292, 1857. [fr].
- Louis-Marie (1869) Circulaire du 2 février 1869. *Circulaires des Supérieurs Généraux*, v. 3, p. 463-505, 1869. [fr].
- B. Rueda (1970) Sobre a vida comunitária. *Circulares dos Superiores Gerais do Instituto dos Irmãos Maristas*, Roma, v. 25, p. 47-301, 1970.
- B. Rueda (1973a) Prática sobre a Oração. *Circulares dos Superiores Gerais do Instituto dos Irmãos Maristas*, Roma, v. 25, p. 470-544, 1973.
- B. Rueda (1973b) A criatividade na oração comunitária – apêndice. *Circulares dos Superiores Gerais do Instituto dos Irmãos Maristas*, Roma, v. 25, p. 543-570, 1973.
- B. Rueda (1975a) A Obediência, 30/05/1975. *Circulares dos Superiores Gerais do Instituto dos Irmãos Maristas*, Roma, v. 26, p. 5-103, 1975.
- B. Rueda (1975b) O espírito do Instituto. *Circulares dos Superiores Gerais do Instituto dos Irmãos Maristas*, Roma, v. 26, p. 125-188, 1975.
- B. Rueda (1976) Um novo espaço para Maria. *Circulares dos Superiores Gerais do Instituto dos Irmãos Maristas*, Roma, v. 26, p. 267-521, 1976.
- B. Rueda (1978) O projeto comunitário. *Circulares dos Superiores Gerais do Instituto dos Irmãos Maristas*, Roma, v. 27, p. 5-100, 1978.

- B. Rueda (1980a) 1980 Ano Champagnat. *Circulares dos Superiores Gerais do Instituto dos Irmãos Maristas*, Roma, v. 27, p. 7-17, 1980.
- B. Rueda (1980b) O projeto comunitário – capítulo complementar. *Circulares dos Superiores Gerais do Instituto dos Irmãos Maristas*, Roma, v. 27, p. 5-83, 1980.
- B. Rueda (1982) Carta sobre a oração. *Circulares dos Superiores Gerais do Instituto dos Irmãos Maristas*, Roma, v. 27, p. 333-356, 1975.
- B. Rueda (1984) A fidelidade. *Circulares dos Superiores Gerais do Instituto dos Irmãos Maristas*, Roma, v. 28, p. 1-497, 1984.
- Ch. Howard (1987) As vocações. *Circulares dos Superiores Gerais do Instituto dos Irmãos Maristas*, Roma, v. 29, p. 5-53, 1987.
- Ch. Howard (1988) O discernimento. *Circulares dos Superiores Gerais do Instituto dos Irmãos Maristas*, Roma, v. 29, p. 57-106, 1988.
- Ch. Howard (1989) O Fundador interpela os Irmãos. *Circulares dos Superiores Gerais do Instituto dos Irmãos Maristas*, Roma, v. 29, p. 109-188, 1989.
- Ch. Howard (1990a) Semeadores de esperança. *Circulares dos Superiores Gerais do Instituto dos Irmãos Maristas*, Roma, v. 29, p. 189-244, 1990.
- Ch. Howard (1990b) Um apelo urgente: Sollicitudo Rei Socialis. *Circulares dos Superiores Gerais do Instituto dos Irmãos Maristas*, Roma, v. XXIX, p. 245-300, 1990.
- Ch. Howard (1991) O Movimento Champagnat da Família Marista. *Circulares dos Superiores Gerais do Instituto dos Irmãos Maristas*, Roma, v. XXIX, p. 301-378, 1991.
- Ch. Howard (1992) A espiritualidade apostólica marista. *Circulares dos Superiores Gerais do Instituto dos Irmãos Maristas*, Roma, v. XXIX, p. 381-491, 1992.
- Ch. Howard (1993) A espiritualidade apostólica marista – suplemento. *Circulares dos Superiores Gerais do Instituto dos Irmãos Maristas*, Roma, v. XXIX, p. 491-561, 1992.
- B. Arbués (1997) Caminhar em paz, mas depressa. *Circulares dos Superiores Gerais do Instituto dos Irmãos Maristas*, Roma, v. XXX, p. 5-56, 1997.
- B. Arbués (1998) Fidelidade à Missão em situações de crises sociais. *Circulares dos Superiores Gerais do Instituto dos Irmãos Maristas*, Roma, v. XXX, p. 57-120, 1998.
- B. Arbués (2000) A propósito de nossos bens. *Circulares dos Superiores Gerais do Instituto dos Irmãos Maristas*, Roma, v. XXX, p. 121-175, 2000.
- S. Sammon (2003) Uma revolução do coração. *Circulares dos Superiores Gerais do Instituto dos Irmãos Maristas*, Roma, v. 31, n. 1, p. 3-79, 2003.
- S. Sammon (2005) Maravilhosos companheiros *Circulares dos Superiores Gerais do Instituto dos Irmãos Maristas*, Roma, v. 31, n. 2, p. 4-80, 2005.
- S. Sammon (2006) Tornar Jesus Cristo conhecido e amado. *Circulares dos Superiores*

- Gerais do Instituto dos Irmãos Maristas*, Roma, v. 31, n. 3, p. 5-124, 2006.
- S. Sammon (2009) Em seus braços ou em seu coração. *Circulares dos Superiores Gerais do Instituto dos Irmãos Maristas*, Roma, v. 31, n. 5, p. 5-55, 2009.
- E. Turú (2012) Deu-nos o nome de Maria. *Circulares dos Superiores Gerais do Instituto dos Irmãos Maristas*, Roma, v. 32, p. 6-72, 2012.
- E. Turú (2013a) Até os confins da terra. *Circulares dos Superiores Gerais do Instituto dos Irmãos Maristas*, Roma, v. 32, p. 76-98, 2013.
- E. Turú (2013b) Brasas ardentes, testemunhas da fé. *Circulares dos Superiores Gerais do Instituto dos Irmãos Maristas*, Roma, v. 32, p. 77-124, 2013.
- E. Turú (2014) O futuro tem um coração de tenda. *Circulares dos Superiores Gerais do Instituto dos Irmãos Maristas*, Roma, v. 32, p. 132-150, 2012.
- E. Turú (2015) Montagne: a dança da missão. *Circulares dos Superiores Gerais do Instituto dos Irmãos Maristas*, Roma, v. 32, p. 151-193, 2012.
- E. Turú (2016) Fourvière: a revolução da ternura. *Circulares dos Superiores Gerais do Instituto dos Irmãos Maristas*, Roma, v. 32, p. 199-255, 2012.
- E. Turú (2017) La Valla, casa da luz. *Circulares dos Superiores Gerais do Instituto dos Irmãos Maristas*, Roma, v. 32, p. 283-329, 2012.
- E. Sánchez (2020) Lares de luz. *Circulares dos Superiores Gerais do Instituto dos Irmãos Maristas*, Roma, v. 33, p. 3-143, 2012.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- BALKO, A. Marcelino Champagnat, Educador. *Cadernos Maristas*, Roma, n. 1, p. 35-46, 1990.
- BERGERET, M. A tradição pedagógica marista. *Cadernos Maristas*, Roma, n. 4, p. 75-76, 1993.
- COMISSÃO INTERNACIONAL DA MISSÃO MARISTA. *Farol de esperança: mensagens da CIMM (2020-2023)*. Roma: Casa Geral dos Irmãos Maristas, 2023. Disponível em: <https://champagnat.org/wp-content/uploads/2023/12/Mensagens-comissao-internacional-de-missao-marista.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2024.
- DELORS, J. et al. *Educação, um tesouro a descobrir*. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Tradução: José Carlos Eufrázio. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 1998. Disponível em: http://dhnet.org.br/dados/relatorios/a_pdf/r_unesco_educ_tesouro_descobrir.pdf. Acesso em: 23 jan. 2024.
- INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS DAS ESCOLAS. *Guia da Formação*. São Paulo, Loyola, 1993. Cf. INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. *Guia de Formação*. Roma: Casa Geral, 1994. Disponível em: https://champagnat.org//shared/documenti_maristi/GuidaFormazione93_PT.pdf. Acesso em: 23 jan. 2024.

INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. *Levanta-te, opina e participa (LOP)*. Roma: Casa Geral dos Irmãos Maristas, 2023.

INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. Plano Estratégico da Administração Geral para Animação, Liderança e Governo (2017-2025). Roma: Casa Geral, 2017. Disponível em: https://champagnat.org//shared/bau/PlanEstrategico_2018_2015_PT.pdf. Acesso em: 23 jan. 2024.

INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. *Vozes maristas: ensaios sobre liderança servidora e profética*. Roma: Instituto dos Irmãos Maristas; Curitiba: Memorial Marista, 2022.

NOTÍCIAS Maristas, ano XIV, n. 723, 1º abr. 2022. X Conferência Geral do Instituto dos Irmãos Maristas 2022, edição especial. Disponível em: https://champagnat.org/wp-content/uploads/2022/04/723_PT.pdf. Acesso em: 23 jan. 2024.

ROCHE, J. Maria, Nossa Boa Mãe. *Cadernos Maristas*, Roma, n. 2, p. 53-59, 1991.

ROEGERS, Xavier. *Marco conceptual para la evaluación de competencias*. Cuestiones fundamentales y actuales del currículo y el aprendizaje n. 4. Paris, Unesco International Bureau of Education, 2016. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000245195_spa.locale=en. Acesso em: 23 jan. 2024.

UNESCO. *Forjar la educación del mañana: Decenio de las Naciones Unidas de la Educación para el Desarrollo Sostenible – Informe 2012* (abreviado). Paris: UNESCO, 2012. Disponível em: unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000219155/PD-/219155spa.pdf.multi. Acesso em: 23 jan. 2024.

SIGLAS

cân. cânon do Direito Canônico

NE Notas Explicativas

OM COSTE, Jean; LESSARD, Gaston. *Origenes maristes*. Roma: Fontes Historici Societatis Mariae, 1965. 4 v.

REFERÊNCIAS

CAPÍTULO 1. NOS PASSOS DE MARCELINO CHAMPAGNAT

- ¹ C, n. 4, 52; R, n. 75.
- ² C, n. 1.
- ³ *Vida*, p. 5-6. (FURET, Jean-Baptiste. *Vida de São Marcelino José Bento Champagnat*. São Paulo: Loyola: SIMAR, 1999. Essa biografia original foi escrita em 1856 pelo Irmão Jean-Baptiste Furet, um dos primeiros discípulos de Marcelino Champagnat); NE 1.1.
- ⁴ *Vida*, p. 11-12; NE 1.2.
- ⁵ *Vida*, p. 27-28; NE 1.3.
- ⁶ C, n. 1.
- ⁷ *Cartas*, n. 59. (SESTER, Paul (ed.). *Cartas de Marcelino J. B. Champagnat*. Brasília, DF: Umbrasil, 2019.); NE 1.4.
- ⁸ Cf. *Cartas*, Introdução, p. 3-16.
- ⁹ R, n. 74.
- ¹⁰ *Vida*, p. 56-57; NE 1.5, 4.19.
- ¹¹ C, n. 1.
- ¹² C, n. 17.
- ¹³ C, n. 36; R, n. 54.
- ¹⁴ C, n. 36; R, n. 75.
- ¹⁵ C, n. 4.
- ¹⁶ *Vida*, p. 68-69; NE 1.6, 6.4.
- ¹⁷ R, n. 15c.
- ¹⁸ C, n. 73; R, n. 77.
- ¹⁹ *Cartas*, n. 113, 171, 173, 319; *Prospectus* (1824); cf. *Cartas*, n. 8, 9, 35, 39; NE 1.7.
- ²⁰ R, n. 18, 19b-c.
- ²¹ C, n. 56, 60; R, n. 15, 32, 74, 80; GS, n. 4; ET, n. 17; 18; VC, n. 75; EG, n. 49; CONGREGAÇÃO DOS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA. *Identidade e missão do religioso irmão na Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2015. n. 30; CV, n. 91; *Cartas*, n. 28 §2, 34, 59 §5, 23; CG XVIII, p. 15 (“Escuta”); CG XIX, p. 25-30; CG XX, p. 31; CG XXI, p. 51; CG XXII; B. Arbués (1997), p. 44; B. Arbués (1998), p. 66-120; E. Turú (2013a), p. 76-98.
- ²² R, n. 81, 82.
- ²³ *Vida*, p. 192; NE 1.8.
- ²⁴ C, n. 61; R, n. 81, 82; *Cartas*, n. 112.
- ²⁵ *Vida*, p. 7; NE 1.9.

- 26 C, n. 17.
- 27 *Vida*, p. 98, 116, 118, 119; *Cartas*, n. 109; cf. C, n. 45; R, n. 10; PC, n. 8; CG XVIII, p. 42 (Escuta); CG XX, p. 143; E. Turú (2017), p. 289; NE 1.10.
- 28 R, n. 26.
- 29 INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. *Vozes maristas: ensaios sobre liderança servidora e profética*. Roma: Instituto dos Irmãos Maristas; Curitiba: Memorial Marista, 2022.
- 30 R, n. 84.
- 31 C, n. 87; R, n. 55, 84; Lc 2,48.51-52; Jo 2,3; At 1,14; *Cartas*, n. 23 §1; 30 §2a; 63 §1a; 168 §3; 260 §1; *Vida*, p. 77, 334-335; NE 6.27.
- 32 R, n. 79, 88, 93; *Cartas*, n. 59, 34; cf. E (1825), 15; NE 1.11, 6, 28.
- 33 *Vida*, p. 23; NE 1.12.
- 34 *Vida*, p. 42-44; NE 1.13.
- 35 R, n. 56, 84.
- 36 Cf. Cap. 5, “Com estilo marista próprio”.
- 37 Prólogo do *Guide* (1853), escrito pelo Irmão Francisco, p. 149-151; cf. *Vida*, p. 155-156; BALKO, A. Marcelino Champagnat, educador. *Cadernos Maristas*, Roma, p. 35-46, n. 1, 1990.
- 38 R, n. 76.
- 39 *Cartas*, n. 19, 24; NE 1.15.
- 40 R, n. 84, 90.
- 41 *Vida*, p. 297-299, 302; NE 1.16.
- 42 *Vida*, p. 120-121, 318-319; cf. ROCHE, J. Maria, Nossa Boa Mãe. *Cadernos Maristas*, Roma, p. 53-59, n. 2, 1991; NE 1.17.
- 43 ALS, VI, p. 63-65. A obra *Avis, leçons, sentences*, que contém os pensamentos e ensinamentos de Marcelino, foi escrita pelo Irmão Jean-Baptiste Furet e publicada em 1868; NE 1.18.
- 44 *Vida*, XXI, p. 476-477, C, n. 32, 45; C, n. 50, 56; R, n. 18, 22, 23, 24, 28; EG, n. 202; CG XVII, p. 41-56; CG XIX, p. 25; Ch. Howard (1990b), p. 328; GS, n. 69; SS, n. 42; ESCM, n. 11; B. Arbués (2000), p. 129; PC, n. 13; Ch. Howard (1990b), p. 338; PT, n. 89; NE 1.9.
- 45 *Annales*, p. 96; BERGERET, M. A tradição pedagógica marista. *Cadernos Maristas*, Roma, p. 75-76, n. 4, 1993; *Vida*, p. 462-463 (cf. p. 78-79); C, n. 78; IMRII, n. 35; CV, n. 223; *Vida*, p. 297; 434; CG XVI, p. 645-646; CG XVII, p. 77; CG XX, p. 31; NE 1.20.

CAPÍTULO 2. MARISTAS EM MISSÃO, NA IGREJA E NO MUNDO

- 1 n. 122, 141; “Testamento Espiritual”, R, p. 117-124; *Vida*, p. 223-225; NE 2.1.
- 2 C, n. 52.

- 3 CG XXII, “Como Maristas de Champagnat”; CG XIX (1993), “Leigos e Irmãos, juntos na Missão”, p. 41.
- 4 CG XIX (1993), “Mensagem a nossos Irmãos”, p. 47.
- 5 C, n. 64; R, n. 2, 3; *Guide* (1932), p. 167-168; NE 2.2.
- 6 1Cor 3,1-9.
- 7 CL, n. 32; EN, 59, 66; cf. CG XXII, “Como Maristas de Champagnat”; CG XIX, “Leigos e Irmãos, juntos na Missão”, p. 43; C, n. 6, 36.1, 78.6, 78.8-9, 98.1, 119; NE 2.3.
- 8 Jo 15,15; 17,17-18.
- 9 1Cor 12,12-31; At 2,46-47; 4,32.34.
- 10 C, n. 6, 51; R, n. 38, 44, 88; CL, n. 33, 34; RM, n. 71; EG, n. 120; CG XXII, “Como Maristas de Champagnat”; CG XIX, “Mensagem”, p. 19; CG XX, p. 20-31; Ch. Howard (1990a), p. 243-93; Ch. Howard (1990b), p. 307-350; B. Arbués (1997), p. 5-56; B. Arbués (1998), p. 66-120; S. Sammon (2006), p. 5-124; E. Turú (2013a), p. 76-98; E. Turú (2014), p. 132-150; E. Turú (2015), p. 154-197; NE 2.4.
- 11 NA, n. 1,2,5; SECRETARIADO PARA OS NÃO CRISTÃOS. *Diálogo e missão: a Igreja e as outras religiões*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1984. n. 31; CL, n. 35; NE 2.5.
- 12 C, n. 52, C, n. 53; CG XX; CG XIX, p. 15-24; S. Sammon (2006), p. 72, 29-31; Ch. Howard (1989), p. 165-166; E. Turú (2015), p. 171.
- 13 CL, n. 24; NE 2.6.
- 14 C, n. 2.
- 15 C, n. 54, C, n. 55.
- 16 C, n. 3, R, n. 25, 26, 56; NE 2.7.
- 17 C, n. 6; R, n. 31; VC, n. 54; EMM, n. 11; CG XXII, “Como Maristas de Champagnat”; CG XIX, p. 31; CG XX, p. 29-31; Ch. Howard (1990a), p. 269-270; Ch. Howard (1991), p. 415; E. Turú (2014), p. 142-143; E. Turú (2016), p. 252; NE 2.9.
- 18 EN, n. 70; CL, n. 15, 16; Sagrada Congregação para a Educação Católica, *O leigo católico testemunha da fé na escola*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1982, n. 24, 81; NE 2.10.
- 19 C, n. 57; R, n. 81; LG, n. 44; ET, n. 42-45; EN, n. 21, 41, 46, 76; EEJ, n. 87; IMRII, n. 36.
- 20 ICI 12,11; LG, n. 12.
- 21 VC, n. 60; R, n. 80; C, n. 52; NE 2.11.
- 22 VC, n. 55.
- 23 C, n. 11, 41, 54; R, n. 19, 27, 31, 33.
- 24 C, n. 63; R, n. 79; IMRII, n. 35; GE, n. 66-94; CG XVII, p. 59-82.
- 25 C, n. 78; NE 6.34.
- 26 C, n. 63.
- 27 C, n. 28.

- ²⁸ C, n. 34, 35; R, n. 92, 93.
- ²⁹ R, n. 79.
- ³⁰ R, n. 48, 49; CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. *A escola católica*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1977. n. 79; NE 2.12.
- ³¹ C, n. 49, R, n. 49.
- ³² C, n. 43, R, n. 31.
- ³³ FC, n. 36, 38, 40; NE 2.13.
- ³⁴ R (1837), n. 16; NE 2.14.
- ³⁵ C, n. 58; R, n. 77.
- ³⁶ C, n. 9, 55; R, n. 79; cf. CG XXII, “Apelos 3, 4 e 5”; CG XXI, “Mensagem”, b; CG XIX, “Nossa Missão”, n. 25, 28, 32; *Vida*, cap. XI; *Cartas*, n. 26, 28, 112, 146.
- ³⁷ C, n. 119, 39, 54; R, n. 79; NE 2.15.
- ³⁸ R, n. 39; XVI ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS. *Uma Igreja sinodal em missão*. Primeira Sessão (4 a 29 de outubro de 2023): relatório de síntese. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2023, “9. As mulheres na vida e na missão da Igreja”.
- ³⁹ R, n. 36, 37.
- ⁴⁰ Cf. CG XXII, “Princípios e sugestões”, b, d, e; CG XIX, “Nossa Missão”, n. 34.
- ⁴¹ C, n. 88, 89.3, 99.4, 133.4, 133.5; cân. 596 §3; cân. 113- 123; 586 §1; 1256; 1257; 1279 §1; cân. 469-471; 473 §1; 586 §1; 596 §3; cân. 128.
- ⁴² R, n. 79; NE 6.28.
- ⁴³ C, n. 60, R, n. 79.
- ⁴⁴ XXII CG, “Princípios e sugestões” (b); Instituto dos Irmãos Maristas, *Plano Estratégico (2017-2025)*, “3. Redes”.
- ⁴⁵ C, n. 60, C, n. 78; VC, n. 69; 98; IMRII, n. 35; CV, n. 223; *Vida*, p. 29, 434; CG XVI, p. 645-646; CG XVII, p. 77; CG XX, p. 31; Instituto dos Irmãos Maristas, *Vozes maristas*; NE 6.28.
- ⁴⁶ R, n. 25.
- ⁴⁷ C, n. 78; NE 6.34.
- ⁴⁸ C, n. 58, R, n. 78; NE 6.34.
- ⁴⁹ C, n. 6; R, n. 31, 44; Ch Howard (1991); CG XXII, p. 71-72; Cf. CPD; NE 2.16.
- ⁵⁰ C, n. 60; R, n. 82; XXII CG, p. 74-75.
- ⁵¹ C, n. 8, 11, 39, 54; R, n. 44; ET, n. 55; EN, n. 41, 46, 76; VC, n. 51; IMRII, n. 11; EEJ, n. 54; XX CG, p. 27; Ch. Howard (1990a), p. 293; B. Rueda (1970), p. 57-263; S. Sammon (2005), p. 4-80; E. Sánchez (2020), p. 7-143; NE 2.8.

CAPÍTULO 3. PRESENTES ENTRE AS CRIANÇAS E OS JOVENS, ESPECIALMENTE OS MAIS VULNERÁVEIS

- ¹ C, n. 59, R, n. 31.
- ² C. n. 33, 34, 53, 56, 60, 167; R, n. 32, 67, 68; *Vida*, p. 75-76; *Prospectus* (1824);

- E (1828); E (1830), 1; cf. *Cartas*, n. 13, 159; NE 3.1.
- ³ CG XXI, “Mensagem”, c); CG XX, “Chamada”, d); CG XIX, “Mensagem”, 5,6,7; “Nossa Missão”, 8-10; cf. TMA, n. 46; FT, n. 1.
- ⁴ C, n. 28; R, n. 16, 80.
- ⁵ C, n. 52; R, n. 75; NE 3.9.
- ⁶ FRANCISCO, papa. *Por uma cultura do encontro: reflexão litúrgica matinal na Casa Santa Marta* (13 de setembro de 2016). Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2016.
- ⁷ R, n. 85; cf. EEJ, n. 55.
- ⁸ XXII CG, “Apelo 4”; NE 3.3.
- ⁹ *Vida*, p. 475-483; cf. Bergeret, A tradição pedagógica marista, p. 70-71. XXII CG, chamada 4, p. 74-75; NE 3.4.
- ¹⁰ *Vida*, p. 460; NE 3.5.
- ¹¹ C, n. 52; R, n. 74, 80, 89.
- ¹² C, n. 4, C, n. 59; R, n. 13, C, n. 78; CG XXII, “Princípios e Sugestões”, e); CG XXI, “Mensagem”, c); CG XX, “Chamada”, d); CG XIX, “A solidariedade”, n. 10, 20; NE 3.6.
- ¹³ R, n. 85, R, n. 88.
- ¹⁴ C, n. 55, 78; R, n. 88.
- ¹⁵ XXII CG, “Princípios e sugestões”.
- ¹⁶ C, n. 55, 64; NE 3.7.
- ¹⁷ C, n. 43; R, n. 31, 89; NE 6.24.
- ¹⁸ C, n. 55, 58, 65; cf. EEJ, n. 101; NE 6.24.
- ¹⁹ R, n. 89, 92; EJJ, n. 92; NE 6.26.
- ²⁰ C, n. 32.
- ²¹ C, n. 32, R, n. 72.
- ²² C, n. 52, 53, 56, 59, 60.
- ²³ CG XXII, “Apelo 5”; CG XXI, “Mensagem”, c); CG XX, “Chamada”, d); CG XIX, “Mensagem”, n. 20; RM, n. 37(b); NE 3.10.
- ²⁴ CG XXII, “Apelo 5”; E. Arbués (1998), 31; SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. *Apostolado do ensino religioso nas escolas católicas*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1996. p. 11; CG XXI, “Mensagem”, c); CG XX, “Chamada”, d); CG XIX, “Mensagem”, n. 27; CG XIX, “A solidariedade”, n. 9, 14, 15.
- ²⁵ C, n. 4; R, n. 10, 80; B. Arbués (1997), n. 31.
- ²⁶ C, n. 32, 60; R, n. 32, 72; GS, n. 4; ET, n. 17; 18; VC, n. 75; EG, n. 49; IMRII, n. 30; CV, n. 91; *Cartas*, n. 28 §2, 34, 59 §5, 323 §2; CG XVIII, “Na escuta”, p. 15; CG XIX, p. 25-30; CG XX, p. 31; CG XXI p. 51; CG XXII; B. Arbués (1997), p. 44; B. Arbués (1998), p. 66-120; E. Turú (2013a), p. 76-98.
- ²⁷ C, n. 4, 59; R, n. 59; NE 6.34.
- ²⁸ CG XXII, p. 79, 166-167.

- ²⁹ C, n. 4, 59; R, n. 78.
³⁰ C, n. 4, 59; R, n. 78.
³¹ CG XXII, p. 74, 79-80.
³² C, n. 60; R, n. 59, 78, 79, 89, 92; INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. *Levanta-te, opina e participa* (LOP). Roma: Casa Geral dos Irmãos Maristas, 2023.
³³ C, n. 58.2, 32; R, n. 33; NE 3.2.
³⁴ R, n. 32, 39, 82.
³⁵ R, n. 79.
³⁶ R, n. 32.
³⁷ C, n. 51, 60; R, n. 69, 72.

CAPÍTULO 4. SEMEADORES DA BOA NOVA

- ¹ C, n. 4; *Vida*, p. 312, 458; NE 4.1.
² C, n. 52, C, n. 58; R, n. 74, 75; cf. *Vida*, p. 498; *Guide* (1932) p. 12; FT, n. 216.
³ C, n. 3; CG XVI, p. 267-288; B. Rueda (1975a), p. 189-261; B. Rueda (1980a), p. 7-17; Ch. Howard (1992), p. 443; S. Sammon (2003), p. 5-81; Sagrada Congregação para a Educação Católica, *O leigo católico*, n. 16; cf. *Vida*, p. 500-509; NE 4.2.
⁴ IMRII, n. 13; CL, n. 36; Sagrada Congregação para a Educação Católica, *O leigo católico*, n. 17, 19; NE 4.3.
⁵ C, n. 4; EG, n. 14-15, 46-49, 74; EM, n. 18-19; RM, n. 55; PONTIFÍCIO CONSELHO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO E CONGREGAÇÃO PARA A EVANGELIZAÇÃO DOS POVOS. *Diálogo e anúncio*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1991. n. 40, 41; cf. Secretariado para os não Cristãos, *Diálogo e missão*, n. 13; NE 4.4.
⁶ C, n. 58.2; EG, 176, 180, 181, 197; RM, n. 12-20; NE 4.5.
⁷ R, n. 75; *Vida*, p. 459-460, 470; NE 4.6.
⁸ Lc 2,52.
⁹ EN, n. 27; LG, n. 53; 55; 58; 59; VC, n. 28; AdR, n. 99; RC (1852), parte I, cap. I, art. 13; CG XVI, p. 215-265; B. Rueda (1976), p. 267-521; Ch. Howard (1992), p. 462; S. Sammon (2009), p. 5-55; E. Turú (2012), p. 6-72; NE 4.7.
¹⁰ Jo 10,10.
¹¹ EG, n. 122, 111, 118; GS, n. 22; cf. Hb 4, 14-15; NE 4.8.
¹² C, n. 32, 51; R, n. 69; Lc 16,19-21; PC, n. 13; Ch. Howard (1990a), p. 338; GS, n. 69; SS, n. 42; ESCM, n. 11; B. Arbués (2000), p. 129.
¹³ C, n. 44; B. Rueda (1973a), p. 395-463; B. Rueda (1973b), p. 475-493; B. Rueda (1982), p. 333-356; Ch. Howard (1992), p. 435-540; Ch. Howard (1993), p. 543-612; S. Sammon (2003), p. 5-81; E. Turú (2017), p. 286-329.
¹⁴ Gl 3,28-29.
¹⁵ Lc 12,49.
¹⁶ C, n. 13.1, 32, 52.3; R, n. 66, 71, 82.

- 17 Jo 14,6.
- 18 R, n. 37, 68.
- 19 EN, n. 75; PDV, n. 10: AAS 84 (1992), 673; NE 4.28, 4.29.
- 20 C, n. 53; EG, n. 259-261, 279, 284; TMA, n. 45; cf. DeV, n. 67; Ap 21,1-7.
- 21 EG, n. 238, 257; “Mayet Memoirs”, OM, vol. 2, doc. 632; cf. doc. 674; *Cartas*, n. 11; NE 4.30.
- 22 C, n. 35; C, n. 53; R, n. 39.
- 23 *Vida*, p. 275; *Cartas*, n. 169; NE 4.31.
- 24 Da oração pelas vocações composta pelo Padre Champagnat, *Vida*, p. 90; NE 4.32.
- 25 R, n. 23, 76.
- 26 C, n. 55, 55.1; R, n. 77; *Vida*, p. 498; NE 4.9.
- 27 EG, n. 64, 132-134; Congregação para a Educação Católica, *O leigo católico*, n. 18; ALS, XXXV, p. 356-364; cf. *Guide* (1853), p. 216-218; *Guia de Formação*, n. 13-23; NE 4.11, 4.15.
- 28 C, n. 52, 54; *Vida*, p. 501, 508-509; ALS, XLI, p. 385; NE 4.10, 4.19.
- 29 FT, n. 106, 105; OLP
- 30 C, n. 58; R, n. 89, 92; ALS, XLI, p. 392; US, n. 1, 76; FT, n. 216; NE 4.12.
- 31 *Guide* (1853), p. 225-227; Lc 24,13-25; NE 4.13.
- 32 C, n. 59; R, n. 85.
- 33 EG, n. 106; CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. *Dimensão religiosa da educação na escola católica: orientação para a reflexão e a revisão*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1988. n. 71; NE 4.14.
- 34 C, n. 4, 11, 43, 52, 54; R, n. 13, 78.
- 35 C, n. 58.2; Cf. Lc 4,27-38; CG XXII, “Apelos, 3, 4 e 5”; CG XXI, “Mensagem”, c; CG XX, “Chamada”, d; CG XIX, “A solidariedade”, n. 10; NE 4.20.
- 36 C, n. 48, 55.
- 37 C, n. 43; R, n. 31; IMRII, n. 37; *Cartas*, n. 180 §2b; RM, n. 57; cf. C, n. 85; Secretariado para os não Cristãos, *Diálogo e missão*, n. 29
- 38 EN, n. 20; CL, n. 44; VC, n. 96; NE 3.9, 4.17, 4.18.
- 39 C, n. 61.3; R, n. 82; RM, n. 52, 53; NE 4.17, 4.19.
- 40 C, n. 11, 58.2; EG, n. 24.
- 41 Jo 1,1-18.
- 42 C, n. 54, 55; R, n. 89; EG, n. 56.
- 43 C, n. 43; R, n. 31, 44.
- 44 R, n. 89; JOÃO PAULO II, papa. *Mensagem aos jovens e às jovens do mundo para o VIII Dia Mundial da Juventude*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1992. n. 4, 5; CL, n. 46.
- 45 EG, n. 282-283, 285; US, n. 20-28; RM, n. 56, 57; LG, n. 16; cf. Secretariado para os não Cristãos, *Diálogo e missão*, n. 26; NE 4.16, 4.21-25.
- 46 DeV, n. 53; RM, n. 55.

- ⁴⁷ EG, n. 244-246, 247-249, 250-254; JOÃO PAULO II, papa. *Discurso ai cardinali e ai prelati della Curia Romana ricevuti per la presentazione degli auguri natalizi* (22 de dezembro de 1987). Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1987.
- ⁴⁸ C, n. 58; R, n. 82; EG, n. 238-258; Conselho para o Diálogo Inter-religioso, *Diálogo e anúncio*, n. 29.
- ⁴⁹ RM, n. 33; NE 4.26.
- ⁵⁰ C, n. 55.1; R, n. 74, 75.
- ⁵¹ C, n. 55; R, n. 27, 29, 33; ALS, XXXVIII, p. 386-390; CL, n. 47; NE 4.27.
- ⁵² C, n. 59; R, n. 77; GS, n. 16; EV, n. 80-82; cf. Jo 8,2.36; Gl 5; NE 6.29.
- ⁵³ 1Pd 3,15; C, n. 58.2; R, n. 31, 32, 33.
- ⁵⁴ C, n. 64; R, n. 8, 90; NE 6,25.
- ⁵⁵ R, n. 78.
- ⁵⁶ *Cartas*, n. 19.
- ⁵⁷ C, n. 52; C, n. 64; R, n. 88, 95; *Vida*, p. 463-464; ALS, XLI, p. 427-428; cf. EN, n. 41; NE 4.33.

CAPÍTULO 5. COM ESTILO MARISTA PRÓPRIO

- ¹ C, n. 52.
- ² *Vida*, p. 501; ALS, XLI, p. 431-433; Bergeret, A tradição pedagógica marista, p. 70-71; NE 5.1, 5.4.
- ³ R, n. 86; NE 5.10.
- ⁴ C, n. 3; NE 5.14.
- ⁵ Lc 1,41.
- ⁶ Ch. Howard (1992), p. 512; cf. LG, n. 53, 55, 58, 59; VC, n. 28; AdR, n. 99; RC (1852), parte I, cap. I, art. 13; CG XVI, p. 215-265; B. Rueda (1976), p. 267-521; Ch. Howard (1992), p. 462; S. Sammon (2009), p. 5-55; E. Turú (2012), p. 6-7.
- ⁷ Lc 1,26-28; Jo 19,25-27.
- ⁸ Mc 3,31-35; C, n. 50; R, n. 76.
- ⁹ Lc 2,51-52.
- ¹⁰ Lc 2,51-52.
- ¹¹ C, n. 35; R, n. 42; CG XX, p. 137-140; E. Turú (2013a), p. 125-126; E. Turú (2016), p. 204.
- ¹² C, n. 45, 50; R, n. 73, 76.
- ¹³ Lc 1,46-55.
- ¹⁴ Jo 2,5.
- ¹⁵ At 1,14.
- ¹⁶ R, n. 76; *Vida*, p. 352-353; NE 5.15-16.
- ¹⁷ Cf MC.

- ¹⁸ C, n. 54.2; R, n. 28.
- ¹⁹ *Vida*, p. 313; NE 5.9, 5.17.
- ²⁰ C, n. 3; R, n. 76.
- ²¹ C, n. 36; R, n. 55, 56; 76; CG XXII, “Apelo 1”; CG XX, “Mensagem às Unidades Administrativas”, n. 11; ALS, XXVIII, p. 275-285; *Cartas*, n. 30 §2; 132 §2; 238 §1; *Vida*, p. 63, 76-78, 145-146, 438-439; Ch. Howard (1989), p. 167; IMRII, n. 24; AdR, n. 92; *Vida*, p. 223-225 (“Testamento”); E. Turú (2013a), p. 117-120; IMRII, n. 24; AdR, n. 111; CG XVI, p. 403-485; CG XX, p. 21-40; B. Rueda (1970), p. 119; (1975) p. 237; EG, n. 284; 288; B. Rueda (1970), p. 57-263; S. Sammon (2005), p. 4-80; E. Sánchez (2020), p. 7-143.
- ²² “Testamento Espiritual”, *Vida*, p. 223-225; NE 5.8.
- ²³ C, n. 36; R, n. 55.
- ²⁴ C, n. 11, 39, 43, 54; R, n. 35, 36, 37.
- ²⁵ C, n. 51; *Vida*, p. 494.
- ²⁶ C, n. 52, 54, 57; R, n. 47, 48, 49; AdR, n. 30.
- ²⁷ C, n. 56, 60; R, n. 78.
- ²⁸ C, n. 89.3; R, n. 91, 92.
- ²⁹ C, n. 52, 65; R, n. 85; NE 5.2.
- ³⁰ R, n. 85; *Cartas*, n. 14; cf. ALS, XLI, p. 424; *Vida*, p. 493-484.
- ³¹ C, n. 60; R, n. 89; NE 5.3.
- ³² C, n. 59.3; R, n. 92; *Guide* (1932), p. 94-98; *Vida*, p. 493; *Guide* (1853), p. 43-79.
- ³³ C, n. 55.1; R, n. 88, 89.
- ³⁴ C, n. 3, 89.2; R, n. 26, R, n. 56.
- ³⁵ R, n. 18, 26; ALS, XLI, p. 425; NE 5.5.
- ³⁶ C, n. 3; R, n. 56; NE 5.7.
- ³⁷ C, n. 23; R, n. 20, 46, 56; Ch. Howard (1992), p. 509-510.
- ³⁸ C, n. 31; NE 5.5-6.
- ³⁹ R, n. 19, 26.
- ⁴⁰ R, n. 86; NE 5.12.
- ⁴¹ *Vida*, p. 390-392, 393, 396; B. Rueda (1975a), p. 193.
- ⁴² R, n. 86.
- ⁴³ C, n. 34; R, n. 52, 84.
- ⁴⁴ *Guide* (1853), p. 204; NE 5.13.
- ⁴⁵ C, n. 54.1; R, n. 75; NE 5.13.
- ⁴⁶ C, n. 58.2; R, n. 79.
- ⁴⁷ R, n. 94.
- ⁴⁸ C, n. 59.
- ⁴⁹ C, n. 51; R, n. 80.
- ⁵⁰ C, n. 52, 53, 78; R, n. 80.

CAPÍTULO 6. NA INSTITUIÇÃO ESCOLAR

- ¹ C, n. 53; R, n. 79; FRANCISCO, papa. *Mensagem para o lançamento do Pacto Educativo Global* (12 de setembro de 2019). Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2019.
- ² C, n. 58; R, n. 77.
- ³ DELORS, J. *et al. Educação, um tesouro a descobrir*: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Tradução: José Carlos Eufrázio. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 1998. p. 89-102; *Guide* (1853) p. 216-217; UNESCO. *Forjar la educación del mañana*: Decenio de las Naciones Unidas de la Educación para el Desarrollo Sostenible – Informe 2012 (abreviado). Paris: UNESCO, 2012. Disponível em: unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000219155/PDF/219155spa.pdf.multi. Acesso em: 23 jan. 2024; NE 6.1.
- ⁴ C, n. 58; GE, n. 8; Congregação para a Educação Católica, *A escola católica*, n. 38-43; NE 6.2, 6.30.
- ⁵ R, n. 79, 92; C, n. 59.3.
- ⁶ C, n. 58, 59.2; NE 6.3-6.
- ⁷ C, n. 98, 101; R, n. 93.
- ⁸ GS, n. 24; NE 6.8.
- ⁹ FT, n. 87; C, n. 58; NE 6.8, 6.22.
- ¹⁰ C, n. 58; R, n. 77, 82; EIA, n. 102; NE 6.8.
- ¹¹ C, n. 56; R, n. 19, 32; NE 6.9, 6.14.
- ¹² Cf. PP.
- ¹³ C, n. 58.2, 59.3; R, n. 89; NE 6.25-26, 6.28.
- ¹⁴ C, n. 58.2; R, n. 79, 92; NE 6.31.
- ¹⁵ C, n. 4, 59; R, n. 13, 78; NE 6.34.
- ¹⁶ R, n. 77, 82, 89; C, n. 54.1, 55.1, 58.2, 59.3; NE 6.32.
- ¹⁷ C, n. 23.1, 41; CL, n. 44; cf. VC, n. 99; NE 6.10.
- ¹⁸ R, n. 80; NE 6.16.
- ¹⁹ C, n. 58; R, n. 77, 82; NE 6.14, 6.17.
- ²⁰ CG XXII, “Apelos 3, 4 e 5”; CG XXI, “Mensagem”, c; CG XX, “Chamada”, d; CG XIX, “A solidariedade”, 16; *Vida*, p. 478-479; C, n. 53, C, n. 58.
- ²¹ C, n. 54; R, n. 55; cf. Congregação para a Educação Católica, *A escola católica*, n. 61; LF, n. 50-55; NE 6.7, 6.25.
- ²² C, n. 55.1; R, n. 27; cf. LS e LD; LF, n. 53; *Guide* (1853), p. 153-154; Congregação para a Educação Católica, *Dimensão religiosa da educação*, n. 108; NE 6.12.
- ²³ Ver Capítulo 4, “Semeadores da Boa Nova”.
- ²⁴ EM, n. 19; cf. Congregação para a Educação Católica, *Dimensão religiosa da educação na escola católica*, n. 51-54.
- ²⁵ C, n. 54.1; 55.1; R, n. 76.

- 26 R, n. 89.
- 27 CG XXII, “Princípios e sugestões”, b; NE 6.13.
- 28 R, n. 79.
- 29 LS; NE 6.11.
- 30 EG, n. 69.
- 31 C, n. 54.1, 55; R, n. 31, 77.
- 32 C, n. 11, 54; R, n. 69, 70, 71.
- 33 C, n. 4, 58; R, n. 74, 75; Congregação para a Educação Católica, *Dimensão religiosa da educação na escola católica*, n. 24, 100-112; cf. C, n. 87; Congregação para a Educação Católica, *A escola católica*, n. 4.
- 34 C, n. 54.1; R, n. 18, 26.
- 35 *Vida*, p. 487-488.
- 36 *Guide* (1853), p. 237-238; cf. R (1837), art. 16; Balko, *Marcelino Champagnat, Educador*, p. 42.
- 37 R, n. 86.
- 38 C, n. 56, 60; R, n. 66-72; NE 6.14, 6.17, 6.20, 6.22.
- 39 C, n. 59; R, n. 78; NE 6.15, 6.18.
- 40 CG XX, “Chamada”, 1; FT, cap. I; Papa Francisco. *Mensagem para o lançamento do Pacto Educativo Global*.
- 41 EG, n. 286.

NAS ESCOLAS

- 42 C, n. 50; R, n. 10, 28; CG XX, “Chamada”, 1.
- 43 C, n. 90.5; 101.3, 133.5.
- 44 B. Arbués (1997), n. 10, 32.
- 45 C, n. 4; *Guide* (1853), p. 221.
- 46 Instituto dos Irmãos Maristas, *Levanta-te, opina e participa (LOP)*; *Vida*, p. 541-542; *Guide* (1932), p. 134.
- 47 *Guide* (1932), p. 94-98, 130, 131-132.
- 48 C, n. 58.2; R, n. 79.
- 49 C, n. 58; R, n. 33, 77.
- 50 C, n. 58; R, n. 77, 82; NE 6.9, 6.17, 6.29.
- 51 C, n. 59; R, n. 55; GE, n. 8.
- 52 Congregação para a Educação Católica, *Dimensão religiosa da educação na escola católica*, n. 74-95; PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. *Diretório Geral para a Catequese*. São Paulo: Paulinas, 2020; IGREJA CATÓLICA. *Catecismo da Igreja Católica*. São Paulo: Loyola, 2000; EG, n. 132-134.

- ⁵³ Congregação para a Educação Católica, *Dimensão religiosa da educação na escola católica*, n. 72; C, n. 54.1, 55, 55.1; R, n. 75; Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização, *Diretório Geral para a Catequese*; Igreja Católica, *Catecismo da Igreja Católica*.
- ⁵⁴ Congregação para a Educação Católica, *Dimensão religiosa da educação na escola católica*, n. 32; LF, n. 53.
- ⁵⁵ CG XXII, “Chamada”, 2; CG XXI, “Chamada”, b, princípio 4, 2; CG XX, “Chamada”, 3; CG XIX, “Nossa Missão”, n. 31.
- ⁵⁶ Cf. SC.
- ⁵⁷ C, n. 55.1; CG XXII, “Chamada”, 2; CG XXI, “Chamada”, b, princípio 4, 2; CG XX, “Chamada”, 3.
- ⁵⁸ C, n. 55.2; Congregação para a Educação Católica, *A escola católica*, n. 72; CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. *O apostolado do ensino religioso nas escolas católicas*: carta da Congregação para a Educação Católica. Vaticana: Libreria Editrice Vaticana, 1996.
- ⁵⁹ Congregação para a Educação Católica, *A escola católica*, n. 58; Delors, *Educação, um tesouro a descobrir*; NE 6.1, 6.14.
- ⁶⁰ Ch. Howard (1990a), p. 316-317; NE 6.15.
- ⁶¹ Cf. EG, n. 189, 190; FT, n. 106; CG XIX, “A solidariedade”, n. 16; XXII CG, “Chamada”, 3; NE 6.14-15.
- ⁶² C, n. 60; SS, n. 36-37; GS, n. 4; ET, n. 17, 18; VC, n. 75; EG, n. 49; IMRII, n. 30; CV, n. 91; *Cartas*, n. 28; §2; 34; 59 §5; 323 §2; CG XVIII, “Na escuta”, p. 15; CG XIX, p. 25-30; CG XX, p. 31; CG XXI, p. 51; CG XXII; B. Arbués (1997), p. 44; B. Arbués (1998), p. 66-120; E. Turú (2013a), p. 76-98.
- ⁶³ C, n. 58; R, n. 77; Ef 4,24; US, n. 1; 76; FT, n. 216; VC, n. 97; NE 6.17.

NAS OBRAS SOCIAIS

- ⁶⁴ C, n. 56, 60; R, n. 66, 72; GS, 1; NE 6.23.
- ⁶⁵ R, n. 32.
- ⁶⁶ EG, n. 20-24.
- ⁶⁷ C, n. 32, 61; R, n. 19, 32, 81; EG, n. 186-216; ESCM, n. 11; B. Arbués (2000), p. 129; Ch. Howard (1990a), p. 338; *Vida*, p. 75-76, 80-81; CG XX, p. 502-504; Balko, *Marcelino Champagnat, educador*, p. 2, 9; NE 6.21.
- ⁶⁸ Sylvestre, p. 119-120; *Vida*, p. 383; 529; CG XIX, “Nossa Missão”, n. 33f; CG XXII, “Chamadas”, 3, 4, 5; B. Arbués (2000), p. 129; Ch. Howard (1990a), p. 328; S. Sammon (2006), p. 74.
- ⁶⁹ Nossa missão evangelizadora aparece no Capítulo 4, “Somos semeadores da Boa Nova”.
- ⁷⁰ Cf. Capítulo 5, “Com um estilo marista próprio”.

- ⁷¹ Discurso Inaugural de João Paulo II na III Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, *Puebla*, n. 1030.
- ⁷² *Puebla*, n. 1033.
- ⁷³ C, n. 58.2; CG XVII, p. 41-56.
- ⁷⁴ CL, n. 44.
- ⁷⁵ R, n. 79.
- ⁷⁶ R, n. 80.
- ⁷⁷ R, n. 55.
- ⁷⁸ C, n. 59c; EN, n. 31; *Cartas*, n. 323 §1; Ch. Howard (1990a), p. 307-350; cân. 225 §2; 768 §2; PP, n. 80; SS, n. 41; CG XXI, p. 55; 216-217; Ch. Howard (1990a), p. 328; CPD; *Vida*, p. 223-225 (“Testamento”).
- ⁷⁹ Cf. CG XXII, “Chamadas”, 3, 4, 5; CG XIX, “A solidariedade”, n. 19. At 3,1-8.16; 4,10.12.
- ⁸⁰ C, n. 32, 55; R, n. 32, 66-71; CG XXII, “Chamada”, 2; CG XXI, “Chamada”, c; CG XX, “Chamada D: Missão e Solidariedade”; CG XIX, “Nossa Missão”, n. 23, 26; cf. *Guide* (1932), p. 194-212; C, n. 31; R, n. 26.
- ⁸¹ C, n. 31; R, n. 26.
- ⁸² CG XIX, “Espiritualidade Apostólica Marista”, n. 26.
- ⁸³ C, n. 41, 48; R, n. 52; LS, n. 226; E. Turú (2012), p. 58-59; ET, n. 46; VC, n. 38; VD, n. 66; LS, n. 223; *Cartas*, n. 62 §1; CG XVIII, “Na escuta”, p. 133; B. Rueda (1970), p. 119; B. Rueda (1975a), p. 246; E. Turú (2017), p. 298; VC, n. 38; VD, n. 66; IMRII, n. 19; *Cartas*, n. 102 §1b; *Vida*, p. 313-314; 332-333; CG XVIII, “Na escuta”, p. 133; B. Rueda (1973a), p. 434; B. Rueda (1982), p. 341; E. Turú (2017), p. 298; PT, n. 159; DV, n. 25; VD, n. 100; IMRII, n. 20; E. Turú (2017), p. 311-314.
- ⁸⁴ CG XXII, “Princípios e sugestões”, b; CG XXI, “Chamada de Missão”, proposta de ação 8; CG XIX, “Nossa Missão”, n. 29; cf. ALS, cap. XXIII.
- ⁸⁵ C, n. 53; R, n. 8; CG XXII, “Princípios e sugestões”; EG, n. 106; NE 6.33.
- ⁸⁶ CG XXII, “Princípios e sugestões”, b.
- ⁸⁷ R, n. 79.
- ⁸⁸

NA EDUCAÇÃO SUPERIOR

- ⁸⁹ EC, “Conclusão”; NE 6.19.
- ⁹⁰ EHS, n. 7.
- ⁹¹ C, n. 58; R, n. 77; NE 6.28.
- ⁹² C, n. 78; R, n. 79; Instituto dos Irmãos Maristas, *Vozes maristas*.
- ⁹³ C, n. 58.2. Cf. as encíclicas papais FT, EG, LF; COMISSÃO INTERNACIONAL DA MISSÃO MARISTA. *Farol de esperança: mensagens da CIMM* (2020-2023). Roma: Casa Geral dos Irmãos Maristas, 2023.

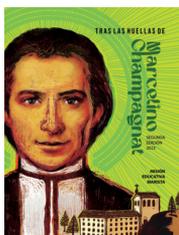
- ⁹⁴ R, n. 80.
- ⁹⁵ CG XXII, “Chamada”, 2; Cfr. AdR; CG XIX, “Nossa missão”, n. 32.
- ⁹⁶ FRANCISCO, papa. *Mensagem para a XXXVIII Dia Mundial da Juventude*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2023; FRANCISCO, papa. *Mensagem para a XXVII Jornada Mundial da Juventude 2022-2023*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2022; FRANCISCO, papa. *Mensagem para a XXVI Jornada Mundial da Juventude 2021*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2021; JOÃO PAULO II, papa. *I Mensagem aos jovens e às jovens para VII Dia Mundial da Juventude*. Roma: [s. n.], 1993; NE 6.33.
- ⁹⁷ C, n. 53, 54, 54.1, 55, 55.1; R, n. 74, 75.
- ⁹⁸ C, n. 51, 52, 78; R, n. 44.
- ⁹⁹ R, n. 79.
- ¹⁰⁰ C, n. 53.

MENSAGEM FINAL: OLHAMOS ALÉM

- ¹ IMRII; UNIÃO DOS SUPERIORES GERAIS DOS INSTITUTOS RELIGIOSOS LAICAIS. *Irmão nos Institutos Religiosos Leigos*. São Paulo: Loyola, 1991. cap. 4.
- ² EG; CG XXII, “Introdução”, “Chamada”, 1; E. Sánchez (2020), p. 7,14-15, 17-18, 66; B. Arbués (1997), p. 31-33; NE M.1-2.
- ³ EG, n. 1.
- ⁴ Lc 24,32.
- ⁵ R, n. 8.
- ⁶ EG, n. 220.
- ⁷ TMA, n. 58.
- ⁸ NOTÍCIAS Maristas, ano XIV, n. 723, 1º abr. 2022. X Conferência Geral do Instituto dos Irmãos Maristas 2022, edição especial: “Mensagem do Papa Francisco à Conferência Geral dos Irmãos Maristas (24 de março de 2022)”;
- “Mensagem do Irmão Ernesto Sánchez para a X Conferência Geral”.

ILUSTRAÇÕES

CAPA



Na capa do livro senti a necessidade de fazer, do meu próprio modo, um retrato de Marcelino Champagnat. Como artista me interessei mais por tatear aquilo que as aparências por vezes ocultam. Apesar de alguma verossimilhança, peço que o considerem mais pelo espírito, expressividade, olhar e subjetividade. Associei a sua pessoa à obra. A miniatura de primeira configuração da sede da Notre-Dame de l'Hermitage carecia aparecer em primeiro plano, como um prenúncio da materialização de sua intuição. O retrato já o caracteriza como São Marcelino Champagnat, fundador da obra Marista e Apóstolo da Juventude (Maurício Negro).

CAPÍTULO 1: NOS PASSOS DE MARCELINO CHAMPAGNAT



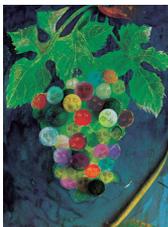
A imagem de um peixe tem origem no acrônimo Ichthus, que em grego significa Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador. Os três peixes entrelaçados representam o mistério da Santíssima Trindade. Fiz minha versão para representar tanto o sagrado, quanto a eternidade e a unidade a partir da diversidade, sugerida pelo espectro de cores que irradiam (Maurício Negro).

CAPÍTULO 2: MARISTAS EM MISSÃO, NA IGREJA E NO MUNDO



Os dois primeiros capítulos tratam dos anos iniciais de Marcelino, a partir das suas vivências, de sua sensibilidade, dos costumes da vida rural, do amparo e contexto familiar, da carência educacional dos jovens e de sua decepção inicial com a escola. Ou seja, contempla tudo aquilo que, desde muito cedo, o tocou e moveu, até ser capaz de formatar a sua própria regra de ouro para a educação. Minha ilustração buscou evocar esse despertar, celebrar sua inspiração e o mergulho na empreitada de sua vida e obra (Maurício Negro).

CAPÍTULO 3: PRESENTES ENTRE AS CRIANÇAS E OS JOVENS, ESPECIALMENTE OS MAIS VULNERÁVEIS



Meu olhar aqui foi dirigido à representação de crianças como se fossem uvas heterogêneas, que sugerem uma vasta diversidade de cores, aromas e sabores. A escolha do cacho de uvas não foi aleatória, porque traduz a essência da visão da educação marista e, ao mesmo tempo, remete ao vinho, sangue de Cristo, aos cuidados com a terra, aos direitos de todas as crianças, à solidariedade e outros valores de nossa casa comum (Maurício Negro).

CAPÍTULO 4: CAPÍTULO 4: SEMEADORES DA BOA NOVA



Imaginei que esta imagem poderia dialogar bem com o enfoque do respectivo capítulo, que versa sobre o desafio de espalhar a boa nova do evangelho, buscando tornar a mensagem de Jesus mais conhecida. A coroa de espinhos é uma forte representação do sacrifício de Jesus. No entanto, ousei tirar uma licença poética para reelaborar a simbologia original. Nesta ilustração, há tons mais opacos e as arestas imperfeitas no fundo, um cenário de mundo. No primeiro plano, a coroa de espinhos, ao invés de seca, verdeja e exibe inesperados botões. E a rosa carmim ao centro já desabrocha feito um coração, cheio de amor, esperança e vida pulsante (Maurício Negro).

CAPÍTULO 5: COM ESTILO MARISTA PRÓPRIO



Desejei muito encontrar uma representação inspiradora de Maria. Pretendia, desde o início, que estivesse relacionada à maternidade, do modo mais puro e natural possível. Por fim, achei um modo botânico de relacionar mãe e filho, Maria e seu menino Jesus. De modo geral, as tulipas costumam simbolizar o amor perfeito, verdadeiro e eterno. São elas as primeiras flores a vicejar na primavera, e a sinalizar renascimento. Sob tons rosados, a tulipa que ainda remete à felicidade e à confiança. Pronto, foi possível ilustrar assim os princípios fundamentais da educação marista! Ainda mais porque diversas outras espécies de flores rodeiam a tulipa no jardim (Maurício Negro).

CAPÍTULO 6: NA INSTITUIÇÃO ESCOLAR



Para este capítulo era preciso achar uma maneira de representar os desdobramentos da regra de ouro: as obras educativas, as escolas propriamente ditas, as obras sociais, as instituições de educação superior e todos os outros territórios e domínios onde se aplicam os quatro pilares da educação marista. Mais uma vez, a mensagem está metaforicamente entranhada no jardim. Flores amarelas se entrelaçam. Parecem compartilhar o mesmo caule, a mesma seiva, os mesmos polinizadores e certamente as mesmas raízes. Todas as grandes flores amarelas buscam o mesmo sol. Um segundo e mais atento olhar irá revelar, posso supor, as silhuetas humanas disfarçadas de pétalas, cada qual participando de uma ciranda de trocas, vivências, conversas e boas partilhas (Mauricio Negro).

